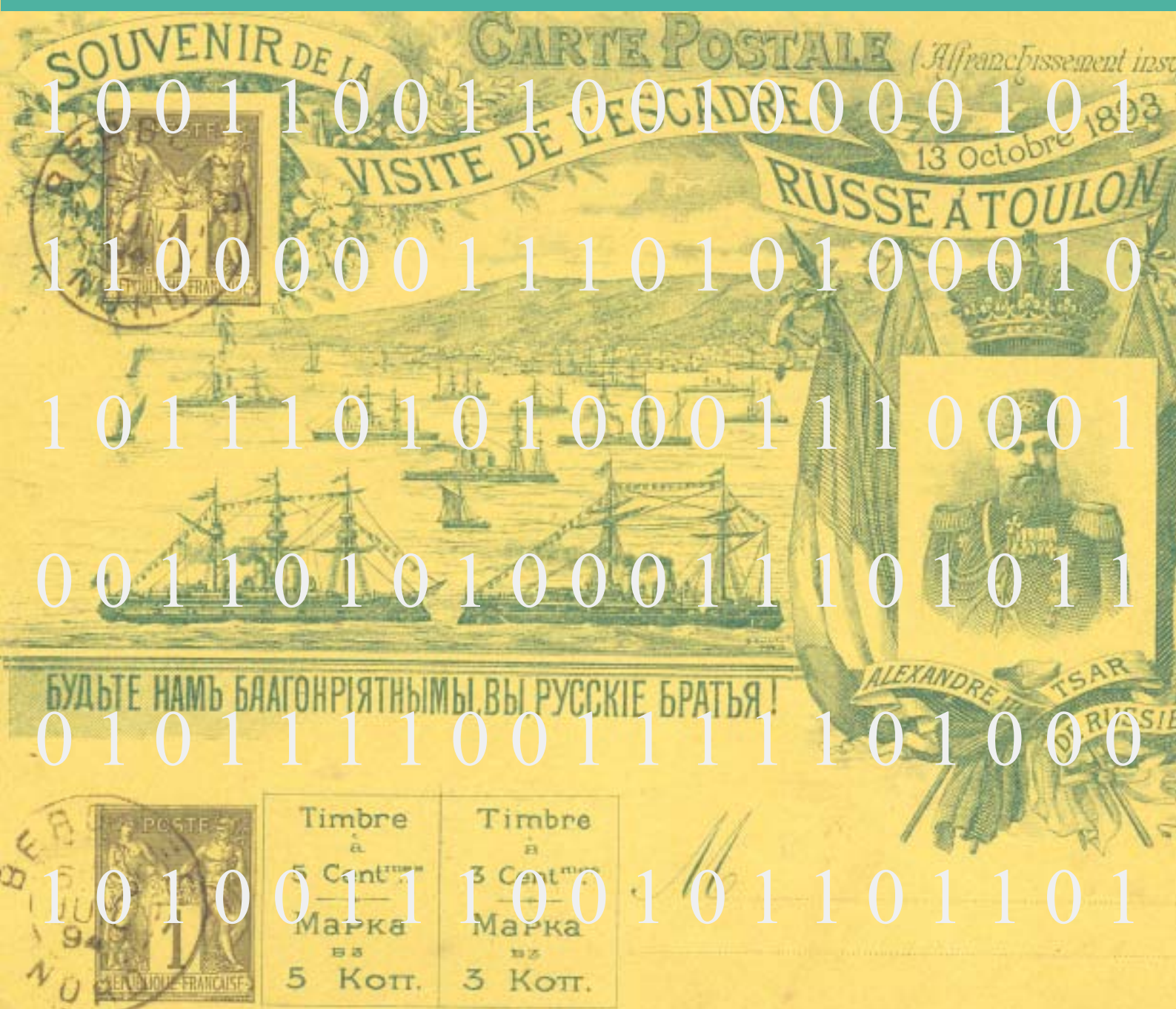


Um Certo Olhar pela Filatelia

Luis Eugénio Ferreira



Autor: Luís Eugénio Ferreira

Título: Um Certo Olhar pela Filatelia

Editor: Edições Húmus Lda^a

Colecção: Biblioteca Electrónica de Filatelia (e-B)

Director de Colecção: Carlos Pimenta (pimenta@fep.up.pt)

Edição: 2^a (Jan. 2006) [1^a edição realizada pelo Clube Nacional de Filatelia]

Composição: Papelmunde Lda.; Vila Nova de Famalicão (colaboração de Adélia Magalhães)

ISBN: 972-99163-3-0

Localização: <http://www.filatelicamente.online.pt>

<http://www.caleida.pt/filatelia>

Preço: gratuito na edição electrónica, acesso por *download*

Solicitação ao leitor: Transmita-nos (pimenta@fep.up.pt) a sua opinião sobre este livro electrónico e sobre a Biblioteca Electrónica de Filatelia.

© **Edições Húmus Lda**

É permitida a cópia deste e-livro, sem qualquer modificação, para utilização individual. Não é permitida qualquer utilização comercial. Não é permitida a sua disponibilização através de rede electrónica ou qualquer forma de partilha electrónica.

A reprodução de partes do seu conteúdo é permitida exclusivamente em documentos científicos e filatélicos, com indicação expressa da fonte.

Em caso de dúvida ou pedido de autorização contactar directamente o director de colecção.

Índice

Prefácio	5
Nota Introdutória	9
Um Olhar pela História	10
1	11
2	25
3	29
4	35
5	47
6	53
7	63
8	67
9	71
10	77
Um Olhar pela Filatelia Moderna	81
1	81
2	87
3	93
Um Olhar sobre Outros Aspectos Pertinentes	99
Correio sob Tensão	99
Correio sobre os Limites	107
Breve Incursão Linguística sobre a Filatelia	115
Caridade Filatélica	119
O Correio do Futuro	123

Prefácio

O livro e o e-livro (livro electrónico) são duas realidades sociais cristalizadoras de usos e costumes, de imutabilidade e inovação.

São duas realidades indissoluvelmente ligadas pela sua função: transmitir pela escrita um conjunto de informações, servir de elo de ligação entre o autor e o leitor. Ambos representam de forma perene a posição de quem o escreveu, eventual testemunho de uma época e de um seu grupo social.

Essa ligação intrínseca faz com que haja mais complementaridades que conflitos entre essas diversas formas de comunicar. Uns leitores preferirão uma forma de leitura, outros outra. Uma é mais proveitosa em livros de leitura sequencial enquanto a outra parece particularmente adaptada à procura e leitura temática. Uma transporta toda a gravidade da palavra enquanto a outra aberta ao multimédia ressalta mais intensamente a apresentação. Uma permite associar à vista da leitura o odor e o tacto do papel, a que associamos recordações da infância, enquanto a outra preenche mais plenamente a vista e pode associar a audição. Uma é a companheira da mesa de cabeceira, do banco do jardim ou do autocarro, enquanto a outra é a amiga sempre disponível com um toque no computador.

Contudo, como realidades sociais que são, a nossa relação com o livro e o e-livro é simultaneamente uma relação nossa com a cultura, uma exteriorização de práticas, hábitos e usos que interiorizámos em muitos anos de socialização. O livro transporta o peso secular de uma prática enraizada,

comungada, estimulada ou reprimida; é um símbolo de civilizações e povos. O e-livro, pelo contrário, é o recém nascido que tenta dar com segurança os primeiros passos, procurando conquistar um espaço de aceitação que ainda não lhe pertence, que olha para o futuro com a arrogância do domínio tecnológico, ainda menos simpático para o comum dos mortais.

Tanto será fundamentalismo prognosticar a vitória inexorável do e-livro, como a imortalidade do livro. Não existem condições para fazer previsões cientificamente válidas. O que podemos dizer é que neste momento coexistem e nos tempos próximos assim continuarão. Por isso acarinhámos as duas formas de escrita.

Independentemente destas considerações os livros electrónicos apresentam para nós vantagens extremamente grandes. O custo de produção de um livro electrónico é muito menor que de um livro, os seus circuitos de distribuição são tendencialmente gratuitos e pode-se chegar a leitores que de outra forma nunca teriam conhecimento da sua existência, nunca o adquiriram e nunca o leriam.

Num país em que a filatelia é um fantasma da fama que já granjeou, em que a maioria das empresas (públicas ou privadas) associadas ao negócio são pouco expressivas e capazes de zelar pelo seu interesse numa estratégia de longo prazo, em que se afasta burocraticamente o selo da sua utilização na correspondência, em que uma parte da classe política desconhece a importância do lazer no encontro da dinâmica social com as idiossincrasias pessoais, e quiçá terá que ir ao dicionário ver o que significa “filatelia”; num país em que as instituições filatélicas da chamada “sociedade civil” é incapaz de encontrar rumo, conjugar esforços, sobrepor os interesses colectivos à mesquinhez individual e aos projectos pessoais de efémero poder; num país assim apostar fortemente na produção de livros electrónicos é importante. A popularidade granjeada por esta colecção comprova-o inequivocamente.

Ao fazermos a segunda edição é da mais elementar justiça formular publicamente um agradecimento muito especial a Luis Eugénio Ferreira.

Em primeiro lugar porque teve a coragem de elaborar este livro especificamente para edição electrónica. Quando a ideia desta colecção foi lançada Eugénio Ferreira foi o primeiro a

responder positivamente e a entregar um exemplar pronto para edição. Talvez com alguma nostalgia por ser um e-livro e não um livro, mas respondeu prontamente ao desafio. Os *downloads* obtidos durante a anterior edição aí estão para comprovar que o seu entusiasmo foi recompensado.

Em segundo lugar porque é o filatelista ilustre, o amigo sincero, o escritor assíduo que, com empenhamento, entusiasmo, pedagogia e qualidade, sempre nos habituou a pensar filatelia e socialmente ao ler os seus textos. Aprendemos sempre muito com a leitura dos seus trabalhos, de filatelia ou outros.

Obviamente que este agradecimento especial ao autor, feito com muita amizade e sinceridade, exige que estendamos este nosso agradecimento a quantos têm colaborado connosco nesta epopeia de pôr em linha uma colecção de e-livros filatélicos. A todos os nosso obrigado.

Estamos convictos que o projecto ainda só está no início.

Carlos Pimenta

Nota Introdutória

Um certo olhar pela filatelia, é na sua essência, uma compilação das notas que venho elaborando ao longo de trinta anos, colaboração dispersa por diversas revistas e boletins filatélicos (alguns já desaparecidos), incidindo sobre algumas questões pertinentes do fenómeno filatélico, e onde tenho procurado defender a ideia de que antes de tudo, a filatelia representa na sua essência, um poderoso auxiliar da História.

Defendo ainda que o selo, para lá da sua função postal, como corolário da organização proposta em seu tempo por Rowland Hill, funcionou como um dos elementos fundamentais na afirmação da soberania dos Estados modernos, e são abundantes os exemplos que ilustram essa ideia.

Em muitas outras notas proponho uma reflexão sobre os problemas inerentes ao coleccionamento filatélico, tomando quanto possível uma visão sociológica nos seus diversos aspectos. Não podemos ignorar hoje quanto a filatelia representa como um meio de aproximação e relacionamento entre as pessoas, vencendo as diferenças que porventura nos separam no tocante a raça, religião, ou credo político.

Proponho deste modo algumas reflexões, talvez marginais, em relação aos aspectos técnicos do coleccionamento filatélico, que têm sido tratados por ilustres autores, e aos quais eventualmente me referirei quando oportuno.

Todas as notas e artigos que constituem a presente compilação, foram revistos e alterados no sentido de criar uma certa homogeneidade ao trabalho que ora se apresenta.

Nesta oportunidade, patenteio os meus agradecimentos à **Filatelia Portuguesa** onde publiquei a maior parte da minha colaboração, e ao seu actual director, **Dr. Carlos Pimenta**, que sempre me honrou com o seu apoio.



Luis Eugénio Ferreira

Santarém, inverno de 2001
Luís Eugénio Ferreira

Um Olhar pela História

O selo e a História – Definição da filatelia como auxiliar da História – Incursões históricas, incidindo sobre a Europa do século XIX – Notas sobre a história da filatelia

1.

Num sentido lato, todo o selo é um documento histórico e a filatelia, ramo do conhecimento que tem por objecto o estudo dos selos postais e/ou, paralelamente o estudo de todas as formas de franquia utilizadas na circulação postal, será obviamente uma ciência auxiliar da História.

Na realidade, porém, as coisas não poderão ser encaradas com tamanha simplicidade, pois não saberemos dizer até onde o “coleccionismo”, isto é, “a paixão de coleccionar” se



O Snr. A Houlbrique, residente em Le Havre, França escreve a G. B. Solary de Alexandria, propondo-lhe trocar selos dos respectivos países. Tendo sido riscada a referência ao Egipto, onde fica a cidade de destino, o postal andou a circular pelo mundo. Colocada a 26 de Fevereiro de 1897 chegou nesse mesmo mês à Beira, Moçambique. Só depois seguiu para o Cairo, tendo chegado a 7 de Março, data em que também deu entrada em Alexandria. Registe-se, como curiosidade, que na segunda linha do destinatário se coloca a indicação "Philatéliste". A qualidade de filatelista era digna de expressa indicação.



Um selo e um carimbo simultaneamente pedagógicos e bonitos.

terá hoje sobreposto aos fundamentos que estruturam a filatelia e a impõem como uma categoria do conhecimento histórico.

Um coleccionador de borboletas não terá que ser necessariamente um entomólogo, no sentido rigoroso de que as suas motivações profundas poderão não assentar exactamente sobre o estudo científico e sistematizado dos insectos, pois se podem basear muito simplesmente num critério de pura estética, por exemplo.

O coleccionador de selos postais, pode assim encarar duas formas para a sua actividade.

A primeira, tomando-a como um acto “científico” envolvendo a pesquisa e a sistematização histórico-documental, a segunda, encarando-a pelos seus aspectos estéticos e criativos, senão mesmo pelas suas potencialidades no domínio pedagógico e didáctico.

Coloco de fora os que tomam a filatelia como uma forma de investimento (por vezes bastante lucrativa), de onde logicamente, excluo os comerciantes filatélicos, que a tomam como objecto lícito do seu negócio, possibilitando a criação de stocks que de outro modo se não conseguiriam.

Marcamos assim, no início destas notas, as duas correntes fundamentais do coleccionismo filatélico, que importa reter separadamente.

É certo que uma não exclui a outra, antes estabelecendo uma relação de complementaridade, pois a colecção de borboletas que o amador organizou, por uma motivação de ordem estética, preocupado somente com o colorido e o exotismo das formas dos seus exemplares, é por certo e sempre um precioso auxiliar do entomólogo que deseje documentar-se sobre lepidópteros. Grandes colecções de selos e de outros documentos postais, são sempre, seja



A Comuna de Paris em selos da República Democrática da Alemanha (RDA)

qual tiver sido a motivação que lhes deu origem, fontes seguras para o seu estudo histórico.

Arthur Maury, conhecido como um dos pais da filatelia, compreendeu bem essa ligação íntima da filatelia aos rumos surpreendentes da História, legando-nos preciosas notas sobre a sua experiência, de que destaco as que se referem sobretudo ao perturbante período da Comuna de Paris que ele viveu empenhadamente.

Maury, que acompanhou os primeiros passos do coleccionismo filatélico, mostrar-se-ia bem relutante em aceitar as emissões ditas comemorativas que começavam então a surgir, considerando-as como uma intromissão ou uma excrescência em relação à filatelia. Corrigiremos este seu ponto de vista, com a visão contemporânea do coleccionismo temático, que procurando resolver os problemas abertos ao colecionador, acabou por criar novos rumos para a filatelia, tida não já só como uma evidente ciência auxiliar da História, mas igualmente tomando a História como uma sua própria auxiliar.

A seu tempo voltaremos a reflectir sobre este assunto.

Fixemo-nos por agora, sobre as primeiras emissões postais.

A criação do selo adesivo por Rowland Hill, é, indiscutivelmente um dos grandes acontecimentos históricos contemporâneos e não será o facto de a maior parte dos Compêndios de História o não fixarem nas suas páginas, que a sua importância possa ser tida como menos significativa.

Deste modo, as primeiras edições postais, (ditas históricas), têm um valor documental indesmentível.

Importaria um estudo crítico, que está por fazer, considerando as múltiplas coordenadas determinantes da sua execução, de um ponto de vista não só necessariamente filatélico.

A envolvente técnico-administrativa é por demais conhecida – assenta na publicação dos decretos, por vezes bem secos, que dispuseram à sua criação, com a consequente prática postal, ora referindo os pormenores do desenho e sua gravação, ora circunstanciando as diversas fases do seu lançamento, ora predispondo as estruturas necessárias para pôr em prática o novo sistema. Mas as motivações profundas que o selo reflecte como documento – tomado como a essência da própria História - raramente são referidas. E é quanto a mim o verdadeiro ponto de partida.



Sir Rowland Hill. 1795 - 1879.
Fonte: *The Guinness Book of Stamps. Facts & Feats*



Grã-Bretanha - Penny Black.
One Penny Black teve oficialmente a sua emissão a 6 de Maio de 1840



1842 - Postal (inteiro) Mulready de 1p.
Fonte: *Catálogo Leilão Afinsa: Colección 20 Aniversario*

Léon Salefranque, na sua “história do selo”, demasiado preocupado com a evolução etimológica do termo, indica que o selo, *tomado agora como a percepção de um imposto, se secularizaria no sentido pelo qual hoje o tomamos*. Corrijo a observação em dois pontos. Rectifico a tendência (talvez lógica) para considerar o selo postal (paralelamente ao selo fiscal), como um instrumento de percepção de um imposto.

Não. O selo postal é apenas a marca que formaliza e evidencia o contrato tácito entre um expedidor de uma missiva ou qualquer outro objecto postal, e um serviço público que toma expressamente a seu cargo o transporte e a entrega a um destinatário dessa missiva ou desse objecto postal.

Poderíamos, evidentemente, chamar-lhe *vinheta móvel*, *recibo de porte*, *porte pago*, como chegou a ser sugerido, e aí, talvez que Salefranque toque direito no aspecto das motivações. Mas o segundo ponto, carece de uma reflexão cuidada. Não é só aos *selos* (*siggilus*) ou aos timbres (cabeção heráldico, parte superior do escudo), que o selo postal vai buscar os seus primitivos figurinos, e bastará o estudo analítico das primeiras emissões para confirmar a minha razão.

Com efeito e apenas por circunstâncias históricas determinantes, essas primeiras edições buscam invariavelmente os seus motivos gráficos, não só nas heráldicas (armas e brasões), como também nos motivos consagrados pela numismática, na ausência de outros modelos disponíveis na altura, e aí, as efigies dos soberanos reinantes, eventualmente certas figuras mitológicas ou até conceitos abstractos antropomorfizados pela convenção (a Paz, a Justiça, a República, etc.), cobrem praticamente todas as emissões, durante os primeiros 50 anos da história da filatelia.

Fixemo-nos agora sobre o seguinte quadro:



Exemplos de selos reproduzindo soberanos: Espanha e Portugal.

Fontes: Catálogo Leilão Afinsa: Colección 20 Aniversario e Albúm de Portugal de Carlos Kullberg (no prelo)

1- Séries apresentando efigies de soberanos reinantes:

(Monarquias unificadas com forte centralização. Soberanos descendentes da aristocracia tradicional europeia):

Baviera / Prússia / Saxe - Áustria / Bélgica / Espanha / Grã-Bretanha / Hungria - Sardenha / Itália - Luxemburgo - Países Baixos - Portugal.

2 - Armas e brasões - Motivos heráldicos diversos:

(Países sujeitos a ocupação ou em sistemas de união de reinos, sem correspondente adequação étnica ou política):

Bade - Bergedorf - Bremen - Brunwik - Hamburgo - Lubeck - Oldenburgo - Holstein - Áustria - Bósnia - Bulgária - Finlândia - Duas Sicílias - Rep. Lombarda - Modena - Noruega / Suécia - Polónia - Roménia (sob ocupação) - Suíça (correios cantonais) - Rússia .

3 - Motivos mitológicos:

França (caso específico que analisaremos à frente), Grécia (de recente independência).

Desde logo o selo foi tomado consensualmente como um sinal definidor da soberania dos Estados e de certa maneira, como o seu mais próximo representante diplomático.

Assim o entenderam todos os Estados que prontamente emitiram os seus selos postais, como forma de se confirmarem pela demonstração consensual da sua soberania.

Permitam-me neste ponto, umas breves incursões históricas:

Vejamos como todos os Estados que viriam a constituir o Império Alemão, se afirmaram através das suas emissões postais, cujo estudo atento nos permitirá seguir a evolução histórica das suas lutas, até que a unificação alemã fosse uma realidade.

Em Maio de 1849, convocados pela Prússia, os delegados dos Estados alemães, reuniam em Erfurt, a fim de alterarem a sua constituição federal. Formava-se então a união restrita, a que não adeririam a Áustria (selos Império Austríaco), a Baviera (selos Bayern 1849) e o Wurtemberg (selos 1851 - reino).

Então, sob a ameaça da Áustria, Frederico Guilherme IV em Setembro 1849 (1ª emissão da Prússia) contemporiza com um regime intermédio, enquanto Hanôver (reino, selos 1850), abandonam a reunião.

Em 1868 estabelece-se a Confederação da Alemanha do Norte (1ª emissão 1868) e a partir de Dezembro 1870 era consagrada a unificação de um Império Alemão.

Ficam-nos as emissões dos seus Estados, como testemunhas imperecíveis da sua História, a que juntaremos refe-



Exemplos de "Armas e Brasões": 1º selo da Noruega, 2º selo da Roménia, selo suíço do cantão de Zurich, 4º selo da Suécia. Fonte: *Leilão J. Robineau*



Exemplo de "Motivo Mitológico". Selo da Grécia catalogado em YT como 3a. Fonte: *Leilão J. Robineau*



O Império Alemão em 1871

rência às emissões de Tour e Taxis que em virtude de antigos privilégios (foi sob sua égide que se organizou a primeira e mais completa rede de correios na Europa Central), manteve as suas emissões até à compra dos seus direitos pela Prússia em Junho 1867. Por feliz coincidência, o aparecimento das primeiras emissões de selos, no seguimento da adopção da nova reforma postal, vai de par com os perturbantes acontecimentos ocorridos um pouco por toda a Europa, ora no sentido da centralização do poder, ora no do restabelecimento de um novo mapa de fronteiras e consequentes ocupações territoriais, o que não podia deixar de se reflectir sobre a própria estrutura dos selos emitidos, tal como vimos demonstrando.



Mapa de parte dos Estados Italianos em 1811.

Também os antigos Estados Italianos deixaram as marcas das suas dissensões, até alcançarem a unidade, sob a autoridade de Victor Emanuel II (1ª série de Itália 1862), absorvendo, após um percurso nem sempre pacífico, o reino de Nápoles (1ª série 1851), a Sicília (1ª série 1859), a Lombardo-Veneza (província austríaca, usando selos da Áustria, suprimidos pela Itália em 1866), o ducado de Modena (1ª série 1852), o ducado de Parma (1ª série 1852), o reino de Sardenha (1ª série ostentando a efígie de Victor Emmanuel II) e o grão-ducado de Toscana (1ª série 1851).

Do mesmo modo referiremos as primeiras emissões da Hungria, que simultaneamente serviam na Áustria (com a particularidade de não trazerem nenhuma inscrição além do seu valor em kreuzer), mesmo após a independência da Hungria, proclamada pelo Compromisso de 1867. De facto, só a partir de 1871 a Hungria emite os seus primeiros selos privados, consolidando assim a ideia consensual da sua soberania.

Aludiremos ainda ao exemplo dos selos da Bulgária, dividida entre o principado da Bulgária do Norte e a Rumélia, incluindo a Trácia e a Macedónia que utilizava os selos turcos sobrecargados até que a Rumélia se uniu à Bulgária, passando a utilizar os seus selos, com a sobrecarga do Leão e as armas búlgaras. A adopção de selos comuns em 1885, confirma historicamente a nova soberania e a sua unidade política.

É natural portanto, que a escolha dos primitivos motivos gráficos ou figurinos a inserir nas fórmulas postais, nem sempre foi tarefa fácil.

Estava-se sobre o acontecimento histórico, pelo que o selo era de facto visto mais como um documento do que é hoje,

em que uma certa alienação feitichista nos leva a encará-lo sob múltiplos aspectos completamente diferentes.

Daí que filatelistas e autores desse tempo, se refiram nas suas crónicas e observações, aos condicionalismos políticos que envolveram a sua criação e lançamento consequente. A não compreensão desse facto e a interpretação dos fenómenos filatélicos originais, á luz dos conceitos modernos, poderão induzir à formação de falsas ideias e precipitadas conclusões.

Tal se conclui das afirmações legadas por Pierre Yvert numa pequena brochura comemorativa do Centenário do Selo Francês, editada em 1949, sob o título de certo modo pretensioso: *As emissões de França e a evolução do espírito. Dizia ele: Nós (franceses), registamos tudo, reagimos a tudo. Reparem nos fleumáticos ingleses – não há certamente país onde o gosto da discussão se tenha desenvolvido tanto; como nós, os ingleses sentem e reagem, mas não é sobre os seus selos que podemos procurar a materialização dos seus sentimentos.*

De rainha em rei, a efígie do soberano reinante, basta para afirmar a sua fidelidade patriótica; nenhum país utilizou menos do que eles, o selo postal, como meio de propaganda ou de comemoração.

É uma observação de cariz psicológico, mas que se fundamenta sobre o primado de que o selo tem que ser necessariamente um meio de propaganda e de comemoração, reflectindo os puros sentimentos patrióticos.

Tal concepção é posterior ao advento histórico do fenómeno postal e só no princípio do século recolhe a sua completa actualidade.

À data das primeiras emissões, quando a cada país é posto o problema da emissão postal, segundo o novo sistema, as considerações que se tecem inscrevem-se invariavelmente sobre os aspectos políticos determinantes. O selo postal não tinha sido ainda encarado como um objecto coleccionável, nem ninguém se tinha debruçado sobre os aspectos decorrentes da sua circulação interna e externa, como veículo de ideologias.

Não nos foi fácil recolher os textos e intervenções produzidos pelos departamentos emissores até ao projecto definitivo das primeiras vinhetas postais. Em inúmeros casos, porém, a representação gráfica do soberano (por exemplo), mostra-se de tal modo óbvio e lógico que não suscitam



Na obra acima referida (da responsabilidade da UPU, decidida em 1994, mas só publicada em 2000/2001, edição sem data) atribui-se ao selo uma multiplicidade de funções para além da sua função original: valor equivalente à moeda, promoção da imagem de um país e seu “embaixador”, declaração de soberania e de pertença a instituições internacionais, imagem de marca de um serviço, meio de propaganda, ferramenta de marketing, como presente e, obviamente, como objecto de colecção, directa ou indirectamente. De facto uma leitura económica, sociológica, simbólica e política do selo permite-lhe atribuir esses diversos significados, mas frequentemente isso está associado a uma subestimação do seu verdadeiro significado, o que só pode ser contraproducente.

quaisquer dúvidas

O projecto e o decreto que instituiu o primeiro selo português, ilustra perfeitamente essa evidência. As controvérsias levantavam-se apenas quando a efígie de um soberano se tornava impossível ou não aconselhável politicamente, isto é, por razões necessariamente historicistas. Tal o caso da França, em que a segunda república afastava essa possibilidade.

O decreto de 30 de Abril de 1848, que autorizava a fabricação e venda de selos a partir do dia primeiro de Janeiro de 1849, nada ilucida sobre esse ponto, mas os textos anteriores que se conhecem, aludem-lhe directamente.

Falava-se num deles, sobre uma efígie da República, outro aludia a uma cabeça, figurando a Liberdade. Mas a encomenda feita ao gravador Barre, refere-se a Ceres, deusa da agricultura e símbolo das colheitas abundantes.

Mas tê-lo-ão todos reconhecido assim ?

A verdade é que textos em que Maury se refere a essa primeira emissão, é sempre como **Liberdade**, e no seu catálogo de 1897, ainda essa série nos surge com a designação de **Liberté à gauche**

Liberdade à esquerda, não tem aqui obviamente a conotação política a que porventura possamos ser induzidos, pois significa apenas que a efígie da Liberdade está de perfil, olhando para o lado esquerdo.

A conotação que se extrai desta observação, e a de que são, apesar de tudo, as considerações de ordem política e histórica que estão na base destas emissões.

A filatelia não era ainda conhecida no preciso sentido por que hoje a entendemos e Pierre Yvert, ainda no seu citado artigo, quando se refere ao caso particular da França, escreve:

Como era hábito tomar por motivo a efígie do soberano, que iria fazer a França, dado que não havia nenhum rei?.

O ilustre teórico admite a adopção da efígie do soberano como um mero hábito – mas hábito, é a disposição adquirida por actos reiterados, o que invalida a sua hipótese, dado que se tratava, justamente das primeiras emissões, portanto sem qualquer antecedente expresso. Exceptuam-se talvez, os selos fiscais, com os quais os selos postais se chegaram a confundir e inúmeros casos há em que os efeitos postais admitem selos fiscais com sobrecargas adequadas,

de que podemos dar como protótipo o selo de Nova Gales do Sul de 1885 com sobrecarga *Postage*.

Mas Yvert esqueceu-se ainda das dezenas de emissões feitas pelas muitas Repúblicas que já existiam no segundo quartel do século XIX, como se esqueceu dos inúmeros Estados em que politicamente se tornava impraticável a figuração de um soberano nos seus documentos oficiais, a que aludimos já.

Não são hábitos, são condicionalismos históricos. Tais condicionalismos, quando bem entendidos, suscitam considerações de outra ordem, como as que Maury produz invariavelmente e talvez por isso ele seja o primeiro grande teórico da filatelia

Quando foi introduzido em França, depois de concorrido concurso, o arranjo mitológico Paz e Comércio, filatelicamente conhecido pelo nome de *Mouchon*, seu gravador, Maury comenta:

Muitos sugerem a inserção num selo, da efigie do Presidente Carnot. Ele representa tão dignamente a França, que seria inútil procurar uma simples alegoria. Mas infelizmente os usos numa República, opõem-se a isso – é uma honra póstuma igual à erecção de uma estátua.

Maury entendia como usos numa República, os condicionalismos históricos impostos aqui por uma mera questão de regime.

É preciso honrar M. Carnot, não só com esplêndidos funerais, monumentos e estátuas, mas igualmente com um selo postal que lembrará sempre e em todo o lado, a sua figura doce e benevolente.

Maury não se contradizia acerca dos usos impostos por uma República e ele próprio nos indica os exemplos a seguir, na medida em que um puro acto político permitia abrir excepção, gravando sobre os selos, a efigie de um Presidente.

Escreve ele ainda:

Quando em 1865, Abraão Lincoln foi morto no Teatro por um actor, e em 1881, Garfield é atingido por duas balas que o levam à morte, os Estados Unidos reproduziram de cada vez, sobre os selos, as efigies desses presidentes, eles próprios assassinados por fanáticos e apenas pelo simples facto de que eram os primeiros magistrados de uma Nação.

A adequação política, era assim estabelecida, dentro dos



Última representação de Lincoln antes de ser assassinado.

princípios que temos vindo a defender.

Saudando a série de Espanha de 1894, Maury desenvolve este brilhante comentário:

O rei Afonso XIII não se reconhece já sobre os seus selos. O menino cresceu, tornou-se um rapazote.

Esta mudança, porém, sobre os selos, não é para nos desagradar – cada evolução deve ser marcada na colecção, a despeito de alguns atrasados que não vêem mais que uma mania na paixão dos selos. Não podemos citar melhor exemplo que esta colecção de Espanha, que resume em algumas páginas, toda a história política desse país, desde 1850, com as suas revoluções, as suas insurreições, as suas mudanças de dinastia, etc.

São estes os factos e as razões que nos fazem entender a filatelia, como um precioso auxiliar da História.

O que exige de nós uma atitude declaradamente crítica e atenta em relação ao mundo que nos rodeia, com o reconhecimento de como a filatelia vem acompanhando de perto o tumultuoso curso da História.

Permita-se-me uma incursão sobre os perturbantes acontecimentos ocorridos no seio da Europa nos primeiros anos do século XX. Sem perder de vista o fio filatélico.

As guerras sempre deixam marcas indeléveis sobre a História, perturbando o curso normal da vida dos povos e alterando profundamente as relações entre as Nações, ou pondo em causa a sua coexistência. Assim se compreende que a Grande-Guerra (14/18) tenha alterado profundamente a estrutura geo-política da Europa, pondo a nu os seus imensos problemas estruturais, cuja solução implicaria esforço, o sacrifício de vidas humanas e a mobilização de recursos incomensuráveis.

Não nos surpreende assim que muitos desses acontecimentos tenham deixado marcas impressas sobre os selos emitidos durante esse período, acompanhando e documentando as grandes alterações a que a guerra obrigou.

Muitos desses problemas estruturais (geo-políticos ou até ideológicos) sobrepuaram-se ao próprio tempo, para irromperem numa segunda guerra e aí deixarem de novo impressos os seus sinais, sobre esses pequenos quadradinhos de papel, cuja importância como definidores de soberania ou tutela política, é assim posta em relevo, uma vez mais, de forma decisiva, como referiremos mais à frente.

Ignoramos a situação diacrónica dos graves problemas que ainda hoje subsistem no espaço, afectando a reordenação de vastas regiões sobretudo na Europa Central, mas temos a convicção de que a sua resolução terá sempre uma equivalente filatélica adequada, à atenção dos filatelistas do futuro.

Mas vejamos para já esse centro tumultuoso, de onde parecem emergir todas as guerras, forjando a grande complexidade política em que a Europa viveu no princípio do século que recentemente deixamos.

Com efeito, a partir de 1918, o equilíbrio europeu assentou, talvez precariamente demais, em soluções de compromisso, ora pela criação artificial de alguns Estados, ora pela união consensual de alguns outros, ora por ocupação territorial mais ou menos consentida.

Obviamente que apenas referiremos, de forma esquemática algumas dessas soluções, pelas suas equivalentes filatélicas mais evidentes.

Tomemos então como primeiro exemplo, a Hungria, país milenariamente independente, cuja História filatélica começa pelos primeiros selos da Áustria, prolongando-se pelo Império Austro-Húngaro, designação que ainda se mantém em 1912, sobre os selos da Bosnia Herzgovina com sobrecarga KUK-FELDPOST.

Após a guerra 1918, vemos o norte do país *Slovaquia* ligar-se à *Checoslováquia* (recentemente criada à custa de parte das províncias austríacas da Boémia e Morávia, o leste, *Transilvânia* ligar-se à Roménia e a parte sul fundindo-se à também recém criada Jugoslávia, incorporando a Croácia, junto com as outras províncias eslavas do antigo reino dos Servo-Croatas-Eslovenos, que utilizava como vimos, selos da Hungria sobrecarregados SHSHRVATSKA. A cidade e o porto de Fiume, tornam-se por sua vez italianos (sobrecarga FRANFRANCO FIUME) e o comando francês de Arad, faz sobrecargar (OCCUPATION FRANÇAISE) sobre os selos do território à sua guarda. O que resta do país, cerca de 1/3 do seu antigo espaço nacional, torna-se república. A monarquia só virá a ser restabelecida em 1920, legendando os selos com MAGYAR KIR-POSTA.

Com o fim da guerra de 1945, é de novo restabelecida a república passando a ter a designação de República Popular a partir de 1949.

Sigamos agora o exemplo da Checoslováquia, que de 28



Bloco emitido em 1991 para comemorar os 120 Anos do Primeiro Selo Hungaro. O bloco apresenta o carimbo com a primeira data conhecida de circulação.

Fonte: <http://vattepain.free.fr>



Mapa da Jugoslávia como Estado.

Outubro 1918 a 28 de Fevereiro 1919 usou os selos da Áustria e da Hungria, sem qualquer sobrecarga, os primeiros na Boémia e Morávia, os segundos na Eslováquia.

Em 1939 porém, foi criado o protectorado da Boémia e Morávia, tendo a Eslováquia declarado a sua independência. Os selos checos em curso foram então sobrecargados SLOVENSKI STAT 1939. Em 1945, no termo da guerra. A Checoslováquia é reconstituída sob a forma de República Democrática. A sua recente separação em República Eslovaca e República Checa, vai de novo alterar as suas emissões postais, interrompidas por circunstâncias históricas ao longo de algumas décadas.

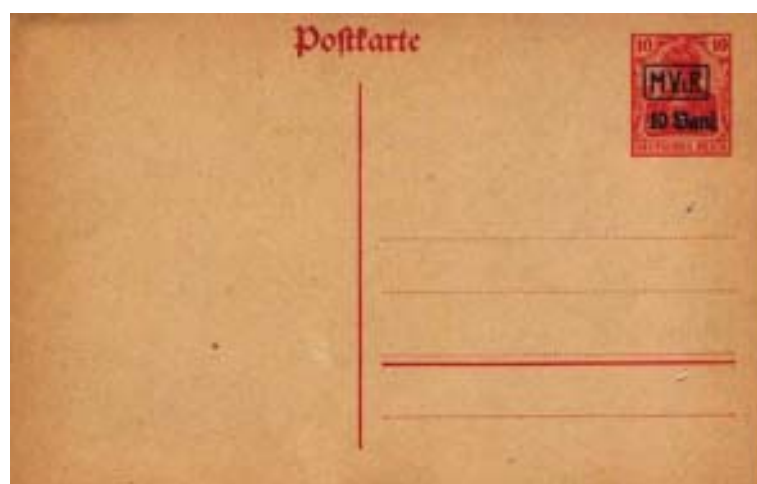
O mesmo problema se colocará em relação à Jugoslávia, já em vias de desagregação. Como sabemos, antes da guerra 14/18, a Jugoslávia era formada por uma parte da antiga Sérvia, pelo Montenegro, pela Bósnia Herzgovina, pela Croácia incluindo a Dalmácia e as províncias eslovenas. O país assim constituído, formou o reino dos Servo-Croatas-Eslovenos, emitindo cada um desses Estados, selos próprios. Mas a partir de 1931, o frágil reino mudou o seu nome para Jugoslávia, que passou a emitir os seus selos com essa mesma designação.

Uma vez mais o selo nos surge como um padrão definidor da soberania de um território e o seu fiel testemunho.

A segunda guerra mundial vem uma vez mais alterar esta situação estrutural. A Croácia e a Sérvia emitem então, independentemente, os seus selos; os italianos, como resultado da sua ocupação, sobrecarregam os do Montenegro; os da Eslovénia são sobrecarregados pelos italianos e pelos alemães, mas em 1946, no termo do conflito, a

Inteiro Postal da Roménia no período da sua ocupação pela Alemanha.

Fonte: <http://postkort.topcities.com/index.htm>



Jugoslávia surge de novo, agora como República Democrática Federativa, voltando os seus selos a ser comuns a todos os seus territórios.

Os acasos da História, não permitirão essa situação. A recente dissolução da Jugoslávia, vai permitir de novo a independência da Croácia e da Sérvia.

As ocupações militares e as mutações territoriais causadas pela guerra, estão também, como vimos, na origem de inúmeras emissões postais. É assim que aparecem só em relação ao território Romeno, uma série de ocupação búlgara, duas séries de ocupação austro-húngara, e várias emissões de ocupação alemã, referentes apenas ao período 1917-1918. Por seu lado a Roménia emite em 1919, séries de ocupação da Transilvânia, Cluj e Timissoara.

As guerras balcânicas recaem sobre os selos gregos de 1912-1913, pela ocupação de Lemnos, Icarie, Cavalle, onde também funcionou um posto francês, e Mytilène, onde os selos da Turquia de 1908 levavam a sobrecarga ocupação grega de Mytilène, testemunhando ainda os selos, toda a ocupação grega das ilhas do mar Egeu. Em 1940, a Grécia testemunha a ocupação da Albânia, com a sobrecarga ELLENIKE DIOICCIC.

2.

Se como vimos afirmando o selo é um dos símbolos da soberania de um Estado, é natural admitirmos que ele evidencie igualmente o seu regime político, sobretudo quando, por motivos históricos esse regime se modificou. Natural é portanto, que uma monarquia que se torna república, não continue a gravar nos seus selos a efígie do seu monarca reinante. Ou então que, pelo menos, essa evidência seja anulada pelos meios gráficos disponíveis.

Os selos de Portugal de 1910, com a sobrecarga “República” sobre a efígie de D. Manuel II, é um exemplo típico desta situação. Extensiva, como sabemos a todos os selos em uso nas nossas possessões coloniais, onde ainda vigorava, eventualmente, a efígie de D. Carlos, superando a ambiguidade desses selos indicarem a designação da Colónia e a sobrecarga “República” pretender dizer respeito à tutelar República Portuguesa.

Curioso é ainda verificar como o excesso de zelo republicano, acabou imprimindo a sua sobrecarga em tudo que fosse selo, desde que existisse em stock, mesmo quando a referência ao regime anterior não estivesse expressa ou fosse evidente.

Também não nos admira o facto de em 1919, a tentativa restauracionista do Norte, tenha tido como cuidado primeiro, a edição de uma série de selos com as armas reais e a designação de “Reino de Portugal”.

Fixemo-nos no entanto nos selos da Companhia de Moçambique (como na do Nyassa), abrangida igualmente pela sobrecarga republicana, impressa descricionariamente sobre os seus belos motivos indígenas ou sobre inofensivas espécies zoológicas.

Todavia, tal ocorrência filatélica, vai permitir-nos reconhecer como a implantação da república no país da tutela, ocorreu precisamente durante o prazo da concessão feita àquelas companhias e como essa concessão foi respeitada até ao seu limite em 1941.

Intrigar-nos-à muito mais o porquê dessa concessão a favor de uma Companhia majestática, permitindo-lhes que esta se sobrepusesse ao próprio Estado, na adopção de um privilégio que exprime o conceito de soberania no complexo contexto político internacional. Talvez que a tese de



doutoramento da Dr^a Maria Inês da Costa, da Universidade Mondelane, nos ajude a compreender como o destino e a força de uma Companhia privada exerceu tão grande influência na preservação e desenvolvimento dos espaços territoriais do centro de Moçambique, afirmando a sua identidade como um espaço patrimonial português, na sequência da redistribuição formulada pela Conferência de Berlim.

A Dr^a. Maria Inês da Costa não é, ao que eu saiba, filatelista. Se o fosse, por certo que se teria referido igualmente às belas séries de selos que a Companhia emitiu ao longo da sua existência, o que confirmaria em plenitude, o exemplar papel da filatelia como um ramo auxiliar da sua investigação histórica.

Nós sabemos como a Conferência de Berlim se saldou pela vitória da política de Bismark, agravando a situação portuguesa em África, instituindo um novo direito colonial baseado na ocupação efectiva do território com desprezo pelos direitos históricos que concediam prioridade ao seu descobrimento. É lógico portanto considerarmos a importância real de uma companhia majestática que, embora exprimindo a realidade da nova política das grandes potências europeias no aproveitamento colonial africano, constituiu um marco decisivo da ocupação territorial portuguesa, como o atesta a prerrogativa da emissão dos seus próprios selos, consensualmente aceite como o sinal expresso da sua soberania.

Muitos outros países foram bem mais subtis na indicação expressa do seu regime sobre às suas emissões postais. Sabemos como a primeira emissão de França a apanha no florescer da sua segunda república, em 1849. Surge assim a legenda “Repub. Franc” sobre os selos Ceres, que se



Selos de França com as duas primeiras designações.



manterá em 1849 sobre selos com a efígie do príncipe-presidente Luís Napoleão, para acabar modificada em “Empire Franc” sobre o agora Napoleão III que Victor Hugo contestava quando dizia que depois de Napoleão o Grande, a França não toleraria um Napoleão pequeno. Em 1870 porém, a legenda tornava-se em “Repub. Franc” sob a constituição de um governo provisório (Ceres de Bordéus), para assim se manter até 1876, onde surgem os célebres selos tipo Sage, exibindo a legenda “République Française” por extenso, a qual se tornaria clássica sobre todas as demais emissões francesas.

Em 1918, a quando da implantação da república na Hungria, cujos selos ostentavam a efígie do rei Carlos, repetir-se-ia a fórmula portuguesa, sobrecargando os mesmos com “KOZTARSASAG”, isto é, República na língua magyar.

Os selos são assim um espelho dos mais perturbantes acontecimentos da História, sobretudo quando deles resultam modificações na estrutura política dos próprios Estados, tal como irá acontecer em todos aqueles territórios que alcançaram a sua independência rejeitando a tutela político-administrativa das potências colonizadoras, inaugurando assim um novo ciclo, que irá enriquecer a filatelia, e prestar um auxílio decisivo na interpretação da História.

As sobrecargas “República Popular” ou “Independência Junho 1975” ou ainda a alteração das legendas indicativas dos novos países de expressão portuguesa, “Estado da Guiné” ou “República Democrática de São Tomé e Príncipe”, como exemplos, ilustram para o futuro o momento da sua independência, mas igualmente o facto do português continuar como sua língua oficial, motivo que talvez nos deva honrar sobremaneira.

No próximo número reflectiremos como as guerras são grandes geradoras de modificações e como essas modificações podem tão claramente traduzir-se sobre os selos postais, como vimos demonstrando.

3

A filatelia, tomada no sentido de coleccionismo, também tem, como é evidente, a sua própria história.

É, diria eu, uma história paralela em relação à história do selo postal, como documento histórico-político. Mas as duas histórias, aceitêmo-lo, fundem-se por identidade. Com efeito, sendo o selo o objecto fundamental da filatelia, natural é que a sua história se reflecta sobre a história do seu próprio coleccionamento. Mas há factos específicos tão bem delimitados em cada uma dessas histórias, que para a contarmos temos sempre que as referir separadamente.

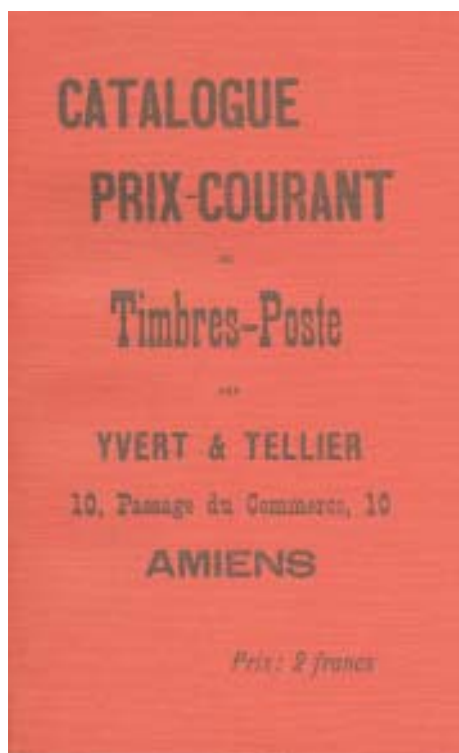
O coleccionismo considerado como uma actividade humana, tem, como sabemos uma larguíssima tradição. Mais diremos que a paixão de coleccionar, tomada no seu sentido mais generalizado, é inclusivamente uma coordenada antropológica que sempre acompanhou o Homem em sociedade. Não caberá aqui discorrer muito sobre esse facto, pois basta referir que o coleccionismo filatélico, à época das primeiras emissões, teve como antecedentes a numismática, aliás em franco desenvolvimento em meados do século XIX, a esfragística, o ex-librismo e, inclusivamente o coleccionismo de selos fiscais, que também eram praticados em certos meios.

É costume indicar-se como primeiro coleccionador, o nome de um tal Vetzel, cidadão de Lile, que desde 10 de Maio de 1841 recolhia (segundo a sua própria expressão), *as vinhetas inglesas criadas por Rowland Hill*.

Vetzel era aliás um coleccionador numismata de reconhecido valor e isso talvez explique a sua ideia de coleccionar os primeiros selos, dando início, certamente sem o suspeitar, a um dos mais sofisticados e divulgados *hobbies* criados no mundo contemporâneo.

Em poucos anos, aliás, Vetzel veria nascer as inúmeras possibilidades de uma vasta colecção, pois em 1843 apareciam as primeiras emissões cantonais suíças, em 1845 a Rússia criava o seu primeiro selo, em 1847 os Estados Unidos, a Bélgica e a França em 1849 e nos anos seguintes, sucessivamente, a Espanha, Guiana Inglesa, a Nova Gales, Saxe, o Hawai, Portugal, etc.

Vetzel morreu em 1906 e nessa data, o coleccionamento dos selos postais tinha-se de tal modo radicado e com um



Capa da 1ª Edição do Catálogo Universal Yvert et Tellier. Edição recente facsimilado, Edição original em 1897.

grau de desenvolvimento tal, que poderemos afirmar que algo de novo tinha acontecido na longa História da sociedade humana.

Em 1860, os coleccionadores são já de tal modo numerosos em França, que é criada a Bolsa do Selo, nos Jardins das Tolherias, passando em 1866 para os Campos Elíseos, frente ao Teatro Guignol onde ainda hoje funciona.

Em 1861, aparece o primeiro catálogo, edição *Potiquet*, logo seguido das edições de Moens em Bruxelas, do segundo catálogo francês de Vallete e do célebre *British Stamps Catalogue* de Mount Brown, surgido em Londres em Dezembro de 1862, data em que é editado precisamente, o primeiro jornal filatélico do mundo, *The Monthly Advertiser*.

É também em 1862 que Pierre Mahé se estabelece na Rue des Canettes, com uma casa que tinha por objecto de seu comércio, nem mais nem menos, que o selo postal, coisa que talvez não fosse muito bem compreendida na época, mas cujas possibilidades se viriam rapidamente a afirmar e a prová-lo está o facto de que muitos outros comerciantes fundaram casas com o mesmo objectivo, conhecendo uma rápida expansão.

Sabemos da economia que os preços sobem com o aumento da procura, variando sobre certas condições. Assim, a história da filatelia a partir de certo momento, vai correr paralela à sua expansão em termos de rentabilidade e investimento.

Em 40 anos de emissões postais e dada a procura diferenciada de determinadas peças, foi possível estabelecer um quadro por grau de raridade ou frequência com a sua equivalente cotação em termos de mercado corrente.

É assim que o Catálogo Maury, edição de 1895, indica para o selo 15 C verde da primeira emissão francesa de 1849, o valor já extraordinário para a época de 150 F. Maury recordava tê-los trocado, quando rapaz, pelo valor fictício de 20 C, e para o franco vermelhão usado, o valor de 200 francos, que havemos de convir, representava uma rentabilidade até então desconhecida por qualquer outra forma de investimento financeiro.

Tais preços, apesar de tudo, nada significam em relação às exorbitâncias representadas pelas peças de maior raridade e procura, pois ainda no mesmo catálogo, é cotado o cêntimo da Guiana n.º 9 por 10.000 francos e por 12.000 o 1 e 2 pence da Maurícia, n.ºs. 6 e 7 de 1847, mas advertin-

do-se no prefácio do mesmo catálogo que tal preço é relativamente baixo, atendendo a que tais selos tinham sido vendidos em Paris, num leilão, no ano anterior por 40.000 francos o par.

Observemos o seguinte quadro:

Cotações 1ª série francesa 1849

	Novos	Usados
Os 7 selos Ceres	Valor facial 3,35 F	
Catálogo 1872	108 F	86 F
Catálogo 1897	522 F	218 F
A série, sem o franco vermelhão	Facial 2,25 francos	
Catálogo 1897	222 F	18 F
Catálogo 1976	150.000 F	35.900 F

As cotações de 1976, mesmo sem tomar em conta o fenómeno da inflação, representam uma rentabilidade excepcional. Nenhum investimento fez reproduzir 3 francos em 150.000 no espaço de 120 anos. Estas considerações são de resto confirmadas pelo First National Bank de Nova York que indica num seu recente relatório, que o selo postal ocupa o terceiro lugar entre os bens que mais se valorizaram entre 1920 e 1970, e para obtermos uma visão bem nítida desse facto, basta compararmos as cotações dos selos portugueses (1ª emissão) no espaço de 20 anos.

	1953		1973	
	Novos	Obliterados	Novos	Obliterados
N.º 1	5.000\$	1.250\$	22.000\$	6.000\$
N.º 2	1.600\$	37\$	10.000\$	200\$
N.º 3	6.000\$	1.250\$	33.000\$	10.000\$
N.º 4	30.000\$	4.500\$	120.000\$	18.000\$

Temos perfeita consciência de que na prática, as coisas se não passarão de forma tão simples. As cotações indicadas nos catálogos, são, com efeito, se não meras formalidades, pelo menos e tão só, uma ligeira indicação sobre o valor real dos selos.

As cotações comerciais oscilam sobre valores na generali-

dade mais baixos, à excepção de certas peças consideradas raras, que podem, eventualmente alcançar preços bastante mais altos.

Tais factos, não invalidam o raciocínio seguido, sobretudo quando se toma como termo de comparação o espaço de um século e se não exige um rigor exagerado.

O mercado dos selos está, aliás, sujeito a muitos outros condicionalismos, cuja alusão não terão muito lugar, pelo que as guardamos para outra altura.

O facto real, é a subida rápida da cotação dos selos, hoje excepcional, por razões óbvias, mas já detectada pelos clássicos da filatelia.

Um episódio narrado pelo próprio Maury, (e que eventualmente se poderia ter passado connosco), revela-nos bem como as cotações subiam já no seu tempo e por vezes em flecha.

Quando Maury fiscalizava o trabalho de um moço de armazém, que procedia à arrumação de papéis velhos, verificou que este, subitamente, interrompeu o seu trabalho. Inquirido sobre a razão por que o fizera, o rapazote explicou ter reparado que alguns selos dispersos se encontravam por entre os maços de papel. Maury aproximou-se, olhou os selos e puxando de duas moedas de prata, gratificou o rapaz atónito com aquela súbita generosidade. É que Maury verificou que se tratava de um bloco de 10 selos de Madagáscar, que ficara esquecido entre velhos papéis e pelos quais receberia cerca de 600 ou 700 francos.

Tais factos talvez passassem despercebidos ao comum dos cidadãos, pouco familiarizados com os aspectos ainda um tanto misteriosos deste negócio dos selos.

O seguinte excerto de uma narrativa em que Maury nos narra a sua experiência durante os dias tumultuosos da Comuna de Paris, dá-nos a conhecer perfeitamente que em 1871, a filatelia era já, por um lado, uma actividade cheia de potencialidades, mas por outro, ainda suficientemente hermética em relação à generalidade do público.

Diz ele: *Os federados tinham-se afastado do nosso bairro; o canhão troava mais longe, para os lados de Montmatre e de Belleville. O incêndio espalhava-se por todo o lado. Ao acaso, pelas ruas, cruzavam-nos grupos lamentáveis de prisioneiros, homens e mulheres, com carradas de feridos ensanguentados, levados dos Hospitais a caminho de Versalhes.*

Um coleccionador conhecido que encontramos, informou-nos ter visto o “père” Vallette (autor do segundo catálogo de selos, que atrás referimos) arrastado para o quartel Lobau, junto com um rebanho de infelizes e ali mesmo, passados pelas armas.

Chegado junto a nossa casa, observamos um pequeno grupo de vizinhos que liam o nosso anúncio, (Maury refere-se como é evidente à sua casa de comércio filatélico) e um deles, apontando-nos, proferiu: “mais um dos da Comuna; agora, fazia o correio, mas antes, era um espião prussiano.

*Não podemos sequer - continua Maury - odiar aquela gente que, ignorando tudo sobre o comércio de selos, atribuíam a **sua fortuna crescente** (o sublinhado é nosso) a combinações impróprias e fantásticas. Por declarações deste tipo, centenas de infelizes foram arrastados para as enxovias ou fuzilados de imediato. Deus nos preserve da guerra civil.*

Como podemos constatar por este depoimento, vinte anos após a introdução do selo adesivo, a filatelia podia já ser considerada como um negócio próspero e esse facto não podia deixar de ter os seus reflexos sobre a filatelia tomada como um credível auxiliar da História.

4.

O gosto de coleccionar, pode ser realizado no silêncio das noites de inverno, como uma certa forma de evasão ao quotidiano, como um exercício pedagógico, enfim, a partir de múltiplas motivações. Mas as relações com o “mundo exterior”, são imprescindíveis. Excluindo alguns casos típicos, em que a colecção funciona como uma compensação, o coleccionador é por princípio um homem gregário, que gosta sobretudo de exhibir a sua obra. Por outras palavras, o coleccionador colecciona para os outros.

De outro modo não compreenderíamos a existência de grandes museus, hoje patrimónios nacionais, em cuja base podemos pôr sempre uma colecção particular. No caso específico da filatelia, as relações com os “outros”, são mesmo incontornáveis. Muitos articulistas contemporâneos apontam inclusivamente esse facto como uma das grandes razões para apoiar esta maravilhosa actividade como um contributo para as boas relações entre todos os povos.

Mas tais relações, não geram só a convivência amistosa, como se torna evidente, pois o simples facto de a filatelia poder ser tida como uma competição, predispunha desde logo à instauração de uma concorrência entre os coleccionadores, que passaram a disputar entre si as peças mais raras, que um largo mercado filatélico passou a controlar, como fizemos referência anteriormente.

Essa disputa foi de certo modo dramática, pelos fins do século, em que grandes coleccionadores por um lado e homens extravagantes por outro, puseram as suas vaidades e as suas fortunas ao serviço de um *hobby* de forma por vezes pouco edificante.

Compreendia-se isso perfeitamente, numa altura em que as emissões postais somavam 4 ou 5 milhares de exemplares, a que só essas peças mais raras poderiam emprestar algum valor.

De igual modo, a tendência para a pesquisa do pormenor, começava a generalizar-se, talvez como uma forma de diversificar a base, ainda relativamente restrita das emissões em curso, o que pode ser protagonizado pela colecção de um tal senhor Edouard N. de Baden, que em 1891 endereçava a várias personalidades, um estranho convite para a contemplação da sua colecção de “turcos”. Nesse convite, advertia os convidados para irem bastante cedo, de forma



Primeiro e quarto selo de Turquia, Tete-bêche. Fonte: *Leilão David Feldman*

a não serem perturbados pelo cair da noite. É que a coleção de “turcos” do ilustre senhor de Baden, constava de nada menos que 21.691 exemplares, fixados em 1683 folhas, formando 15 grossos volumes.

Contra estas particularidades já vociferavam os comentadores, contrariando de certo modo a ideia de muitos outros coleccionadores.

Maury comentava assim: *Grande número de catálogos vindos do estrangeiro, exaltam a coleção ilimitada e atribuem um preço de venda a todas as variedades, transformando-as em raridades e tomando os coleccionadores, mesmo os médios, como grandes especialistas, levando-os a consagrarem-se unicamente a um ou a alguns países, aos quais esperam entregar-se de alma o coração.*

... Mas atenção – nós vemos aí um escolho em que a filatelia pode vir a soçobrar...

Para Maury, como para grande número de comentadores e coleccionadores do seu tempo, eram imprevisíveis os caminhos que a filatelia tomaria (e tão rapidamente) como forma de ultrapassar as suas próprias contradições, sintetizadas nestas perguntas mil vezes repetidas: Que se colecciona? Que é afinal uma coleção de selos?

É evidente que tais perguntas, não envolveriam grandes dúvidas para o coleccionador que adquirisse o primeiro álbum organizado por Lallier em Dezembro de 1862. Certamente, que todos os selos! Obviamente por países ! Logicamente, por ordem cronológica de emissão !

Mas no último quartel do século, era já impossível responder dessa forma, do ponto de vista do coleccionador, se bem que os editores ainda persistissem na edição de álbuns universais, com os consequentes aditamentos, ano a ano.

O Álbum Universal de 1897 da casa Maury, ainda se contém em dois volumes de espessura relativa, mas vinte anos depois, tal modo de encarar o coleccionismo, tornava-se já impossível.

Pelo fim do século, todos os comerciantes se inquiriam sobre estes fenómenos. Os selos raros, de alta cotação, começavam então a não ter procura, o que perturbava sobretudo os especuladores que neles haviam investido somas demasiado altas.

Com efeito, os coleccionadores milionários, estavam abastecidos, os restantes, não possuíam proventos suficientes

para os adquirir em volume significativo.

Estes factos abrirão novos rumos à filatelia, que a partir deste ponto se começou a sentir ameaçada. O coleccionamento dos selos postais, não podia, de resto, ser uma exclusividade dos ilustres senhores da *Société Française de Timbrologie*, criada em Paris por volta de 1874, por Dantis, Rothschild, Legrand, Durrieu e pelo célebre conde de Ferrari.

Este último, que a morte surpreendeu em Paris no ano de 1917, deixou a talvez maior colecção até hoje conseguida, ao Museu Postal de Berlim.

Acontece que Ferrari era alemão de nascimento, pelo que a França lhe confiscou todos os bens, como forma de reparações da guerra 1914/18. A colecção Ferrari seria vendida entre 1921 e 1925, tendo ao que se sabe, rendido mais de dois milhões de dólares.

Mas em 1897, Mahé e o próprio Maury, constataavam as grandes dificuldades que a filatelia atravessava, dando como origem desses males, os catálogos e os álbuns que de ano para ano se tornavam de uma *complicação monstruosa*.

O mal, dizia ele: é o triunfo da especialidade, da minúcia, que apenas grandes amadores deveriam cultivar. Quanto à colecção singela, gentil, que o colegial inicia sob o encorajamento dos pais, porque ensina história e geografia, vai de encontro às ideias expressas nos seus próprios álbuns e catálogos, em que a clareza domina e não arrasam os coleccionadores para o plano escorregadio das filigranas e dos denteados.

Há evidentes contradições e ambiguidades nestas observações, mas a um comerciante dos fins do século XIX só muito remotamente poderia ocorrer o desenvolvimento atingido pela filatelia, naturalmente afectada como fenómeno social, pelos condicionalismos que caracterizam o mundo em que hoje vivemos - a expansão demográfica crescente, a concentração urbana, as grandes inovações tecnológicas sobretudo no domínio das comunicações, o aumento progressivo da distribuição da renda *per capita* com o consequente aumento do padrão de vida, sobretudo das populações dos países mais industrializados.

É dentro destas condições que progressivamente se vão abrir os grandes caminhos a uma filatelia moderna, tornando-a uma actividade diversificada e diríamos multidisciplinar, que a foi conduzindo aos lugares de destaque que hoje

“FERRARI DE RENOTIÈRE (MARQUÊS): Diplomata e coleccionador francês, naturalizado alemão em 1914. Residiu em Paris, Alemanha, Suíça e América. Constituiu a colecção filatélica mais rica em exemplares raros que se conhece até hoje. Com o pretexto da guerra 1914-18, ao morrer FERRARI, o governo francês confiscou e vendeu em leilão público a sua colecção, em 1922. O produto das vendas alcançou mais de 6.000.000 de francos. Os melhores lotes foram para os EUA e a Inglaterra” (*Enciclopedia Universal Ilustrada Europea Americana*, Madrid, Esposa-Calpe SA, Vol. 23, pag. 906)

assume, como uma das ocupações de tempos livres com maior número de adeptos em todo o mundo.

A sua larga diversificação poderá ser facilmente constatada através das inúmeras exposições filatélicas que todos os países promovem regularmente, dentro de calendários cada vez mais apertados.

Poucos elementos conseguimos obter sobre a 1ª exposição de selos, que sabemos no entanto ter tido lugar em Viena de Áustria no ano de 1881. Recolhemos porém alguns pormenores da Exposição de 1894, integrada na Exposição Internacional do Livro, realizada no grande Palácio das Indústrias de Paris.

O seu programa dividia em seis classes os objectos a expor:

- 1º. – selos móveis e fixos.
- 2º. – selos de telégrafo e fiscais.
- 3º. – jornais filatélicos.
- 4º. – álbuns em branco e catálogos.
- 5º. – obras escritas sobre filatelia.
- 6º. – objectos diversos não abrangidos pelas classes precedentes.

A exposição prolongou-se de 24 de Julho a 29 de Novembro, dando um mês para cada especialidade, assim descrito: *Selos da Europa, selos de África, selos da Oceânia.*

Em 1894, a diversidade era ainda tão reduzida e a planificação das exposições tão incipiente, que todas elas se pareciam de alguma maneira. Um crítico da época referia-se-lhes afirmando que a mesma exposição apresentava 2 vezes a colecção da Suíça, 3 vezes a da Inglaterra, 20 vezes o mesmo selo raro, de tal forma que *o público passa indifferente diante dessas raridades coleccionadas com uma minúcia própria de sábios.*

No entanto estas observações não invalidam de forma alguma a constatação do facto de que, apesar de tudo, o público de uma forma geral, tinha aderido plenamente a este tipo de eventos culturais.

Um cronista londrino, dá-nos a sua visão particular da grande festa jubilar de 1890, para comemorar os 50 anos do estabelecimento do sistema proposto por Rowland Hill.

A exposição, implantada no Guidhall, transformado num imenso museu, foi aberta no meio de enorme afluência, pelo Príncipe de Gales. Ser-nos-ia necessário um volume para descrever o que aí vimos de notável: ensaios dos primeiros

selos ingleses, envelopes Mulready, retratos e autógrafos de R. Hill.. etc.

Mais abaixo, o cronista escreve: *Não podíamos aproximar-nos dos postos improvisados de correio e telégrafo, assediados por um público imenso que daí desejava endereçar cartas e postais com obliteração especial: uma espécie de estrela com inscrições comemorativas. Estes postos de correio, venderam só no Sábado, 10.000 postais de um modelo especial, com o selo ordinário à direita e tendo na parte superior as armas de Londres, com o monograma VR sobreposto por uma coroa e a inscrição: PENNY POSTAGE JUBILEE GUIDHALL - LONDON.*

Entre as grandes colecções ali expostas, encontravam-se a de Tapling, cuja colecção geral era a mais importante depois da de Ferrari, os antigos selos da Guiana de Evans, a Tasmânia de M. Castle, o Cabo da Boa Esperança de Coleman, Cabul de Harrison, as Antilhas do Duque de Edimburgo, os ensaios ingleses de Pearson Hill, filho de Rowland e finalmente, os ensaios oficiais da Coroa Britânica. O jubileu do selo de 1890, de Londres, é assim um marco na história da filatelia e uma das suas principais efemérides.

Vinte anos depois, grande parte destas colecções já tinha sido desfeita e injectada no mercado mundial de selos.

A filatelia era já uma força com a qual os Estados deveriam contar e uma das formas estruturantes do próprio selo postal como documento histórico, dentro da visão por que nos vimos a orientar.

Em 1897, por ocasião da abertura dos trabalhos do Congresso Postal de Washington, era publicada no *Collectionneur* uma carta aberta aos senhores Delegados, na qual se podia ler:

Os coleccionadores de selos, seguem com o maior interesse os trabalhos do Congresso da União Postal Universal. Eles são os primeiros a constatar que a rede postal se estende cada vez mais sobre o mundo, restando apenas raras manchas, onde o selo não levou ainda a sua obra civilizadora. Mas há, ao contrário, imensos países que desde há alguns anos, vêm fazendo um verdadeiro abuso dos selos, criando a curtos intervalos, novas emissões e selos provisórios, com o único fim de obter lucros, o que é verdadeiramente censurável.

Em 1897, os coleccionadores e os comerciantes, que receavam que a filatelia se estiolasse esgotada na suas própri-

as contradições, temiam que a filatelia se tornasse impraticável, dados os excessos e abusos cometidos pelas Administrações Postais, através de uma inflação desmedida de valores, que nenhuma bolsa comportaria, nenhum espaço conteria, nenhum tempo bastaria.

É exacto que a procura de lucros marginais, era seguida por um grande numero de países através de emissões que podemos considerar como abusivas por excederem os limites da sua necessidade (prática ainda seguida), mas tais receios, derivavam sobretudo da falta de uma visão prospectiva do mundo, que levava o homem do fim do século a encarar as coisas que o rodeavam como um todo absoluto e imutável, a salvo de todas as contingências.

É sobretudo a ideia de *coleccionamento total*, hábito aliás consagrado pelas edições dos primeiros álbuns e catálogos, a que já fizemos referência, que sofre o maior choque, quando o homem se dá conta de que os fenómenos que desencadeia, o superam irremediavelmente no tempo e no espaço.

Decididamente, não era mais possível meter em álbum todas as espécies filatélicas, como não é igualmente possível ao entomólogo recolher todas as espécies de insectos, nem ao botânico organizar um herbário onde constem todas as espécies vegetais. O mesmo será dizer que nenhuma colecção poderá ser completamente exaustiva.

Resultam daqui, como se torna evidente, algumas contradições, que só o tempo poderá resolver, que consistem fundamentalmente na resposta a dar à pergunta crucial já anteriormente formulada: que é uma colecção de selos ? que coleccionar ? mas cuja resposta será encontrada, não apenas pelos coleccionadores, mas também pelas entidades encarregadas de elaborar no futuro as novas emissões postais, de forma, não só a satisfazer as necessidades provenientes da circulação postal, não só no estrito cumprimento dos condicionalismos históricos e políticos (tal como se punha em relação às primeiras emissões) mas já para satisfação de uma cada vez maior legião de coleccionadores e comerciantes, cada vez também mais exigentes e mais respeitáveis.

São no fundo estes condicionalismos sociológicos, impostos ao fenómeno da circulação postal, que alienando a figura do selo em tanto que documento “oficial”, vão abrir novas e fecundas perspectivas.

Hoje já ninguém põe problemas desta ordem. Os selos são

vistos pelos seus aspectos gráficos, pela sua beleza estética, como gravuras, por seus elementos estruturais como cor, motivo, desenho, ou até mesmo como ideia, representação, originalidade e tudo o mais, de acordo com os parâmetros estabelecidos por uma sociedade do imediato, do sensual, dos prazeres visuais. Vai longe o raciocínio que Mesureur, ministro francês do Comércio expunha no seu célebre e discutido relatório de 1892: *Em todos os países, o selo traz a marca do carácter nacional ou do regime político vigente; em todos os lugares se verifica uma relação lógica entre o assunto da imagem e o país de origem. O selo francês apenas se distingue pela sua banalidade. É uma marca de fábrica que poderia servir a não sei que casa de comércio ou de indústria e não o emblema de um grande Estado republicano como a França.*

O ilustre ministro referia-se aqui, ao selo tipo Sage “alegoria Paz e Comércio” em curso de 1876 a 1900.

No decurso da sua exposição, Mesureur diria ainda: *Vimos assim propor à vossa apreciação, um concurso público ou restrito, entre artistas franceses, para a escolha de uma “vinheta” que dê ao nosso selo, os caracteres que ele deve possuir - moderno, francês, republicano.*

Achamos particularmente significativa esta intervenção de Mesureur, bem assim os largos comentários que toda a imprensa da época teceu e não só a imprensa filatélica, dado que o assunto, discutido por várias ocasiões na própria Assembleia, assumiria foros de negócio nacional.

O relatório de Mesureur, ilustra perfeitamente a primeira grande viragem da filatelia e reflecte o exacto momento em que as considerações de ordem puramente filatélica se iriam sobrepor em definitivo às considerações de teor postal, isto é, à reflexão histórica e política defendida por aquele ministro.

As próprias intervenções, reproduzidas no semanário *Rapide* pelo jornalista Roger Marx, no *Petit Journal* pela pena de Thomas Grimm e sobretudo as notas de Pierre Véron, insertas no reputado *Monde Illustré*, dão-nos bem conta dos problemas que se levantavam às consciências nacionais, a propósito desse acto, hoje tão simples e corrente, que constitui o lançamento de uma emissão postal.

Não queremos alongar-nos mais neste ponto, embora não deixasse de ter interesse a transcrição exhaustiva dos comentários, oscilando entre o tom dramático e a intervenção sarcástica e polémica que cada jornalista utilizava como



Selos franceses tipo Sage.

introdução a propostas que iam desde a sistematização dos motivos históricos franceses até à ordenação exaustiva dos grandes vultos da França, divididos por categorias, dos santos aos heróis, como susceptíveis de poder constituir motivo inspiratório para os novos selos, sob a legenda de *Mesureur: moderno, republicano e francês*.

Uma vez mais, como bons espíritos de fim de século, estes homens encaravam o selo postal como um autêntico documento nacional, uma peça solene, uma instituição representativa do Estado. De forma alguma lhes tinha passado pela mente que o selo, haveria de evoluir de acordo com os diversos condicionalismos de ordem psicológica e social, e assim, reflectir em cada momento histórico, esses mesmos condicionalismos.

À beira de 1900, na viragem do século, ainda a França se dividia entre esses dois conceitos, sonhando em como se poderia comemorar a sua Exposição Internacional, através de uma série filatélica, inspirada no exemplo que a América dera já em 1893, fazendo gravar uma longa série para o 4º Centenário de Cristóvão Colombo.

ANO	PAIS	COMEMORAÇÃO	OBSERVAÇÕES
1892	SÃO SALVADOR	Descoberta do país por Colombo	Motivos náuticos
1892	NICARÁGUA	Idem	Idem
1892	ARGENTINA	Idem	Idem
1893	ESTADOS UNIDOS	4º Centenário da descoberta da América por Colombo	Série de 16 valores com cenas da vida de Colombo e sua viagem
1894	PORTUGAL	Série de D. Henrique	1ª série jubilar europeia
1895	PORTUGAL	Série de Santo António	Série de 15 selos com alegorias do santo.
1896	BÉLGICA	Exposição de Bruxelas	Reprodução de um quadro flamengo
1896	NICARÁGUA	Aniversário da independência	Efigies dos seus Presidentes
1896	GRÉCIA	Comemorativos dos Jogos Olímpicos	Estátuas gregas diversas

A experiência dos selos jubilares é de resto um acontecimento bem tardio na história do selo. No quadro anterior fixamos as primeiras séries comemorativas, após uma primeira tentativa datada de 1870.

Por este quadro constatamos que apenas nos anos 1892/93, têm lugar as primeiras séries jubilares relativas a acontecimentos históricos, o que significa que só a partir dessa data a filatelia se liberta da História como factor condicionante, transformando esta, ao invés, como sua auxiliar preciosa.

A partir deste momento e embora enfrentando as críticas ásperas dos autores da especialidade, Portugal em 1894 inaugura o catálogo filatélico europeu das séries jubilares e comemorativas, com a série dedicada a Santo António de Lisboa “ou de Pádua”, que tão grande polémica levantaria nos meios filatélicos sobretudo franceses, onde Maury pontificava.



Emissão 1894. TSC - Exposição Internacional de Lyon. Émissão da Société Philatélique Lyonnaise. Gravado por J. Grisard. Carimbo da Exposição. Trata-se de um inteiro postal.



As quatro imagens diferentes da emissão portuguesa do 7º Centenário de Santo António de Lisboa. Fonte: Album de Selos de Portugal, de Carlos Kullberg, no prelo.

E Maury, decididamente, não gostava destes selos: *É preciso dizer que são lamentáveis; não passam de imagens religiosas de ínfima qualidade e nada mais que isso. São tirados em pobre litografia a uma ou a duas cores; as figuras ficam mal dentro de quadros demasiado embrulhados. A série completa é demasiado numerosa e os portugueses não poderiam trabalhar melhor para desgostar os colecionadores com estas emissões especulativas (é nosso o sublinhado).*

Para seu maior desespero, a Administração portuguesa criara, para promoção da série (e não só), uma vinheta quadrada em várias cores, representando o Santo sobre um fundo semeado de pequenas estrelas, com as seguintes inscrições:

7º Centenário de Santo António - Lisboa

De 12 a 13 de Junho 1895 - Festas maravilhosas.

Viagens a preço reduzido.

Estas vinhetas eram colocadas sobre a correspondência dirigida ao estrangeiro, pelos próprios serviços oficiais, o que levantou violentos protestos, sob a alegação de que a Convenção Postal, proibia o que quer que fosse sobre as correspondências, pelo que a Administração portuguesa se encontrava em contravenção.

Estas séries jubilares eram de resto identificadas no seu princípio como uma ideia puramente especulativa de que os Estados se serviam para alcançar lucros marginais, defraudando os colecionadores e os comerciantes.

A História viria a refutar esta visão prospectiva de Maury, a quem juntaremos o bom grupo de ingleses que em 1894 constituíam a *Sociedade para a Supressão da Especulação de Selos*, da qual o grande colecionador Castle viria a ser o primeiro presidente.

Em meados desse mesmo ano e comentando o plano dos Correios de Portugal que pretendiam lançar uma nova série jubilar sobre a Descoberta da Índia, Maury comentava: *Parece que o Governo Português ficou tão encantado com a ideia, que já apresentou o decreto de emissão. Mas daqui a 5 anos, nós esperamos bem que os selos jubilares tenham passado de moda e então, aí estarão os Governos para as despesas...*

Maury estabelecia aqui um juízo puramente económico, mas mesmo nesse sentido, enganava-se redondamente. De então para cá, os selos jubilares não tinham mesmo passa-

do de moda – pelo contrário, tinham passado a constituir a grande moda da filatelia universal e o seu maior filão.

É certo ter a França procurado resistir a esse impulso, teimosamente. De 1876 a 1917, de relatório em relatório, de projecto em projecto, o panorama do selo francês é uma menos que pobre repetição de motivos, com o tipo Sage a dominar todo o último quartel do século, para de seguida ceder lugar às figuras femininas de deusa e repúblicas (uma França em símbolos antropomórficos) que terminaria por uma semeadora de barrete frígio, isto é, uma semeadora republicana, dentro dos bons conceitos legados pelo ministro Mesureur. Só em 1923 surgiria a grande figura de Pasteur, num pequeno selo de série corrente e apenas em 1924 surgem os primeiros comemorativos, pela inauguração dos Jogos Olímpicos de Paris.

Em 1924, as séries comemorativas e jubilares em todo o mundo, sobrelevam já em número e quantidade, todas as edições feitas desde o aparecimento do selo.

Este facto vai ser determinante para a história do coleccionismo, ficando-se a dever a Portugal, não só a descoberta da Índia, mas a introdução na Europa, dos selos jubilares e comemorativos, por muito que isso tenha pesado ao pai francês da filatelia.

Desde há 50 anos que as comemorações jubilares ou comemorativas de um evento, constituem 80% das séries realizadas em todo o mundo.

Com um pouco de ironia, diríamos que o selo postal é hoje uma forma normal de se comemorarem acontecimentos.

Veremos adiante como este facto irá ter tão grandes repercussões no domínio da filatelia, permitindo a criação de disciplinas filatélicas tão diversificadas como a temática, ou a maximofilia. Sem esquecer os aspectos pedagógicos que a filatelia propicia, na medida em que permite referências históricas importantes, cumprindo assim algumas ideias já expressas pelos primeiros comentaristas filatélicos, que propunham a criação de uma filatelia gentil, educacional, que leva os pequenos estudantes a realizarem as suas primeiras colecções sob o impulso de pais e professores.

Todavia, por nossa parte, achamos que daí não virá nenhum mal, embora bem no fundo convenhamos que são bem diferentes os caminhos que seguimos como orientação filatélica, na medida em que o selo postal possui em si mesmo uma dimensão histórica, cumprindo, como tem vin-



Selos franceses: tipo Mouchon (aparecido em 1900), tipo Semeadora com solo (aparecido em 1903) e tipo Merson (aparecido em 1900).

do a ser demonstrado, a função de afirmar a nacionalidade de um Estado, prestando informações sobre a sua forma de governo ou sobre os incidentes históricos ocorridos durante o seu curso.

Tem sido nossa preocupação dominante demonstrar como a filatelia deve ser tomada numa das suas mais importantes dimensões, como uma poderosa auxiliar da História. A isso nos referiremos ainda nos capítulos seguintes.

5.

Se fosse necessário, por falta de provas, demonstrar a importância do coleccionismo filatélico em relação ao seu valor económico, bastaria aludir às falsificações que desde muito cedo, aliás, criaram o seu próprio mercado, envolvendo coleccionadores e comerciantes numa complexa teia de cumplicidades.

É evidente que as primeiras falsificações detectadas teriam apenas um objectivo declaradamente postal. O pagamento dos portes postais por processos fraudulentos é todavia, como se sabe, contrariado pelas primeiras leis repressivas que logo foram decretadas neste domínio, incidindo no seu contexto, sobre os processos mais incipientes da falsificação, que nada têm a ver ainda com as poderosas redes que se viriam a formar logo que determinadas peças atingiram num mercado filatélico, as cotações exorbitantes a que já referimos.

A lei de 16 de Outubro de 1848, da legislação postal francesa, 10 meses após o lançamento do selo adesivo no seu território, diz que quem tiver feito uso de um selo já servido ou imitado, na franquia de uma carta, será punido com uma multa de 50 a 1.000 francos, que em caso de recidiva, será elevada ao dobro, acompanhado de prisão de 5 dias a um mês.

Como seria lógico supor, também a legislação portuguesa se refere ao uso de selos falsos, e no seu decreto regulamentar do serviço de correios de 1886, diz expressamente no seu artigo 11º que as cartas em que se acharem afixados selos naquelas condições, ou das quais tenham sido apagadas por qualquer processo as marcas de inutilização, serão remetidas à Administração onde se procederá à identificação do signatário, lavrando-se auto de notícia, após três peritos terem reconhecido a falsificação, enviando-se de seguida todo o processo para o juízo competente.

Eram portanto os tribunais que determinavam as penas a aplicar aos falsários, onde não era de excluir, além de pesadas multas, a pena de prisão.

São no fundo, leis acauteladoras do erário público, leis fiscais na sua essência, que não aludem ainda aos interesses dos coleccionadores e comerciantes, onde a falsificação configura já, nitidamente, a figura de crime de falsificação. E não tardou muito que tal acontecesse; não tardou



Selo espanhol falsificado por Fournier. Apresenta-se lado a lado o pormenor do selo falso e do verdadeiro. Os erros do falso estão assinalados com as setas.

Fonte: Artigo de Charles J. Peterson "Forgeries and Electronica Era", *Fakes Forgeries Experts*, nº 1

muito para que os processos por fraude se acumulassem nos tribunais; não tardou muito que o mercado de selos se tornasse numa perigosa via cheia de armadilhas e surpresas. Não deixa de ser sintomático o facto da primeira obra de carácter nitidamente filatélico tenha versado precisamente este momentoso problema. Trata-se do opúsculo *Falsificação dos selos postais* do filatelista Moens, que foi dado à estampa em Bruxelas em Dezembro de 1862.

Por essa altura, quase podemos afirmar que não existia nenhuma peça de algum valor, a que não correspondesse um ou vários duplos fabricados pelas artes diabólicas dos grandes falsificadores.

Falsários, é claro que sempre os houve através do tempo e em vários sectores. Moedas, notas de banco, objectos de arte, documentos, móveis, jóias, enfim, tudo que fosse susceptível de trocas vantajosas ou justificativas de um certo investimento, mesmo implicando um certo grau de risco, foi sempre objecto de falsários ou falsificadores artistas, mais ou menos hábeis.

Essa seria uma longa, muito longa história, onde não faltariam pormenores rocambolescos e aventuras sem precedentes.

Mas não é nosso propósito fixarmo-nos nessa história, em relação a esses pequenos quadrados de papel que um acaso fortuito e em muito pouco tempo se transformou de documento com valor muito relativo num bem precioso, disputado por vezes a peso de ouro.

Com efeito, a actividade filatélica era de tal modo posta em causa pelo número e pela qualidade dos falsos que regularmente eram injectados no comércio, que Maury comentava com alguma amargura na sua revista de Maio de 1896: *O comércio dos selos é hoje um dos mais difíceis de exercer seriamente, uma vez que a autenticidade é a sua primeira condição; ora essa autenticidade não é fácil de discernir, por causa do progresso da arte dos falsários e do partido que estes tiram da fotogravura, ainda por causa da relativa impunidade que lhes é assegurada pelos tribunais franceses, conforme se verificou o ano transacto (1895), em que oito frequentadores da Bolsa dos selos, foram ilibados.*

A verdade é que tais fraudes levantavam por vezes autênticos problemas de ordem jurídica com que juizes e advogados se debatiam para grande desespero dos comerciantes e dos coleccionadores ludibriados. Com efeito, em muitos

tribunais, perante o argumento de que o selo é sempre um documento oficial, representando um valor do erário público, cuja contrafacção é severamente punida, alguns juizes diziam não ser isso inteiramente exacto, na medida em que tais selos se encontravam já fora de curso legal, tendo por isso, naturalmente perdido toda a sua validade.

Mais difícil se tornava ainda provar que o selo falso que fora adquirido, era exactamente aquele que se exhibia na queixa, pois era sempre possível admitir-se que o mesmo poderia ser trocado no sentido de se obter uma indemnização de um *suposto* falsificador.

A justiça tem destas coisas bizarras, podendo parecer por vezes que a lei é mais feita para proteger os falsários que para acautelar os interesses das vítimas. Esta contradição era de tal modo estimulante para os escroques, que selos falsos a baixos preços chegavam a ser anunciados livremente, para os coleccionadores que desejassem completar as folhas dos seus álbuns com relativa economia.

Foram os comerciantes, mercê de grandes esforços, ora fazendo valer a sua própria influência, que moralizariam o mercado dos selos, perseguindo sem tréguas os falsificadores, denunciando as suas actividades, divulgando os pormenores susceptíveis de levar à descoberta de selos falsos, para o que criaram autênticos gabinetes técnicos especializados na sua detecção.

O episódio relatado por Maury, na sua qualidade de perito consultor, é aliás deveras significativo, pois dá-nos conta do ponto até onde se chegara pelos fins do século, no que diz respeito ao problema dos falsos para colecção.

Tendo sido chamado para *expertizar* a colecção de um tal Barão de X. Maury acabou por afirmar que jamais tivera ocasião de ver reunidos num só conjunto, os exemplos mais notáveis de “trucagens”, “montagens e reconstruções” de selos, que lhe fora dado verificar até então, indicando de seguida, de maneira sumária mas bastante sistemática, as principais manobras detectadas.

Fugimos à tentação de transcrever o texto completo de Maury, demasiado longo e demasiado técnico, mas não podemos por outro lado, deixar de aludir a cada um dos pontos nele referidos, pela sua importância, na medida em que nos põe ao corrente dos principais artificios praticados então e tal como aparecem sintetizados no célebre conjunto do ilustre Barão de X (que Maury elegantemente não refere pelo nome):



O primeiro número desta revista que publica estudos sobre emissões falsas.

1. Selos não denteados - obtidos a partir do recorte da margem denteada em selos descentrados, bordos de folha ou remarginados posteriormente. Exemplo: Selos de Queensland, que se vendiam a 7 francos denteados e a 250 não denteados.
2. Selos falsamente denteados - a partir de provas ou ensaios com ou sem adelgaçamento do papel. Ex.: - Selos primitivos da Hungria, obtidos a partir dos envelopes, adelgaçados e denteados.
3. Ajustamentos fantasiosos. Obtenção do selo de 1 franco Império, colando a um selo 80 C carmim escuro, o cartucho inferior do selo 1 franco República, após o mesmo ter sido cortado rente à linha de enquadramento.
4. "tête- beche" - Obtidos a partir de um par ou tira, cortando pelo filete interior um deles invertendo-o e colando-o a verniz ou colódio.
5. Descolorações químicas. Ex. 10 C azul do Brasil, mudado em 10 C preto. selos da Austrália, Nova Gales, Vitória, etc.
6. Falsas oblitações. Particularmente numero-

Uma das peças que mais discussão tem dado.

One Penny Black teve oficialmente a sua emissão a 6 de Maio de 1840. Esta carta circulada com esse selo tem a data de 1 de Maio.

Artigo "1 May 1840. The Story of a Investigation", P. C. Pearson, *Fakes Forgeries Experts*, nº 1



sas no Álbum em questão.

7. Falsas sobrecargas.

De onde teriam vindo tais selos e em tão grande profusão ?

É a própria imprensa da época que nos elucida sobre isso.

Respigamos ao acaso de uma listagem de imprensa:

É descoberta em Marselha uma autêntica fábrica clandestina dedicada sobretudo ao fabrico de selos postais com sobrecarga das Colónias francesas. Para maior verosimilhança, são ali fabricados igualmente carimbos e oblitações, o que torna tais “falsos” altamente perigosos. (1894).

No prosseguimento de várias pesquisas para descobrir os falsários que recentemente vêm colocando nas principais cidades de Espanha, sobretudo em Sevilha, grandes quantidades de selos falsos, acaba de ser descoberta em Madrid, uma autêntica fábrica clandestina. Foi o Inspector da renda e dos tabacos, quem, guiado por um coleccionador, teria descoberto em circulação, selos falsos de 15 C e de 1 peseta. Por indicações precisas, a polícia, dirigiu-se para a Rua Fuencarral n.º 144, ao domicílio de Salvador Díaz Guerra, onde foi encontrado um autêntico arsenal: clichés, pranchas, tipos, tintas, papéis, prensas, etc. etc. bem assim, grande quantidade de selos já prontos para entrar em circulação. (Imprensa espanhola, 1894).

Não podemos, obviamente alongar-nos mais. Notícias deste tipo eram de resto bem frequentes por todo o fim do século. A imprensa filatélica e não só, fazia-se eco frequentemente de casos semelhantes. Novos nomes e novos escândalos eram revelados quotidianamente. Pressões e chantagens seguiam em paralelo a todo um comércio marginal, concorrente das boas casas que honestamente desejavam prosseguir o seu comércio.

Era a época de ouro dos grandes coleccionadores milionários e a época de ouro das grandes colecções clássicas.

É-nos fácil conjecturar hoje sobre e até que ponto a incidência das falsificações levada ao extremo que se conhece terá limitado e condicionado o coleccionismo, mas não podemos deixar de o entender como tendo igualmente a sua quota-parte de participação neste processo. Não podemos deixar de mencionar aqui os nomes lendários dos falsificadores artistas, Lagrange, Speratti, Fournier, entre outros mais, cujas peças, pela sua perfeição e beleza, atingem hoje cotações bem mais elevadas que os próprios ori-

ginais. É bem difícil por vezes compreendermos o mundo em que vivemos.

6.

Interrompemos aqui um pouco, o curso de certo modo calmo do nosso breve olhar pela filatelia, encarada talvez de um ponto de vista não muito ortodoxo.

Preocupamo-nos, prevalentemente com os seus aspectos historicistas, mas dentro de uma visão que procuramos alargada, não nos detendo muito no pormenor ou na erudição desnecessária.

Fixamo-nos fundamentalmente nas declarações prestadas pelos primeiros autores da filatelia teórica e nem de outro modo poderia ser. Foram esses homens que lançaram os fundamentos deste ramo de conhecimentos, que levamos propositadamente para o campo sociológico e histórico, sem deixar de referir os aspectos psicológicos, sempre subjacentes em toda a actividade humana.

Temos sobre esses bons espíritos de Mahé, Legrand, Moens, até Maury, a grande vantagem de podermos verificar os seus erros de apreciação em relação prospectiva ao seu futuro e dispormos assim de uma base alargada de observação e de um conjunto de dados que nos permite, até certo ponto, reformular tudo o que eles disseram, reordenando os seus conceitos, ou rectificando aqui e ali as suas conclusões.

Isso temos feito ao longo das considerações que vimos produzindo, introduzindo quando necessário uma leitura estatística dos factos mais marcantes do espaço filatélico.

Interrompemos assim o curso das considerações históricas, precisamente para nos apoiarmos sobre alguns aspectos quantitativos, referindo com alguma perplexidade a extraordinária evolução que a filatelia vem sofrendo nos últimos anos.

A filatelia encontra-se de tal modo ligada às ocorrências que delimitam a nossa vida social, que pouco sabemos como no futuro se resolverão os seus problemas, ligados à explosão demográfica, à concentração urbana, ao envelhecimento geral das populações, ao abandono da vida activa cada vez mais cedo, à recuperação de vastas populações, ainda afastadas dos padrões e “standard” em relação às sociedades industriais modernas e concomitantemente com o desenvolvimento no plano das suas inter-relações (escritas e faladas).

Importa muito considerar estes pontos, que em menos de um século alteraram tão profundamente a visão do Homem, introduzindo-lhe novos conceitos. A análise da actividade filatélica, melhor, do fenómeno postal, poderá constituir igualmente alguns desses indicadores que nos ajudam a compreender diacronicamente a vida da sociedade.

Socorremo-nos assim das estatísticas.

O selo foi, como sabemos introduzido na Grã-Bretanha em 1840. A ideia fundamental de Rowland Hill para resolver o problema da circulação postal, assentava sobretudo na criação de envelopes timbrados, reservando-se o selo para casos especiais. Mas aqui, como em muitos outros domínios, é o Povo quem faz a história. O selo é rapidamente e definitivamente preferido como sistema, de tal modo, que todos os países do mundo o adoptam irreversivelmente.

Ocorrem no entanto vastos hiatos entre as datas das primeiras emissões, de acordo com as profundas assimetrias existentes entre os diversos Estados.

Data emissão	Países emissores
1840	Grã-Bretanha
1843	Brasil, Suíça
1847	Maurícia Inglesa
1849	França, Bélica
1850	Áustria, Espanha, Guiana Inglesa, Saxe, Vitória
1851	Estados Unidos, Hawai, Canadá, Sardenha
1852	Tour e Taxis, Chile, Vaticano, Luxemburgo, Holanda
1853	Portugal, Austrália, Cabo da Boa Esperança
1854	Noruega
1855	Suécia, Antilhas Espanholas
1857	Ceilão, Peru, Rússia
1858	Argentina
1859	Colômbia, Venezuela,
1861	Grécia
1862	Rep. Dominicana, Nicarágua, Roménia, Turquia
1865	Equador
1866	Eito
1867	Salvador
1868	Pérsia
1871	Alemanha Império, Hungria, Japão

Fixemos esta lista (certamente não exaustiva) indicando as datas de emissão de 1840 a 1878, indicando os países emissores.

Muitos outros Estados vêm mencionados no catálogo de 1895, de que nos vimos servindo, mas, ou são territórios coloniais ou territórios prestes a serem absorvidos. Concluímos assim que entre 1840 e 1874, todos os Estados constituídos deram início às suas emissões postais, o que vale por dizer que tantos foram os que aderiram à primeira Convenção Postal Universal de Berna.

Muitos outros, por razões históricas e políticas, iniciaram a sua história postal em datas posteriores, reeditando os problemas políticos que se puseram em relação aos primeiros selos, mas a este assunto voltaremos um pouco mais à frente.

Detenhamo-nos agora na seguinte relação, onde fixamos o volume de “figurinos” emitidos em cada período de 40 anos. Por ela poderemos verificar que só os 16 países anotados, produziram 25.358 selos diferentes em 120 anos.

A manter este ritmo de crescimento, só estes mesmos 16 Estados europeus, terão produzido nas próximas décadas, um volume próximo dos 70.000 selos.

Consideramos a média de aumento por país e por períodos de 40 anos:

1º período - 1896	90 selos
2º período - 1896 -1936	300 selos
3º período - 1936 -1976	1.000 selos

Todos os números apontados são bastante reduzidos em relação ao número real de selos produzidos pelas emissões mundiais, de que estes 16 países europeus constituem apenas uma ínfima parcela.

Só no ano de 1974, a Europa editou 1.360 selos diferentes. Em 1976, os selos da colecção mundial, exceptuando a Europa, somavam 82.500 exemplares, não incluindo os selos de correio aéreo, selos de franquia ou multa, télégrafos e jornais, que igualmente se contam por milhares.

Tudo leva a crer que o ritmo de crescimento deverá ainda subir em flecha nos decénios mais próximos, apesar da forte concorrência feita pelas novas tecnologias da comunicação (facto que analisaremos mais adiante), considerando

Países emissores	1896	1936	1974	Totais
Grã-Bretanha	104	104	542	750
França	105	228	1.163	1.956
Portugal	145	439	661	1.245
Austria	178	316	808	1.738
Bélgica	132	313	1.293	1.738
Bulgária	64	225	1.833	2.122
Espanha	180	395	1.319	1.894
Luxemburgo	112	181	555	848
Noruega	57	110	481	648
Holanda	48	243	721	1.012
Roménia	113	297	2.370	2.880
Rússia	113	541	3.522	4.118
São Marino	30	178	674	882
Suécia	86	215	678	979
Suíça	50	791	1.242	2.119

que o número de emissões postais subirá com o aumento real da população, a um ritmo mais que proporcional, atendendo ao fenómeno da recuperação de vastas zonas de subdesenvolvimento, com o alargamento consequente das relações entre essas zonas. A independência de alguns estados ex-coloniais, vai por seu lado aumentar poderosamente o número de emissões, como forma de cobrir as necessidades postais sempre crescentes desses Estados, como igualmente pelo seu desejo de afirmação da sua nacionalidade, com o incremento natural das emissões comemorativas e jubilares em relação às figuras e factos da sua História, agora recuperada.

Exemplos:

Ilhas Maurícias	
1857 - 1966 (colónia inglesa)	291 selos
1966 - 1976 (10 anos independente)	106 selos
Gabão	
1886 - 1959 (colónia francesa)	146 selos
1960 - 1974 (independente)	195 selos
+ correio aéreo [14/anos]	354 selos
Madagáscar	
1889 - 1957 (68 anos como colónia)	334 selos
1958 - 1975 (17 anos independente)	369 selos

A História recente iria uma vez mais pregar-nos uma partida, dando à filatelia grandes motivos de reconhecimento, e que veio justificar de uma forma incontornável a afirmação que fiz algures de que vivemos numa época “interessante” sob o aspecto filatélico. Pretendia eu dizer então que às alterações políticas que decorriam e talvez ainda decorram sobre o espaço geo-político da Europa, sobretudo a partir do desmembramento da ex.-URSS, proporcionando o ressurgimento de diversas repúblicas e a afirmação de algumas regiões, sujeitas agora a um processo de autodeterminação, tem correspondido um enriquecimento extraordinário no campo filatélico, confirmando o que temos dito, que o selo é ou pode constituir-se como um dos elementos fundamentais da afirmação de uma nacionalidade.

Tal vem decorrendo igualmente das terríveis dificuldades levantadas à circulação postal, dentro desses territórios, a braços com uma compreensível e inevitável desorganização, em resultado das profundas alterações políticas ocorridas no seu seio.

Esta temática foi objecto de um conjunto de artigos publicados em *A Filatelia Portuguesa* após a escrita deste livro.



Ukraine. Deux lettres de ROVNO:
1) Cachet bleu (affranch. Payé). Surcharge =.32 K. Oblitération ex-URSS
2) Cachet bleu (Affranch. payé) 0.50 K. Oblitération ex-URSS

Daqui tem resultado uma enorme diversidade de acidentes com relevância óbvia no domínio da História Postal, agora profundamente ligada à História política desses mesmos povos. Uma outra reflexão caberia aqui fazer sobre a possibilidade de se reverem alguns conceitos de coleccionismo, abrindo as portas a um coleccionismo moderno, enjeitando os preconceitos dos que consideram que a antiguidade é sempre sinónimo de raridade. Vamos deixar essa reflexão para mais tarde.

Sistematizemos de seguida os acidentes filatélicos que estão ocorrendo, sob a designação de “Estados que renascem a Leste”:

- a) Franquias mistas, resultantes da sobreposição de selos emitidos pelos novos Estados em complemento de selos emitidos pela ex.URSS.
- b) Utilização de sobrecargas locais, apostas sobre selos da ex.URSS, como afirmação de autonomia política do território emissor, ou confirmando a sua independência de facto.
- c) Sobretaxas impressas, manuscritas ou por impressão de carimbo, alterando o valor postal facial.
- d) Utilização de marcas (por carimbo de borracha ou eventualmente manuscritas) do tipo (OPLACHENO) , (franquia paga), como forma de suprir a falta total ou parcial de selos, ou das taxas necessárias ao franqueamento das correspondências.
- e) Utilização de marcas obliterantes (marcas de dia) da ex.URSS exibindo necessariamente os símbolos do Estado soviético, que de uma forma geral só em 1994 começaram a ser substituídos por marcas locais definitivas.
- f) Modificação da designação do país ou região autónoma, substituindo o alfabeto cirílico pela grafia latina ou sobrepondo uma à outra.

É admissível a ideia de que tais peças apenas se poderão valorizar num espaço largo de tempo, quando, por óbvias razões, o tempo as tornar “raras”.

Apenas quisemos sistematizar estas peças surgidas da História contemporânea sob o conceito por mim abundantes vezes repetido de que elas serão sempre testemunhos factuais de um momento extraordinário da vida de uma Europa sacudida por um dos seus abalos mais profundos, nesta passagem para o 3º milénio da nossa existência histórica.

Permita-se-nos neste ponto, lançar uma vista prospectiva sobre o futuro da filatelia, no momento em que nenhum coleccionador se poderá vangloriar de possuir a colecção mundial, nem que em nenhum museu se poderá conter uma tal colecção.

O próprio coleccionismo por grupos de países e em alguns casos relativo a um só país, constitui já tarefa bem árdua para qualquer coleccionador.

As colecções temáticas por seu turno, oferecerão motivos de tal modo vastos e diversos, que será bem difícil encontrar duas colecções semelhantes, mesmo versando o mesmo tema.

De outro modo, os clássicos e as peças que já eram raras em 1895, tornar-se-ão de tal modo incomportáveis que deixarão de interessar ao mercado. O poder discricionário de escolha, relativamente ao tão grande volume de séries emitidas, impedirá que o selo aumente muito as suas cotações, salvo em raras peças ocasionais.

A filatelia tornar-se-á mais fácil como *hobby*, como actividade pedagógica, como trabalho de equipa, mas talvez muito menos interessante como actividade de investigação histórica.

As franquias mecânicas que agora começam a penetrar nos hábitos postais, compensarão um pouco este acréscimo, que ainda assim se agudizará no próximo período de 40 anos, a menos que qualquer outra inovação tecnológica modifique radicalmente a situação.

No polo oposto, colocaremos os factores que prospectivamente poderão incidir negativamente sobre o panorama filatélico do futuro. Chamei-lhe os “*inimigos da filatelia*”, onde penso responder à pergunta: Como será a filatelia daqui a 50 anos?

Esta era uma pergunta que colocava muitas vezes a mim próprio e cuja resposta sempre me embaraçou, talvez pelo receio de não parecer muito lógico nas minhas conclusões.

Com idêntico pressuposto, também poderia pôr a mesma pergunta extrapolada, assim: e como será o Mundo daqui a 50 anos?

50 anos não é apesar de tudo um tempo assim tão longo, sobretudo para nós que há muito ultrapassamos o meio século de vida e acompanhamos os acontecimentos que decorreram dentro desse lapso de tempo.

Mas chega sempre o momento em que devemos parar um pouco para reflectirmos. Porque as mudanças que estão ocorrendo na nossa sociedade, agora à velocidade de segundos, alteram os nossos esquemas comportamentais de tal modo, que poderemos perder-lhe o controlo. Passemos então em revista, alguns desses factores, sob o pressuposto de Marcel Mauss que tudo interfere sobre tudo, detendo-nos sobre aqueles que na minha óptica, interferirão decisivamente sobre esta actividade magnífica que é a filatelia, e talvez nos permitam responder ao tema que me proponho no início: como será a filatelia daqui a 50 anos?

Chamei-lhe “inimigos da filatelia” e foi isso que coloquei no meu pensamento. Poderia ser menos “agressivo” ou mais complacente, mas a verdade é que penso mesmo que a filatelia poderá tornar-se, a partir de agora, uma actividade em vias de extinção, se não puder defender-se dos terríveis “inimigos” que a cercam.

O primeiro inimigo veio sob a forma subtil das “franquias mecânicas”, e tudo começou por aí, de facto. Na medida em que era dispensado o uso do selo, como forma de franquiar as correspondências, tornando-as frias, automáticas, sem o referencial histórico que o selo possui, sem alusões expressas a qualquer motivação factual, que não seja a da celeridade, reflexo de uma produtividade esperada no manuseamento das correspondências. Houve que encontrar antídoto para esse primeiro vírus. E aqui, por curiosidade, estabeleceram-se contrapartidas mútuas, sob o signo de que “se não podes vencer os teus inimigos, junta-te a eles”. Assim, os coleccionadores começaram a coleccioná-las, os organismos responsáveis começaram a criar motivações e referências, introduzindo grafismos para lá das indicações normais como data, identificação da Estação emissora, etc. Nasceram assim algumas bandas curiosas, que também de forma curiosa foram aceites em exposições, sobretudo dentro da área temática.

Mas a filatelia, aqui, tremeu um pouco.

O segundo abalo viria a ser dado pela concessão a empresas particulares, privadas, do transporte e entrega do correio, até aqui religiosamente conservado como monopólio do Estado, que por direito tradicional se responsabilizava pela correcta execução desse serviço, credibilizando o desempenho dessa missão pública. Só que tais empresas ou agentes não podem, obviamente, por nenhum princípio, proceder á emissão de selos, que para lá da sua função de

“recibo de porte pago”, o selo constitui na sua essência, um elemento oficial e um dos símbolos consensuais da afirmação de uma nacionalidade, como temos demonstrado.

As empresas em causa utilizarão um qualquer impresso, um autocolante, o que quer que seja, que não passam de meros documentos internos relativamente à sua estrutura organizacional.

A Federação Internacional de Filatelia fez bem em não os aceitar como material susceptível de integrarem colecções temáticas. A filatelia é algo mais que uma mera colecção de vinhetas avulsas.

Mas o caso complicar-se-à decisivamente num futuro que julgo bem próximo, na medida em que é previsível uma vontade política para privatizar totalmente todo o serviço dos Correios Estatais. A filatelia perderá nesse dia, o elemento básico da sua razão. Sabemos existirem colecções de cartas emitidas em períodos anteriores à criação do selo. Foi assim que surgiu essa área que talvez não muito correctamente se designou por “pré-filatelia”. É, pois natural que a desagregação lenta do selo e consequente desaparecimento, possa conduzir ao surgimento de uma “pós-filatelia”, concedendo ao selo que hoje temos, um bom lugar na arqueologia tipológica, isto é, o papel de uma mera recordação.

O terceiro e quem sabe, o mais terrível inimigo, é protagonizado pelas avançadas tecnologias da comunicação. Já não me refiro sequer, ao telefone, ele também a entrar na zona dos arquétipos, nem sequer à vulgarização maciça da sua forma portátil, como já não refiro o FAX, em que a comunicação é transmitida tal como a processamos. Refiro-me agora, e de uma forma bem mais inquieta, à 4ª vaga da revolução industrial. A vulgarização em curto prazo da “Internet” permitindo-nos uma ligação comunicacional estável, dentro da pequena aldeia global em que hoje se transformou o nosso planeta, tornará obsoletos rapidamente, todos os outros processos de comunicação, sobretudo da comunicação escrita.

Daqui a 50 anos ninguém escreve - todos se ligam à Internet. Já não endereçamos a nossa comunicação a alguém, mas apenas digitamos no computador endereços como www etc. ou um qualquer E-mail @ navegando como cibernautas solitários pelas auto-estradas da comunicação.

Como será então a filatelia daqui a 50 anos?

Na minha antevisão, talvez demasiada desencantada, ela não passará de uma actividade fossilizada que apenas alguns cultores ainda poderão desenvolver teimosamente, no recanto possível das suas melhores recordações.

7

Referimo-nos até aqui, a algumas circunstâncias que têm determinado de um modo ou de outro, o selo postal no tocante à sua “construção”, como documento.

Documento histórico, símbolo de regimes políticos e suas transformações, documento da evolução psicossocial das várias comunidades, documento e marca da evolução tecnológica, etc. Tal significa, portanto, que havemos de admitir que o selo postal assume importância variável, de acordo com o grau da sua documentalidade, o que equivale a dizer que poderemos dividi-lo ou classificá-lo, por graus de importância histórica.

Isso acontece, aliás, com todos os documentos, reflectindo uns mais que outros, o condicionalismo histórico e político, que lhes deu origem. O que não invalida a proposição inicial de que o selo é, em determinadas condições, um autêntico documento histórico. Refiro, sobretudo aqueles em que o grafismo, o figurino, a estrutura, etc. reflectem directamente o próprio acontecimento, sobre si, pois como verdadeiro documento, terá que reflectir o acontecimento que lhe determinou a forma e a origem, não subjacente, mas intrinsecamente.

Não do ponto que todo o selo é um documento histórico, mas do ponto em que determinado selo, pela forma e pelo conteúdo, é o produto de determinado acontecimento histórico específico, ou de qualquer alteração política relevante. Do ponto em que a História não é determinada, mas antes, determinante. Do ponto em que são os acontecimentos históricos que condicionam e se inscrevem sobre o selo e não propriamente o selo que se inscreve sobre o acontecimento histórico, reproduzindo-o ou fazendo alusão marginal à sua existência, que apenas lhe é condicionante na sua forma externa. Do ponto, enfim, em que há todo um contexto que explica e condiciona o documento.

Encontram-se neste caso, todas as emissões feitas durante ocupações militares, mudanças de regime político ou social, sobrecargas ou sobretaxas, locais ou não, com origem em diversos acontecimentos.

São documentos históricos autênticos, na medida em que nasceram de um facto histórico ou político determinante.

A sobrecarga *REPÚBLICA* sobre selos com a efígie de D.

Carlos, é uma evidente marca que apenas historicamente se compreende, ou melhor, é o produto da própria História. Os selos da França com efigie Napoleão, com inscrição no cartuxo superior variando de REPUB.FRANC para EMPIRE FRANC, são o reflexo directo de grandes acontecimentos, e o produto deles.

Todos os selos de ocupação militar de um Estado por outro, por vezes coexistindo sobre o mesmo documento com os selos correntes, são, ainda na sua evidência um produto da História em movimento.

As sobrecargas INDEPENDÊNCIA ou outras semelhantes sobre os selos coloniais de Angola, Moçambique, etc. serão talvez os mais recentes produtos de um acontecimento histórico, sobre o qual, dada a sua importância e proximidade no tempo nós dispensamos de comentar. Tais factos filatélicos não são, porém, raros nem ocasionais - com algum esforço, poder-se-ia bem elaborar um catálogo destes selos, legendando-os com a descrição da sua causalidade histórica.

Poderemos então dizer com certa precisão, que o selo postal, dada a sua finalidade e a forma como foi introduzido, isto é, qualificado como um documento oficial de certo modo privado, fica, em relação às primeiras emissões, altamente condicionado pelos pressupostos de ordem histórica e política. Ainda mesmo quando essas emissões são tardias em relação à data da criação do selo postal, tais pressupostos são evidentes, obedecendo-lhe estritamente, como vimos atrás.

Constatamos e aludimos posteriormente a toda uma série de factos e acontecimentos que se irão responsabilizar pela alteração substancial desses princípios, entre os quais incluímos o coleccionismo filatélico, com todo o seu campo de incidência e a sua explosiva evolução, de que as grandes exposições do século XIX, a reputação dos grandes coleccionadores milionários e extravagantes, a importância adquirida pelos grandes comerciantes filatélicos, o vasto mercado de selos falsos, etc. são as provas histórico-sociológicas evidentes.

Vimos como tais factos irão concorrer inelutavelmente para a alienação do selo postal como documento, facto historicamente padronizado com a emissão dos primeiros selos comemorativos de um evento, de que as séries de Colombo nos Estados Unidos e as séries portuguesas de D. Henrique e de Santo António no continente europeu são dignas re-

presentantes.

Com efeito, no princípio do século, o selo era já correntemente tomado como uma fonte de receita, como uma obra de arte, potencialmente apta a satisfazer o gosto estético dos coleccionadores exigentes, como um veículo transmissor de ideologias, enfim, como uma forma de comemorar certos factos históricos ou acontecimentos.

O selo já não poderá ser o mero reflexo da História, mas sim o seu mais directo reflector.

E, todavia, será ainda nesse sentido que o selo justificará a razão do seu “ser histórico”, pois como reflector, ele nos poderá indicar sobre a predisposição ou vocação dos Estados ou regimes, em face de determinados factos ou figuras, no acordo perfeito com a sua conotação específica.

As séries comemorando o fascismo ou a libertação do fascismo; as séries dedicadas a figuras como Lenine, Hitler, Churchill, etc. ou as séries Europa, Nato, Seato, etc. não são indiferentes como reflectoras de uma certa estrutura interna dos países implicados nas suas emissões.

É à sua adequação que nos referimos, ao seu significado semiótico, com que marcaremos um segundo grau de historicidade, talvez o mais procurado pelo coleccionador de hoje e a grande razão de ser, da filatelia temática contemporânea.

Consideraremos emissões parasitas, grande parte dessas séries sem qualquer outra adequação ou finalidade, que não seja a de explorar, segundo um conceito da sociedade de consumo, o comerciante e o coleccionador. Tais selos poderão ser encarados como belos objectos coleccionáveis no que respeita a desenho, composição, cor e tudo o mais, mas não passam de pequenas gravuras sem sentido em relação à História. Pomos obviamente de lado as colecções base, com um sentido nitidamente postal, em que as gravuras, se tornam perfeitamente aleatórias, no sentido de considerarmos que terão que ter algumas.

Começamos agora a defender-nos dessa alienação e a proibição por parte da Federação Internacional em relação a algumas emissões, consideradas abusivas, será um passo nesse sentido. Essa restrição tirará a essas séries toda a razão de ser, pois que não tendo qualquer utilidade postal e não servindo os interesses legítimos do coleccionador, ficarão aquilo que realmente são: pequenas estampas coloridas sem lugar nas páginas filatélicas dentro do critério desejado da autenticidade.



Selo da URSS pelo 100º aniversário do nascimento de Lenine (1979 - YT 3619).

Selo da RDA com Mao Tsé-Tung, da série comemorativa da amizade germano-chinesa (1951- YT 40)



Alguns dos selos dos três primeiros anos de emissões Europa - CEPT (1956-1958), associadas à ideia de formação de cooperação entre alguns dos países europeus.

8.

Tentaremos de seguida esboçar um pequeno quadro pelo critério da adequação histórica, de acordo com os fundamentos que deixamos expressos, sucintamente embora, ao longo das páginas que constituem esta primeira abordagem.

Temos a consciência de que tal quadro não possuirá grande valor prático, como também não pretende sequer propor normas de classificação, em relação aos critérios que hoje vigoram.

Apenas pretendemos dar uma visão que transcenda o ponto de vista pessoal, assentando-o numa base de certo modo científica. Eis aí uma conclusão que pouco ajudará, talvez, o filatelista apaixonado que encontra no seu *hobby* predilecto a fuga às contradições e contrariedades de um quotidiano avassalador, facto que nós próprios consideramos ser uma das dimensões específicas do fenómeno filatélico.

Mas pode ser, ainda assim, um pequeno instrumento de trabalho para todo aquele que pretenda, a partir de um *hobby* penetrar um pouco mais fundo, num dos mais curiosos acontecimentos do mundo contemporâneo.

Este quadro ajudar-nos-á pelo menos, nas respostas a dar ao pequeno questionário que todo o filatelista deve formular em relação a cada exemplar da sua colecção:

- Que selo é este?
- Porque foi feito?
- Que acontecimento ou facto lhe deu origem?
- Que o diferencia dos outros selos?
- Que significado possui a sua estrutura gráfica?
- Que motivação esteve na sua origem postal?

Numa segunda ordem de ideias, devemos proceder a uma reflexão de ordem metodológica:

- Onde posso eu inclui-lo?
- Que lugar deverá ele ocupar no contexto geral da minha colecção?
- Que comentários ou legenda será possível fazer-lhe?

Se não soubermos responder acertadamente a cada um destes *itens*, estaremos na presença de um selo-estampa de diminuto valor.

Este pequeno “jogo”, que pode ser tomado como um teste,

ou um “truque” pedagógico, é, quanto a mim, a parte mais nobre da actividade própria do filatelista e uma das suas grandes razões de ser.

Resta-nos esboçar alguns comentários sobre a “história postal”, dentro do mesmo critério da adequação necessária à importância histórica das peças a considerar.

Para isso estabelecemos o seguinte quadro, ordenado por classes, em que são identificadas algumas emissões, seguidas da descrição do seu grafismo.

No primeiro grupo estabelecemos os selos com uma adequação nítida a factos históricos ou a incidentes políticos. No segundo grupo, indicaremos aqueles sobre os quais não pesa nenhuma adequação.

Quadro classificativo segundo um critério de importância documental

Grupo I - adequação do 1º grau

CLASSE	DESCRIÇÃO DAS EMISSÕES	GRAFISMO
A	Primeiras emissões (históricas) - 1840-1890	Armas e brasões. Figuras mitológicas e/ou abstractas.
B	Alterações de legendas por factos históricos ou políticos.	Reino. República. Império, etc. Mudanças de regime sobre selo do mesmo tipo.
C	Sobrecargas indicativas de alteração de regime. Ocupações militares	Sobrecarga indicativa. Declarações. Inscrições ou textos impressos sobre o selo.
D	Indicação: Colónia/Protectorado. ou território sob mandato. Companhia privada.	Indicação expressa dos factos sob a forma de sobrecarga.
E	Indicação de Libertação ou independência. Mudança de nacionalidade.	Sobrecargas alusivas. Inscrições ou textos patrióticos. Símbolos e grafismo adequados.
F	Emissões provisórias por ocupação militar. Greve. Suprimento de franquia.	Sobrecargas ou selos com indicação do facto Expresso.
G	Alterações de valor ou de moeda por motivos históricos ou políticos valorização ou desvalorização da moeda corrente.	Sobrecargas indicativas ou sobretaxas adequadas.

Grupo II – não condicionados. Adequação do 2º grau

CLASSE	DESCRIÇÃO DAS EMISSÕES	GRAFISMO
A	Edições comemorativas para a ocorrência de factos.	Motivos alegóricos. Inscrições adequadas ou sobrecargas expressas..
B	Comemoração de factos passados selos jubilares.	Datas. Milésimos adequados ao facto de forma expressa.
C	Evocativos de factos históricos ou de personalidades	Adequação ao motivo de forma directa. Efigie ou foto de personalidades.

Num 3º grupo, colocaria as emissões temáticas sem qualquer referência ou adequação. As emissões especulativas. Os falsos comemorativos, como mero pretexto para emissões excedentes em relação às necessidades postais. As emissões proibidas pela FIP

9.

Uma das especialidades do coleccionismo que de certo modo preserva em si mesmo o desejado grau de historicidade é sem dúvida o ramo da “História postal”, que consiste, como sabemos, no coleccionamento e estudo das cartas e respectivas marcas. Não pretendemos de nenhum modo dar definições exactas, pelo que não pomos de fora, dentro deste capítulo, as cartas anteriores à inovação do selo adesivo (ou selo móvel), cujas eventuais marcas constituem o principal objecto, embora, talvez por motivos de ordem técnica, terão sido arrumados numa área privada, controversamente designada por “pré-filatelia”.

A História Postal incidirá assim, fundamentalmente, sobre cartas e objectos postais exibindo marcas que justifiquem a sua inserção, ou ajudem à sua compreensão num determinado contexto.

É um capítulo do coleccionismo que exige estudo cuidado, grandes conhecimentos históricos, podendo ser considerado como a parte mais fecunda da filatelia, no aspecto que defendemos de uma autêntica “ciência” auxiliar da História, com todas as suas implicações.

É, quanto a mim, indispensável a inclusão de peças deste tipo em qualquer colecção clássica, na medida em que documenta ao vivo, uma determinada situação histórica, delimitando um período, concedendo à colecção em causa, todo o rigor histórico que se lhe deve exigir.

Não raro esses documentos postais, são o produto de factos históricos extraordinários, permitindo estabelecer os circuitos normais ou anormais da comunicação, evidenciam pela melhor forma os acidentes ocorridos, dentro do melhor critério de documentalidade, em que a História alicerça a sua complexa edificação.

A compreensão destes factos terá contribuído para tornar raros esses documentos e não é por acaso que os selos sobre cartas gozam de uma mais valia que atinge por vezes somas múltiplas do seu valor referencial de catálogo.

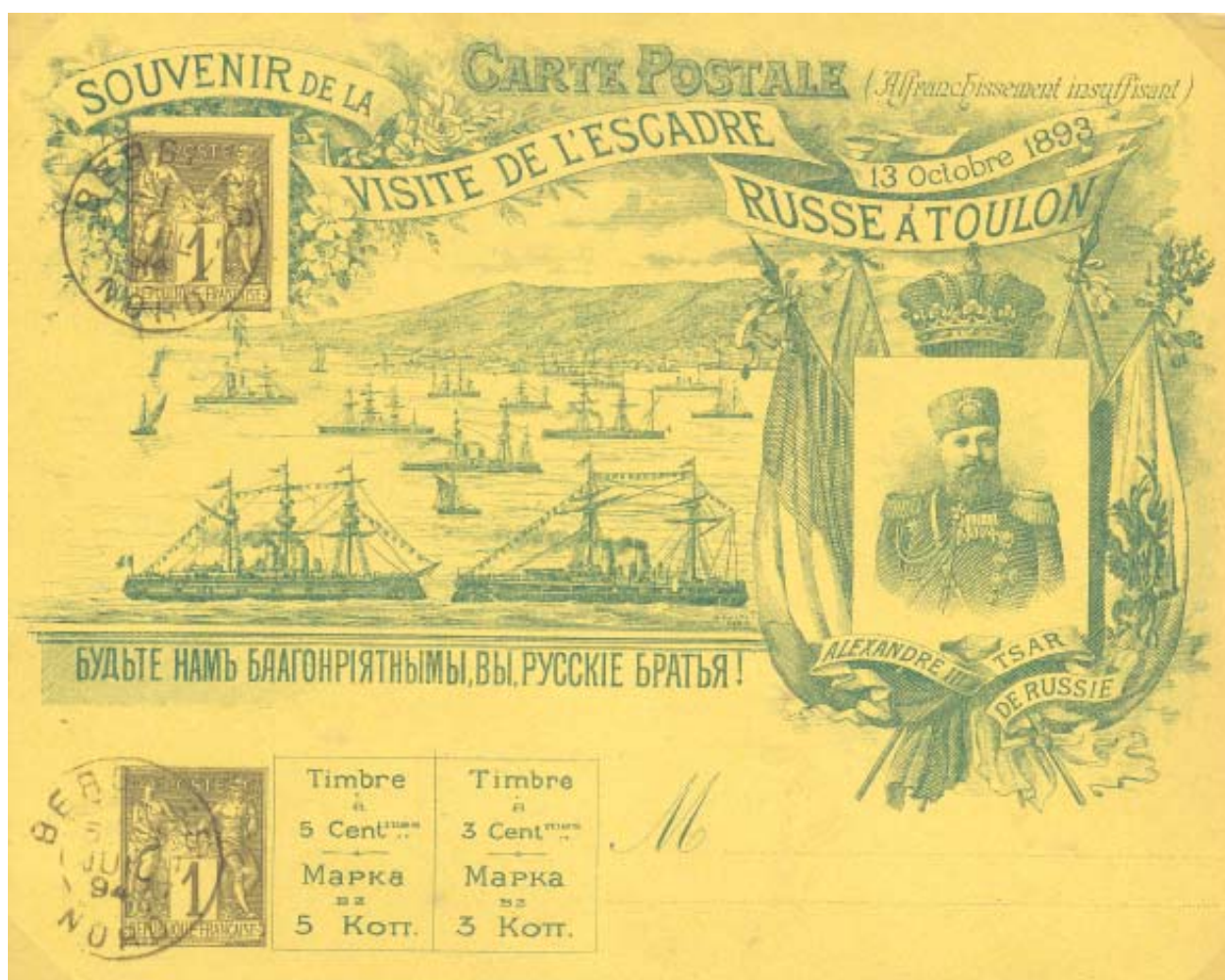
Será talvez errado este critério, pois não é o selo que se valoriza por si, mas admitamos que isso seja uma forma prática de atribuir valor ao documento postal, o que de nenhum modo invalida o que vimos defendendo.

A verdade é que o documento postal em causa se integra

pelo binómio selo-marca postal e é à conjugação desses dois elementos que o valor é atribuído.

Em 1893, numa das suas habituais “causeries”, Maury confessava-se admirado pelo extraordinário número de clientes e amigos que lhe punham questões, não já sobre os selos, mas sobre as marcas postais eventualmente apostas sobre eles, e mais, sobre as próprias marcas patentes nas correspondências, que certos acasos tinham mantido intactas.

Maury pressentiu aí renascer um novo ramo para o coleccionismo filatélico e terá sido dos primeiros a aconselhar aos coleccionadores para preservarem tanto quanto possível essas peças, que a paixão exacerbada pelo selo,



Exemplo de inteiro postal. Edição de 1893. Comemorativo da Visita da esquadra russa a Toulon em 23 de outubro de 1893. Representação de dois selos de 1 c. Cartolina amarela.

tinha inutilizado em grandes quantidades.

Teriam restado os arquivos, que constituíam um relativamente restrito *stock* de cartas inteiras até ao momento em que a introdução do sobrescrito permitia separar o texto, inutilizando-se aquele irreparavelmente.

De outro modo, eram bem mais propícios para o coleccionamento de peças completas, os postais, lançados na Áustria em 1 de Outubro de 1896, pelo Dr. Herman e logo difundidos por todo o mundo, e os bilhetes cartas, com ou sem resposta, emitidos em França em 15 de Junho de 1886, em que normalmente o selo aparece impresso, constituindo um todo inseparável, de onde a designação de “inteiros postais”.

Todos os catálogos da época indicam essas peças, no mesmo nível dos selos, dando-lhe o mesmo tratamento e importância.

O coleccionamento inevitável dos postais ilustrados, inovação devida a Bernardeau, que emitiu os primeiros em 1870, filiar-se-á num outro escalão, que só muito remotamente tem que ver com a filatelia, mas a verdade é que alguns álbuns antigos cediam-lhe lugar ao lado dos inteiros e dos sobrescritos, o que terá sido condicionante para o coleccionamento das cartas completas.

O interesse pelas marcas é tornado patente por dois acontecimentos da História de França em que ressalta a extraordinária importância da comunicação escrita e consagra definitivamente o valor da história postal e dos seus documentos.

Refiro-me ao cerco de Paris durante a guerra franco-prussiana 1870/71 e posteriormente à constituição da Comuna.

Como todos sabem, para vencer o cerco alemão à cidade de Paris, e estabelecer comunicações com o exterior, foi criado um serviço de aeróstatos, transportando correio e toda a espécie de objectos para fora da cidade, passando por sobre as linhas sitiadas.

Essas peças, que exibiam desde a simples menção *Par ballon monté*, até às fórmulas especiais, viriam a constituir,

Estes dois quadros de Pierre Puvis de Chavannes, pintor francês que viveu entre 1824 e 1898, designam-se respectivamente *Os Pássaros* (1871) e *O Balão* (1870), referindo-se exactamente aos meios utilizados para estabelecer a comunicação escrita naquela época. Estes quadros encontram-se no Museu de Orsay, em Paris.



obviamente, objectos coleccionáveis de inestimável valor, acreditamos que, muitas vezes, por razões não inteiramente filatélicas, mas a que os coleccionadores ligaram a maior das importâncias. (Ver desenvolvimento deste assunto em capítulo posterior).

Esses objectos, que documentam, juntamente com os *carimbos de fortuna* (marcas ocasionais para substituir os carimbos oficiais, destruídos pelo inimigo), são documentos vivos da História de uma Europa sempre nervosa em busca de estabilidade.

A inovação dos sobrescritos comemorativos, logo seguidos da criação de marcas especiais para o efeito, contribuirá decisivamente para o gosto do coleccionamento das cartas inteiras, documentos autênticos da História Postal.

Admitamos que o carro tenha andado um pouco à frente dos bois - como o nosso povo diz - e que o gosto pelo estudo das marcas se tenha generalizado a partir daqueles factos, mas não restam dúvidas que o estudo pormenorizado de grande parte dessas autênticas peças de colecção, é hoje um dos mais aliciantes aspectos da filatelia e inegavelmente uma forte contribuição para a “ciência” histórica, no seu contexto mais geral.

Do ponto de vista filatélico, não raro é considerar-se a peça completa, como um dos sinais de garantia da autenticidade do selo e da sua estrutura específica. Certas condições exigem, inclusivamente que determinado selo se encontre sobre carta ou, pelo menos, sobre grande fragmento. Tal é o caso dos selos cortados para valerem metade do seu valor, facto que ocorreu em inúmeros países como forma de suprir carência de vinhetas postais; tal é o caso dos picotados irregulares: Susse, Clamency, Avalon, em linha, em serra, etc.; tal é ainda o caso de certas sobrecargas ou obliterações que só parcialmente podem ser vistas sobre o espaço reduzido da vinheta postal.

A concordância selo-carta, é de facto uma prova definitiva da sua autenticidade como documento e essa será em última análise uma das grandes razões para se conservarem intactas essas peças filatélicas, hoje tornadas raras, não so pelo seu valor real, como pela sua extraordinária procura.

Sem grande preocupação de sistematizarmos este assunto, damos de seguida, a título de mero exemplo, uma classificação de marcas sobre carta em que é indesmentível o seu valor histórico e documental:

Correio militar	Campos, exércitos, batalhões, campanhas. Posta militar.
Correio de guerra	Censuras, Cartas de e para prisioneiros e doentes ou feridos de guerra.
Ocupação e Libertação	Marcas alusivas. Carimbos de fortuna. Inscrições patrióticas. Símbolos e emblemas.
Correio marítimo	Linhas. Paquetes. Barcos identificados. Cais. Messageries marítimas. Companhias marítimas.
Correio aéreo	Normal. Voos especiais. Encaminhamentos.
Correio acidentado	Zepelins. Balões, etc. Incêndio. Naufrágio. Extraviado.
Ambulantes	Linhas ou estações. Encaminhamentos. Transbordos. Términos.

Juntar-lhe-emos as marcas de serviços postais especiais:

Origem e destino
Rural - caixas móveis
Caixas ambulantes
Correio interno - correio oficial
Receitas auxiliares
Posta restante.

Indicações próprias de serviço:

Multadas - sobrecarregadas
Valor declarado
Registadas
Devolvidas
Depois da hora
Taxa fraudulenta
Errado encaminhamento
Anulada
Insuficiente franquia
Refugo postal

Numa esfera quase marginal em relação a esta classificação, poderemos colocar as peças auto-produzidas pelas Administrações modernas, que se colecionam completas, já que o seu único objectivo é satisfazer o gosto e a exigência dos coleccionadores.

É uma prática ambígua. Forjar de propósito as peças que

I Grande Guerra. Posto CORFOU. Verso de um sobrescrito "Semeuse Lignée". Corfou (França) - Aveiras de Cima (Portugal), 15 de abril de 1917. Censuras militares. Faixa de Controle Postal Militar.



se devem coleccionar, é iludir um pouco a natureza, como diria o filósofo.

Outro tanto dissemos a respeito dos selos, mas agora com a agravante de que essas peças só muito restritamente servem finalidades autenticamente postais.

Voltaremos a este assunto.

10.

Um pouco marginalmente em relação ao selo postal, na sua interligação com a problemática histórica, como temos vindo a desenvolver ao longo destas breves notas, não poderíamos deixar de aludir às marcas e processos utilizados na obliteração dos mesmos.

Não nos referimos aqui, obviamente às marcas indicativas de serviços no âmbito da tecnologia postal, conforme referimos antes, embora sem uma grande sistematização. Preocupar-nos-emos tão só com as marcas específicas, criadas para serem apostas sobre as vinhetas que franqueiam os objectos postais, muito embora e até com certa frequência, marcas diferentes dessas possam recair por vezes sobre eles.

Casos sempre devidos a lapsos, erros de serviço, negligências, de uma forma geral nunca premeditadamente. O coleccionismo dessas marcas, *marcofilia ou marcofilatelia*, (assunto que abordaremos oportunamente), ocupa hoje lugar de destaque, embora pensemos que tais marcas, do ponto em que obviamente nos referimos ao período dito filatélico, não poderão ser desligadas do próprio documento que justifica essa marca, isto é, do seu imprescindível suporte físico.

Falemos porém e como primeiro aspecto a considerar, das marcas obliterantes, isto é, daquelas que terão nascido por força da própria criação do selo, e assim ligadas intrinsecamente ao seu aparecimento.

Entenderam as autoridades postais emissoras, que o maior problema que levantava a utilização de um selo adesivo sobre a correspondência, como indicação de o seu porte ter sido realmente pago pelo expedidor, seria o da sua eventual reutilização de forma fraudulenta.

Essas autoridades não tinham, como é evidente, obtido ainda a prática e a experiência suficientes, recolhidas da aplicação do método, mas intuíram, não sem alguma razão, que essa reutilização seria possível, havendo que combatê-la de imediato.

Muitas ideias surgiram então para desencorajar de forma drástica essa eventualidade, e a filatelia, como coleccionamento, teria sofrido um rumo bem diferente daquele que seguiu, se algumas dessas medidas tivessem

sido adoptadas

É que todas elas desciam muito ao fundo no draconismo das soluções e entendiam que a melhor forma que se apresentava, seria a da inutilização total ou parcial da vinheta, após a sua normal utilização.

Uma dessas propostas aludia a um complexo sistema de fabricação e impressão dos selos sobre um papel extraordinariamente fino e pouco consistente, que os empregados do correio destruiriam por simples fricção sobre o suporte da correspondência.

Maury informa ter visto ainda uma dessas provas, feitas sobre papel hóstia, terrivelmente frágil e cuja aplicação se tornava verdadeiramente problemática.

Uma outra proposta consistia num complicado processo de introduzir a meio do selo, um pequeno e muito fino fio de seda, que o empregado puxaria com a consequente destruição do mesmo, por rasgamento. Esse processo chegou a ter curso no Afeganistão dos quais restam raríssimos exemplares. A adopção de quaisquer destes sistemas, representaria, como podemos pressupor, a morte completa da filatelia.

Um outro sistema, consistia em gomar os selos apenas sobre uma pequena margem na parte superior e inferior, de forma a deixar o corpo central do mesmo, livre para ser rasgado com facilidade, o que reduziria a filatelia a um mero coleccionamento de pequenos pedaços de papel sem qualquer sentido.

O inventor Pichot de Poitiers, químico de razoáveis méritos, apresentou um outro processo tão catastrófico como os outros, que consistia em imprimir os selos sobre um papel preparado quimicamente, de forma a que uma pequena gota de água acidulada, bastaria para corromper irreversivelmente.

Todavia o maior óbice surgido na execução de todos esses métodos, dizia respeito ao tempo considerável que a sua manipulação importava e nós poderemos facilmente compreendê-lo, se considerarmos que só no ano de 1849, data da introdução do selo postal adesivo em França, foram expedidas 158.268.000 correspondências diversas.

Por outro lado teremos que convir que um departamento de correios, também não é propriamente um laboratório e os excessivos cuidados das autoridades postais, seriam desmentidas pela prática com a plena aceitação por parte

do público do novo sistema, com exceções tão eventuais que não justificavam de nenhum modo tão grande excesso de zelo e tão profundas preocupações. Foi salva assim a filatelia desse primeiro flagelo.

É nesta ordem de ideias que se acabou por se adoptar a simples marca “tipo carimbo”, marca de dia, como forma obliterante das vinhetas postais.

Ainda houve quem propusesse que tais carimbos fossem cortantes ou perfurantes, mas o inconveniente que resultaria da perfuração ou incisão atingisse igualmente o conteúdo que o expedidor confiava ao cuidado das Administrações postais, levou a considerar tal método como verdadeiramente impraticável.

Surgiram deste modo as primeiras marcas de oblitação postal, ainda assim, bem diferentes dos carimbos normais de Estação e data, utilizados posteriormente sobre as correspondências. Essas marcas formariam a bela série das oblitações clássicas, que inutilizam as franquias das primeiras emissões, ditas históricas, e constituem um dos mais aliciantes aspectos da filatelia, do ponto de vista do colecionador.

A própria palavra *oblitação*, utilizadas pelas línguas latinas, *cancellation* pelas anglosaxónicas, tem implícita a única motivação dessas marcas: inutilizar, tornando inoperantes no seu fim imediato, os figurinos apostos sobre as correspondências. Obliterar, obstruir, interromper um circuito ou a circulação, do latim *obliterare*, de onde terão nascido as marcas “mudas”, as grelhas, os losangos de pontos maiores ou menores, as linhas onduladas, etc. cuja intenção seria ainda nitidamente marcar os selos, opondo-se quanto possível à sua recuperação eventual por lavagem, descoloração ou outro qualquer procedimento.

Surgem então as cruzes de malta, as rodas de carreta, os florões mais ou menos artísticos, as barras, as estrelas, as figuras geométricas, as fantasias abstractas, etc. cujo estudo sistemático se encontra feito, e todo o coleccionador necessariamente aprendeu a conhecer.

Só numa fase posterior essas mesmas marcas obliterantes receberiam números, letras ou outras identificações codificadas, indicando a Estação expedidora, a data e eventualmente os símbolos relacionados com o tipo de serviço postal prestado.

Os losangos de pontos ou barras com o número correspon-



Oblitações numéricas das Ilhas Britânicas em 1844. Fonte: *The Guinness Book of Stamps. Facts & Feats*



Exemplo de obliteração sobre selo português com data e local. Fonte: Album de Portugal de Carlos Kullberg, no prelo.

dente ao código da Direcção do Correio, tal como se encontra nos selos portugueses de relevo, os losangos de pontos, franceses, as barras inglesas com indicações similares, as âncoras para o correio marítimo francês, a combinação de números e letras nos correios ambulantes, etc. etc. cujo estudo aliciente constitui uma das mais belas actividades do coleccionismo filatélico.

A simplificação dos processos administrativos, o aumento crescente e progressivo das correspondências, vai determinar que o “marcador de data”, seja igualmente utilizado como marca de obliteração, sem outro artifício.

No princípio do século, quase todos os países tinham adoptado este procedimento, que a própria inutilização mecânica respeitaria, para lá da composição gráfica específica das suas matrizes.

O curso histórico da filatelia, não só não foi alterado pela inutilização violenta, total ou parcial das figuras, mas antes foi enriquecida pela aplicação de marcas obliterantes, verdadeiro capítulo do estudo filatélico e um dos seus mais apaixonantes aspectos.

Talvez que a historicidade de tais marcas, tenha determinado o aparecimento no mundo contemporâneo, das marcas forjadas pelas Administrações, para comemorar determinados factos e acontecimentos. A alienação que atingira os selos, vai agora penetrar no âmbito das suas marcas obliterantes. Fecha-se assim o ciclo histórico da filatelia, pela separação nítida da época clássica da época moderna, com todas as suas implicações e consequências.

Todavia, o carácter histórico das marcas obliterantes das primeiras emissões, permanecerá em toda a sua coerência, como documento ímpar da História das tecnologias que o Homem criou no domínio da sua vida social.

Seguidamente, numa II parte, aludiremos às questões da filatelia moderna e suas implicações.

Um Olhar pela Filatelia Moderna

Colecções e coleccionadores – Notas sobre os problemas do coleccionismo – A imagem gráfica (icónica) e o grafismo em filatelia – Notas sobre as colecções temáticas

1.

Só muito sumariamente nos referimos até aqui, aos problemas relativos ao coleccionismo temático. Foi nossa preocupação fundamental focarmos apenas os aspectos históricos em que se desenvolveu a filatelia, procurando de outro modo explicar a sua inserção, como fenómeno social, no devir permanente da História dos Homens.

Detemo-nos agora, libertos dessas preocupações, na análise desse complexo capítulo, que tão grande número de adeptos granjeou, conhecido como coleccionismo temático.

Procuremos então, como primeira abordagem, saber a que motivações corresponde, a que fundamentos obedece, que tipo de problemas resolve (ou não), o coleccionamento de elementos postais, de acordo com o critério convencional de um tema proposto.

Em primeiro lugar, e ainda dentro do domínio da História, diremos que tal possibilidade foi criada pelo aparecimento de vinhetas postais, que bem para lá das menções ou indicações indispensáveis à sua função (nome do país emissor, valor, eventualmente indicação da sua finalidade espe-

cífica), apresenta como estrutura formal, a alusão a figuras, acontecimentos, ideologias, simbologias diversas, sob a forma de representações gráficas, que se diversificaram até ao infinito. Sabemos que esses primeiros modelos obedeceram a razões de ordem histórica. No entanto, a partir dos primeiros ensaios, que é de uso atribuir ao célebre selo do Peru para a inauguração do caminho de ferro de Callao, mas sobretudo com as séries de Colombo dos Estados Unidos, ou com a série portuguesa de D. Henrique, a inserção de gravuras e imagens viria a tornar-se em breve, prática corrente de todas as Administrações emissoras.

Numa segunda fase, esses figurinos viriam a desprender-se de toda a motivação factual para se preocuparem tão só com a imagem gráfica ou simbólica da vinheta, segundo critérios pontuais autonomizados, sem nada ou muito pouco a ver com qualquer realidade subjacente

Cerca de 50 anos depois da criação do selo postal, o stock disponível de figurinos era já de tal ordem, que se tornava possível a sua catalogação diversificada por sub espécies dentro de cada tema, tornando múltipla a possibilidade da sua utilização.

Esse volume, e essa diversidade, se não são determinantes do coleccionismo temático, como uma solução para a actividade do coleccionador filatélico, são, pelo menos os seus dois mais importantes elementos.

Num ângulo de visão diferente, mas convergindo de certo modo sobre o fenómeno da produção crescente e por vezes muito desordenada dos documentos postais, teremos a inviabilidade do seu coleccionamento total.

Todas as colecções clássicas apresentadas hoje, em exposições, se contentam com um único país, região geográfica ou zona linguística determinada, compensando embora essa limitação, com uma especialização mais ou menos pormenorizada.

Qualquer colecção pretensamente Universal, seria sempre um fracasso, já que nenhum coleccionador actual poderia possuir um volume razoável de peças dentro do critério de universalidade, ou não disporia de espaço para conter tal colecção, se acaso ela fosse praticável.

A colecção temática, limitando o espaço e a disponibilidade física, concilia a ambiguidade criada pelo critério da universalidade com o espaço dimensão em que a mesma se deverá conter.

É no fundo uma fórmula complacente de se coleccionar todo o Universo postal, dentro de um critério aceitável por convenção.

O terceiro ponto que pretendo referir, nasce implícito do próprio coleccionamento. Diz respeito à *praxis*, à motivação íntima do coleccionador, liberto de toda a circunstância ou pressão. A motivação filatélica (o selo continua a ser o seu elemento material fundamental), desloca-se agora um pouco sobre o terreno da alienação, para se centrar sobre o tema, em si mesmo, tomado como o seu objectivo fundamental.

O selo não é mais um documento postal privado, que se colecciona pela sua razão histórico-documental, mas a peça acessória ou elementar de um tema que se elegeu, por obediência a critérios extrínsecos em relação à própria realidade que o motivou.

Esses critérios de escolha nascem de razões provindas das zonas profundas do subconsciente, e está por fazer a sua abordagem sistemática.

Entre as razões primárias, situamos à partida, a profissão: o professor ou escritor que colecciona homens célebres ou escritores universais; o médico que colecciona médicos célebres, ou temas ligados à sua especialidade; o militar que colecciona armas, fardas ou batalhas, o marinheiro que colecciona barcos, etc. a lista prolongar-se-ia indefinidamente, e bem gostaria de apresentar alguns exemplos dessas colecções, que têm ilustrado os painéis das grandes exposições.

Numa segunda ordem, colocaremos as colecções, sobretudo de jovens, obedecendo à classificação escolástica dos reinos da Natureza.

Depois vêm os temas relacionados com os gostos estéticos individuais, desde a pintura por épocas ou por escolas ou países, aos músicos, à arquitectura, à escultura, etc. subdivididas ou não por critérios metodológicos, ou ainda aos “nus”, acreditamos que ainda por razões igualmente estéticas.

Numa fase mais elaborada das motivações, colocaremos os temas complexos, as grandes relações metafísicas ou simplesmente histórico-filosóficas e aí deparamos com as sofisticadas colecções da mitologia como percursora da conquista do espaço, da vulcanologia, da flor relacionada com as diferentes fases da vida, ou até, e aí com plena

razão, colecções dedicadas aos grandes acontecimentos históricos, inclusivamente às Histórias nacionais, respeitando tanto quanto possível a documentalidade das peças apresentadas, e recorde aqui uma das mais completas colecções expostas em certames filatélicos, sobre a segunda grande guerra, de um coleccionador espanhol (medalha de ouro).

Apenas pretendemos aflorar um problema que envolve grande grau de especialização e um estudo bastante pormenorizado. Não quisemos porém deixar de o referir, como a talvez mais profunda justificação do coleccionismo temático, conciliando de forma probatoriamente eficaz e alcançada, o gosto pelo coleccionamento dos objectos postais (domínio da filatelia), com o gosto pelos elementos estéticos, científicos, naturalísticos (domínio da ciência, da técnica, da filosofia, da história, enfim, do conhecimento humano com todas as suas implicações).

Este aspecto, fundamentalmente pedagógico, terá contribuído para lançar a filatelia como uma actividade extra-escolar, quando não mesmo curricular, como em alguns países com bastante sucesso.

Surge-nos aqui a filatelia como um instrumento propedêutico de inestimável valor, e daí não resulta qualquer mal para a própria filatelia. O uso que o Homem faz das suas tecnologias é sempre de louvar, quando desse uso resulta o aperfeiçoamento social e a elevação do ser humano dentro dos seus autênticos valores.

Mas seria bem interessante se a par dessa actividade, digamos marginal, se aludisse sempre aos seus fundamentos, ao seu verdadeiro significado, à sua origem histórica, como forma de transpor a barreira que por vezes se verifica, por exemplo, entre o bibliómano que estima o livro como um objecto em si, e o bibliófilo autêntico, que ama e estima o livro pelas suas potencialidades contextuais, como o paradigma mais completo da actividade cultural no seio das sociedades na sua carreira histórica.

A filatelia documental, ligada ao seu aparecimento histórico, para lá dos aspectos técnicos emergentes, chegaria bem, por si mesma, para justificar a actividade por vezes frenética do seu coleccionamento temático, correndo embora o risco de o considerarmos como uma actividade louvável, sem dúvida, mas sempre de um ponto de vista escolar, didáctico, funcional.

As grandes exposições temáticas perderiam talvez um pou-



co da sua essência filatélica, pois teríamos que as considerar pelos seus temas ou pela qualidade das suas ilustrações. Voltaremos a reflectir sobre este tema, sob um ângulo diferente.

Nesse sentido, inserimos neste ponto um apêndice onde nos fixamos sobre os parâmetros icónicos a que a temática obedecerá por princípio.

Vimos já como, perante os condicionalismos resultante da evolução qualitativa das estruturas que regulam a nossa actividade, a colecção temática deixou de se organizar por referência a um princípio puramente filatélico, para se organizar por referência preferencial a um critério lógico-formal.

O objecto postal torna-se deste modo num objecto *icónico*, e é nesse preciso sentido que passamos a encará-lo.

Icónico na acepção moderna do termo, em tanto que imagem que representa ou reproduz os traços de uma figura, ou fixa os reflexos de uma ideia sobre o espírito, isto é, a relação sensitivo-emocional que uma dada imagem pode produzir.

É um modo diferente de ver, na medida em que a imagem *gravura* (signo/sinal), sobreleva todos os outros aspectos, tornados agora secundários por definição, sem perdermos todavia a noção da sua imprescindibilidade.

O suporte, neste caso específico, terá de ser sempre o selo ou por extensão (um documento postal em sentido lato), sob o risco de sairmos do domínio da filatelia.



Congressos de partidos. Tchecoslováquia, Congresso do KSC. Bulgária, congresso do BKP. Da República Democrática da Alemanha.

Toma-se assim, como ponto de referência, o motivo (signo/sinal + signo/símbolo) definindo semioticamente um dado período histórico, uma personalidade, uma ideologia, um grupo de influência, etc. sempre através do significante postal (corpo físico do suporte, selo ou outro objecto postal) encarado sob um critério necessariamente filatélico.

Resolveu-se assim a ambiguidade que sempre se coloca perante duas concepções que embora se não excluam à partida, sempre divergem em alguns pontos essenciais.

É de resto sintomático o esforço feito pela FIP (guidelines para a área temática) no sentido de conciliar estas duas concepções, estabelecendo 45 pontos para *plano, amplitude e desenvolvimento do tema* (elementos icónicos) e 45 pontos para *conhecimentos, estado e raridade das peças*, (elementos filatélicos), estes, provavelmente herdados da apreciação clássica.

Fica-se assim empatado na pontuação, por referência ao complexo campo da alta competição filatélica, mas em que o motivo, isto é, a essência icónica do documento, será sempre privilegiada.

Sistematizando, estabelecemos sob um critério semiótico, as formas assumidas pelo grafismo:

I - Icónicas reais

Fotografia, portrait

Medalhas gravadas

Efígies

Estátuas, bustos, etc.

II - Icónicas contextuais

Onomográficas

Monumentos, lugares relacionados

Efemérides (milésimos)

Reprodução (fac simile) de obras/textos.

Da combinação criteriosa destes elementos, nascerá uma colecção temática no amplo sentido do termo, e assim, dado o trabalho de pesquisa iconográfica que representa, ela constituirá sempre um óptimo referencial de informação para as gerações futuras, na medida em que puder documentar graficamente um dado período histórico, com as suas inquietações, os seus traumas, os seus momentos de glória.

2.

Não inteiramente desligado do aspecto didáctico que referimos, surge-nos agora o problema da **criatividade**.

A “criatividade”, conceito hoje muito em uso em inúmeros sectores da actividade humana, define-se como a capacidade de criar coisas novas, na prática compreende um conjunto de métodos ou procedimentos, cujo objectivo consiste no desenvolvimento das capacidades inventivas do homem, e funciona até certo ponto como uma compensação da forte standardização imposta pelo ritmo da civilização contemporânea, totalmente voltada para a produtividade.

É uma forma de libertação dos imperativos impostos pelo tipo de vida que o Homem criou, e no qual os *hobbies*, espaço para actividades de ocupação dos tempos livres, tomou importante significado.

A filatelia, como tendência vocacional para uma certa forma de coleccionismo com alta tradição e fortes antecedentes, seria assim tomada como uma das técnicas a utilizar dentro da grande área da “criatividade”, e largo sucesso lhe estava destinado.

A filatelia, que pode ser uma actividade extraordinariamen-



O entendimento do que é “arte postal” é bastante variável. Citem-se dois entendimentos extremos. Para uns é a utilização da estética na correspondência como instrumento para a difusão de uma mensagem. Para outras é a realização de obras de arte utilizando materiais utilizados na correspondência, nomeadamente selos. Acrescente-se que em alguns textos ainda se encontra um significado totalmente diferente: a arte que está na base da produção dos selos.

1. Composição floral com selos, de Robert Mauquest. Foram utilizados 52000 selos usados. presente no Museu do Correio em Paris. Fonte: http://www.laposte.fr/musee/english/collperm/mu_collperm_f13.htm

2. Colagem de selos sobre cartão. Igual fonte.

3. Odilon DULAC, “L’entrée de l’Espace du Possible”, 16 x 23 cm, Aquarelle sur enveloppe - 2001. Fonte: <http://membres.lycos.fr/postalart/>

te cara e sofisticada, apresentava-se do mesmo modo como uma actividade relativamente acessível do ponto de vista económico. Há colégios que em vários países organizam trocas de selos postais por milhares, como forma de alimentar essa actividade e adquirir o material indispensável ao exercício deste tipo de “criatividade”. Também certas organizações internacionais praticam esta forma de intercâmbio e regozijamo-nos que assim seja, como filatelistas.

Os sociólogos consideram mesmo esse intercâmbio e a complicada rede de actividades relacionadas, em si mesmo, como uma forma altamente criativa.

Mas para nós, é no aproveitamento do material filatélico adquirido que se situa fundamentalmente o problema.

Claro que não vamos reincidir na ideia de Maury, que em 1876, pôs a concurso a execução de painéis inteiramente feitos de selos, colocados sobre quadros, obedecendo a traçados geométricos artisticamente concebidos. Esses traçados seriam posteriormente publicados na sua revista, e o quadro vencedor, “extraordinariamente belo” como o próprio Maury afirmou, teria utilizado a bonita soma de 12.000 selos.

Todos nós temos visto por aí “criatividades” do género expressas em jarras, cinzeiros, caixas, bandejas, dossiers, e sei lá que mais material decorativo, formado ou utilizando selos postais, em que as tonalidades e as gravuras se combinam por vezes em autênticas obras primas.

Mas atenção! Tais “espécimens” de modo algum reflectem uma actividade filatélica. O que se nos apresenta aí, não é mais que a aplicação acessória de um material, fora ou para lá do seu contexto real.

Não discutimos o seu valor criativo. Apenas pomos dúvidas quanto ao seu valor filatélico

Mas deixemos este ponto que não desejaríamos fosse controverso e entremos de novo na questão central. É sobre a colecção que nós incidimos. E neste caso, sobre a colecção temática onde o exercício da criatividade é ou pode ser equacionado.

Compreendem-no assim as autoridades internacionais que neste mundo pontificam sobre este assunto e todos nós, filatelistas, sabemos por experiência, que uma das grandes hipóteses de pontuação, resulta da originalidade do tema, desenvolvimento do tema, apresentação do tema, portanto, sempre prémios para a “criatividade”. Do mesmo

modo se classifica a adequação do selo ao tema proposto, por critérios nem sempre muito explícitos, mas voltaremos a este assunto um pouco mais à frente.

A colecção temática, surge-nos assim, como um verdadeiro “polo” de “criatividade” e é talvez o único critério para se conseguir a unidade imprescindível a toda a obra.

Como poderíamos nós conciliar a homogeneidade indispensável de uma colecção, com o volume e a “babilónia” das emissões postais já hoje em curso em todo o mundo?

O coleccionamento por temas, aparece-nos então, consideremo-lo, como o único caminho possível para uma filatelia de massas e a grande força da filatelia contemporânea, apesar de todas as grandes objecções, de que nós próprios nos temos feito eco.

O problema da unidade será então o problema central das colecções temáticas. É pelo menos aquele que a “temática” resolve da forma mais eficiente, como única alternativa para o coleccionamento “clássico”, em que a unidade resulta de imperativos de ordem histórica, como temos vindo a afirmar.

A “unidade” define-se então, como a perfeita adequação de cada elemento, ao critério do “conjunto tomado em compreensão”, a que esses elementos “pertencem” e nos obriga a tomar esse conjunto de peças dispersas, como uma obra única, sem solução de continuidade.

Essa unidade, a “unidade temática”, é talvez o elemento mais declaradamente válido do coleccionismo moderno, e que por si só chegaria para o justificar.

Resta-nos a análise da “adequação”, isto é, do critério usado como padrão unificador de peças tão díspares em relação ao núcleo central, de acordo com o seu refazer unitário, dada a coerência com que essas peças se interligam.

Matematicamente, o “tema” funciona como um “conjunto em compreensão”, sendo a coerência interna da colecção obtida pela integração nesse “conjunto” de todos os elementos que lhe “pertencem”, ou melhor de forma que todos os elementos lhe “pertençam” efectivamente.

Há agora que caracterizar a “compreensão” do conjunto em causa, isto é, a identificação do tema a tratar. Não é fácil a elucidação deste problema central.

Da análise dos temas possíveis e mais objectivamente, em presença de exemplos concretos obtidos através dos catá-

logos das últimas exposições, desde logo reflectiremos sobre dois tipos diferentes de critérios, cada um com a sua articulação própria.

Aos temas “fixos”, tipo catálogo descritivo, opõem-se com frequência os temas ideológicos, cujo peso incide sobre o desenvolvimento de uma ideia central, cuja caracterização nem sempre é explícita. No primeiro caso, teremos ao temas genéricos: zoologia, desportos, veículos, homens célebres, a tipologia dos reinos da natureza, enfim, todos os temas genericamente estáticos. É-nos fácil aí, a caracterização dos elementos que “pertencem” ao “conjunto”. Estas colecções, adquirem o valor de um catálogo ilustrado em que às peças a incluir, se exige apenas que possuam o grafismo adequado ao “conjunto proposto em compreensão”.

O problema é outro, quando os temas a desenvolver exprimem uma ideia dinâmica, a evolução de um conceito, uma série lógica de factos, a defesa expressa de uma determinada “tese”.

A criação do Mundo, a evolução de um ramo ou de uma área definida do conhecimento, a descrição de um processo industrial ou outro, envolvendo fases distintas, por vezes com alguma complexidade. Ainda os motivos caracterizadamente históricos ou sociais, as guerras, conflitos, épocas tomadas no seu sentido diacrónico, com os seus eventos geralmente interligados por razões próximas de causalidade, etc., etc.

Aí o poder criativo e a pesquisa filatélica sobrelevam o problema da adequação e constitui por vezes, trabalho verdadeiramente meritório.

Ao primeiro tipo, chamamos nós “adequação lógica” e é imediatamente percebido em relação ao “conjunto”; à segunda chamaremos “adequação conceptual” pois para lá da sua adequação lógica imediatamente percebida, há todo um problema de identificação com o conceito dinâmico expresso, do qual a peça (postal) considerada, é apenas a forma material imediata.

Para os juizes, estes critérios só muito eventualmente são levados em consideração.

Regra geral, os juizes são filatelistas e é como filatelistas que julgam as colecções expostas.

No fundo é mesmo de filatelia que queremos falar, pelo que os critérios filatélicos terão sempre que se sobrepor aos

outros. Mas estes problemas surgem não raramente. Durante um colóquio, um coleccionador perguntou se não podia inserir na sua colecção, um documento (texto) referente a um determinado tema. É evidente que aí o “documentalismo” da colecção se sobrepunha ao conceito matemático de “conjunto filatélico”. Tal documento não era por princípio, matéria postal, não podia ser considerado como elemento filatélico, estaria certamente fora do “conjunto”, embora do ponto de vista da “adequação conceptual” ele aí pudesse ter cabimento em absoluto.

Um outro participante perguntava se não poderia incluir na sua colecção, uma carta do período pré-adesivo, exibindo como marca, o nome de uma cidade, em concordância com o contexto do tema que se propunha desenvolver.

Ora a carta é um elemento postal indiscutível, e assim, a peça obedecia sem dúvida à “adequação filatélica”. Mas será de incluir um elemento como esse, numa colecção que vive do factor gráfico/simbólico, ou em que esse elemento é, pelo menos fundamental? Aí a “adequação contextual histórica”, entra em conflito com a “adequação lógica” e nós não saberíamos responder-lhe.

Outros exemplos demonstrar-nos-iam que se está longe da concordância na maioria das soluções a dar a toda a problemática levantada pelo coleccionismo temático, como longe nos encontramos de uma sistematização efectiva deste tema.

Expor uma temática num certame filatélico, é ainda uma experiência de risco calculado, dadas as inúmeras dúvidas levantadas pela discrepância entre os critérios do coleccionador e os critérios dos juizes, à consideração de quem tais critérios são expostos.

Talvez no sentido de ultrapassar as divergências de que me fiz eco, surgiu uma nova estratégia a ser seguida pelos coleccionadores temáticos. Com efeito, em algumas das últimas exposições mundiais, foi já consentida a inserção de documentos diversos, mesmo fora da área considerada filatélica, desde que possuam, como seria evidente, uma necessária adequação ao tema proposto. Fica-se a ganhar em profundidade e em objectividade científica, em detrimento da vertente filatélica.

Agora tudo muda. Esta nova situação vai carecer de uma reflexão mais cuidada, mas por minha parte considerarei ter-se esgotado o grande e glorioso ciclo das colecções temáticas, tal como nós conhecemos.

3.

Onde as divergências patentes na temática filatélica parece adquirirem maior peso, é, supomos nós, ao nível da “adequação contextual”. Aliás são ainda imensas as ambiguidades levantadas em muitos outros aspectos do coleccionismo temático, aos quais ainda nos referiremos.

Como “adequação contextual” consideramos nós a relação implícita de causalidade entre a emissão de um selo ou série postal e o motivo expresso que levou à sua produção por parte da entidade emissora.

Referimo-nos, como é evidente, às emissões comemorativas ou jubilares de eventos e personalidades, para marcar sob forma postal uma efeméride.

O grau de adequação histórica de tais selos é relativamente importante, conforme deixamos dito nas páginas anteriores.

Mas agora, a adequação a que nos referimos, tem como segundo termo a compreensão do “conjunto” e não já apenas a produção do evento histórico ou político que lhe deu origem. Regra geral, o grafismo de tais figurinos aludem directamente ao motivo que os inspirou, mas as coisas nem sempre se passam assim. A liberdade de concepção do



Alguns selos da Europa-CEPT durante o período em que a imagem era semelhante para todos os países integrados nessas emissões conjuntas. São dos anos 1964 a 1967, 1972 e 1973. Este foi último ano de imagem comum (embora posteriormente haja um ou outro ano na mesma modalidade). A partir daí o que é comum é o tema.

artista que realiza esses selos, leva-o muitas vezes a extrapolar o assunto para o domínio estético das simbologias, criando grafismos de leitura difícil ou passíveis de inclusão em “conjuntos de compreensão” diversos do seu motivo fulcral. Tomamos como exemplo as homenagens a santos ou heróis, cujo grafismo assenta sobre as sarças ardentes, as nuvens diáfanas, águias, pombas ou simplesmente anjos, como os jubilares de acontecimentos se traduzem na reprodução de quadros ou obras de arte decalcadas do património artístico ou cultural do país em referência.

Os últimos selos EUROPA, são exemplos claros e objectivos do que acabamos de referir.

Mas raramente o coleccionador se preocupa com este tipo de adequação, na pesquisa que efectua dos grafismos de que necessita, dentro da “compreensão” do seu “conjunto”.

Analisemos entretanto alguns dos problemas actuais do coleccionamento temático, no que respeita ao aspecto das adequações.

Em primeiro lugar, põe-se a questão da inclusão (ou não) de toda uma série, cujo motivo é repetido (variando tão só na cor, na taxa, por vezes só nesta última). Logicamente considera-se o caso como a intercepção do “conjunto” $\{x_1, x_2, x_3 \dots x_n\} U(x)$ em que (x) é o grafismo e cuja intercepção nada adianta à compreensão do “conjunto”. Com efeito se o selo é considerado apenas como figurino ilustrativo de uma ideia ou conceito de ordenação, para quê ilustrar a mesma ideia com (n) gravuras idênticas? Mas estará certo, do ponto de vista do coleccionismo filatélico, desprezar a “extensão” em favor da “compreensão”? Este conflito só pode ser superado pelo convencionalismo da solução a adoptar e não seremos nós a propor essa solução.

O caso complica-se mais, quando numa mesma série se contêm elementos gráficos de “compreensão” diversa, ou elementos gráficos decomponíveis por vários critérios de “compreensão”. Será então lícito separar a série e distribuí-la por temas diversos obedecendo às diversidades do seu grafismo? Será o coleccionador de mamíferos obrigado a desprezar o peixe numa série zoológica?

O critério lógico e o critério filatélico estão de novo em conflito, a menos que façamos prevalecer o critério lógico, porque por definição é lógico correndo o risco de cair na contradição de encarmos o selo apenas como um mero elemento figurativo e esse é, quanto a nós, o maior atentado

que se pratica contra a filatelia, tal como a temos concebido. Voltamo-nos agora para a “adequação contextual” tal como expusemos no princípio desta reflexão, onde as contradições são ainda maiores.

Perguntamos nós se será lícito incluir num tema de pintura, um selo EUROPA, só porque contém aquele grafismo, desligando-o em absoluto da sua motivação intrínseca e violentando a “adequação contextual” em detrimento do critério “lógico conceptual”. Pode o selo que glorifica o aviador Mermoz ser incluído num tema zoológico, porque uma águia constitui a simbologia escolhida para essa glorificação? Podem os selos que comemoram o 10º aniversário da NATO ou o 1º de 25 de Abril, incluir-se numa colecção dedicada às aves, porque no seu grafismo se inclui uma pomba? E o selo do congresso de reumatologia poderá figurar entre os ofídios de uma colecção especializada porque exhibe uma serpente?

A cada passo deparamos com violentações e absurdos semelhantes, erros crassos de interpretação, inconsciência ou indiferença perante os verdadeiros motivos da actividade humana. Por isso dissemos e repetimos que o coleccionismo temático, alheando-se destes problemas de fundo, poderá constituir uma das actividades mais criativas, didácticas, ocupacionais, mas há que refazer conceitos e estabelecer bases metodológicas correctas, se quisermos conceder-lhe também o indispensável cunho de colecção filatélica autêntica, ou seja, actuar de modo a que os critérios filatélicos sejam preservados e respeitados na sua integridade.

Num campo já um tanto marginal em relação ao problema das “adequações” vêm as observações de carácter interno em relação à própria colecção. Problemas dizendo respeito à apresentação, organização e estrutura, de entre os quais fixamos o referente à legendação dos “itens” expostos.

Deve escrever-se muito, pouco, o quê?

Este é um assunto que se prende directamente com a “legibilidade” do material exposto e da sua coerência. Coerência essa que é muitas vezes procurada através da própria legendagem, mais ou menos discursiva, para lá do material filatélico e sua consequente ordenação topográfica.

Os teóricos aconselham a escrever apenas o suficiente ou o indispensável. É evidente que aquilo que o “espectador” aguarda de uma exposição filatélica, é a matéria postal, o

selo, a carta, a marca postal, sobretudo se se trata de um “espectador” iniciado, mas espera igualmente que a coerência interna, ou seja, uma certa “unidade” lhe seja sugerido, e se tal é possível facilmente numa colecção “catálogo” em que se encontram expostas “espécies” e onde a “unidade” é a unidade obtida pela presença repetida do grafismo em relação ao tema, já na colecção “tese”, em que a compreensão é dinâmica e vive mais dos conceitos que da sua representação gráfica, a linguagem é absolutamente indispensável.

Depende da subtilidade ou habilidade do expositor, tornar a legendagem bastante sintética, mas suficientemente explícita para uma leitura correcta e compreensível do material a expor. Seguindo outro caminho e para finalizar aludiremos às colecções de “assunto”, onde o respeito pela “adequação contextual” e pelo critério filatélico se pode e deve cumprir com exactidão e onde a maior parte dos conflitos assume sempre uma forma suave.

As colecções que englobam as séries dedicadas à perpetuação de uma figura ou evento de projecção universal, ainda os tratados e acordos, os blocos políticos os blocos económicos, as ideologias universalizadas pela teoria e pela “praxis”, os acontecimentos religiosos, desportivos, militares, as acções conjuntas de países ou grupos de países, associações de diversa índole, em prol de objectivos comuns: defesa dos patrimónios arquitectónicos ou culturais, protecção dos recursos, preservação do meio ambiente, grupos ecológicos, etc. etc.; a celebração de inventos ou inventores, as descobertas tecnológicas com valor social, o telefone, a televisão, a informática, etc. representam quanto a nós a melhor via conciliatória dos conflitos desencadeados pela oposição dos critérios entre o coleccionismo temático e os aspectos específicos da própria filatelia.

É pelo menos o tipo de colecções que historicamente melhor reflecte a predisposição de Estados e sociedades face aos aspectos decorrentes da sua vida comum, sua evolução, conotação das suas mais profundas preocupações e assim, a colecção que melhor serve a documentalidade histórica e política do seu tempo.

Infelizmente tais colecções são sempre preteridas em favor dos temas complexos, mais procurados talvez pela sua originalidade, como pela possibilidade que oferece à demonstração de um conceito de eruditismo e cultura, nem sempre tomado no melhor sentido e com sacrifício, quase

sempre, dos verdadeiros factores que impuseram a filatelia como uma das mais consequentes actividades criativas do Homem contemporâneo.

Centrados agora verdadeiramente sobre as questões internas da própria colecção, restar-nos-ia aludir sumariamente a pormenores de estrutura, à topografia do material a expor, ao número de peças a colocar em cada lâmina, ao número de lâminas por assunto, à divisão do tema em capítulos ou secções, etc. etc.

Evitaremos por uma questão de probidade metodológica, emitir opiniões sobre questões que decorrem do domínio das puras convenções. Desde o princípio que procuramos apoiar-nos sobre um máximo de racionalidade possível e não o vamos evitar agora. Estas questões prendem-se muito com a “legibilidade” exigível a toda a realização humana, aos conceitos de estética do expositor, à forma como ele, individualmente resolve por si, os problemas que lhe vão sendo colocados.

De outro modo, qualquer guia filatélico abordará esses assuntos sob a forma de conselhos e temos visto alguns onde esses objectivos se encontram perfeitamente desenvolvidos.

Já tanto não diremos do problema que consiste na selecção do material a expor, não propriamente já da sua adequação racional, nos termos em que o expusemos anteriormente, mas sobretudo no que respeita às espécies a utilizar para além dos selos. Como todos sabemos, é hoje posto ao poder discriminatório de utilização por parte do coleccionador filatélico, todo um “arsenal” de objectos ditos “postais” por definição (sobretudo por convenção) e é sobre esse material que o expositor fará incidir a sua atenção.

Não sabemos intuir hoje, para o longo futuro de um século, o destino das nossas colecções. No longo futuro de um século todos teremos deixado de existir.

Mas do nosso posto de vista crítico, ainda apostamos na filatelia, ligada aos seus pressupostos de ordem histórica, tal como vimos referindo ao longo destas páginas despreocupadas, embora nem sempre desapaixonadas.

Talvez o Homem do futuro tome estas colecções como meros restos de um passado que herdou simplesmente, como nós herdamos os velhos álbuns de nossos avós, junto com os quadrinhos de miçanga ou as velhas estampas à pena que fizeram embora os seus encantos. Honra pois, à

FILATELIA que o Homem saberá guardar e receber, como documentos autênticos da História, por relação aos grandes acontecimentos, dramas e glórias do Homem contemporâneo.

Um Olhar sobre Outros Aspectos Pertinentes

Correio sob tensão – Correio sobre os limites – Breve incursão linguística sobre a Filatelia – Caridade filatélica – O Correio do futuro

Correio sob Tensão

Podemos dizer com alguma propriedade que o Correio sempre esteve ligado aos meios de transporte, dos quais foi necessariamente subsidiário. A Filatelia, nas suas preocupações de sistematização, considera deste modo esses meios particulares, distinguindo assim, correio normal, correio marítimo, correio ferroviário, correio aéreo, etc., como formas sensíveis para o seu coleccionamento. Sabemos, no entanto, como alguns incidentes históricos alteram por vezes as condições em que os meios de transporte e as vias de comunicação se degradam, impossibilitando o seu normal desenvolvimento. As guerras, sobretudo, introduzindo profundas alterações no que respeita à ocupação, organização e controlo de grandes espaços geográficos, criam por seu lado condições muito próprias no que respeita ao transporte e circulação das correspondências.

Fixemo-nos aqui, para nos deter um pouco sobre a guerra franco-prussiana (1870-1871) que levaria ao demorado cerco de Paris e nos deixou os mais acabados exemplos sobre as dificuldades postas no transporte das comunicações, bem como na originalidade dos meios para as ultrapassar. Com efeito, para apoiar a acção das tropas cercadas na capital, bem assim para manter o moral de toda a população parisiense, tornava-se necessário organizar o mais cedo



Ballon monté com destino de Monaco.
 Fonte: contracapa de Philatélie Magazine
 nº 9, Novembre 2002, de Boule, Paris

possível um serviço que se demonstrasse eficaz para a troca de correspondência entre Paris cercada e a província livre.

O 3º exército alemão, após a queda de Metz e a capitulação do Imperador *Napoleão III* em Sedan, onde colocou nas mãos do inimigo cerca de 86.000 homens, dirigiu-se em marchas forçadas para a capital que cercou na noite de 18 para 19 de Setembro de 1870. Foi aqui relevante o papel da Administração dos Correios dirigida pelo seu antigo director *M. Rampon-Léchin*, enquanto o inspector *M. Steenockers* dirigiria a sua organização nos territórios não ocupados.

A primeira ideia para romper o cerco, demonstrou-se desastrosa. Consistia esta em lançar de noite, sobre o cordão das tropas sitiadas, os “coureurs de la poste”, que traduziremos como correios corredores, cujo recrutamento apressado tivera lugar pelos fins de Agosto de 1870. Foi-lhes então imposto um sacrifício tão heróico quanto dramaticamente ineficaz. Não só devido à pequena quantidade de correspondência que cada um podia levar, como pelo facto trágico de que apenas um, tanto quanto se sabe, conseguiu passar com sucesso as linhas alemãs.

Procurou-se então um outro meio, de transporte adequado às terríveis condições impostas. Surgiu assim a ideia de recorrer aos balões, aliás já ensaiados em Metz durante o bloqueio do exército francês. Esse processo conhecido como “les papillons de Metz”, consistia em lançar pequenos balões cheios de hidrogénio, tipo *Mongolfière*, transportando pequenos maços de folhas de papel muito fino, com 9x5cm., contendo de um lado a mensagem, do outro a seguinte inscrição: Armée du *Rhin* - poste aérostatique. Todavia, para as necessidades de uma população tão numerosa como o era a de Paris, tal meio, aliás de sucesso muito duvidoso, não se mostrou satisfatório.

Foi assim que em 23 de Setembro de 1870, seria lançado um balão pertencente a *M. Nadar*, tripulado pelo aeronauta Durouf, que levou de Paris um carregamento de cartas e despachos, que viria em condições e sob controlo a aterrar em Evreux. Estimulado por esta experiência, logo o director Rampon se encarregou de organizar um serviço de correios adequado às condições excepcionais que se verificavam. Nasceram assim as grandes oficinas dedicadas à construção de balões, para o que utilizou as gares Du Nord e de Orléans, tornadas inoperacionais com a suspensão de todo

o serviço ferroviário.

A história dos balões não é todavia pacífica, o que é natural tendo em presença os riscos extraordinários que se corriam. Ainda assim entre 23 de Setembro 1870 e 28 Janeiro 1871, foram registadas 65 ascensões. O próprio Rampon oficializou a sua iniciativa, publicando um decreto para a circunstância:

Artº 1º - A Administração dos Correios está autorizada a expedir pela via de aerostatos tripulados as cartas ordinárias com destino a França, Argélia e estrangeiro.

Artº- 2º - O peso das cartas expedidas pelos aerostatos não deverá ultrapassar 4 gramas. A franquia a cobrar para o transporte destas cartas mantém-se fixa em 20 cêntimos. O franquimento é obrigatório.

Entre a lista dos insucessos, anotaremos:

“*Le Galilée*”, 4 Nov. aterrou em Orléans precisamente no dia em que a cidade foi tomada pelos prussianos. O marinheiro *Husson* e o Engº Vidal foram feitos prisioneiros.

“*Le Daguerre*”, 12 Nov. aterrou em Ferrières, tendo sido feitos prisioneiros os seus tripulantes.

“*Le Jacquard*”, 28 Nov. tripulado por Pierce, perdeu-se no mar com tripulante e bens.

“*La Ville de Paris*”, 15 Dez. aterrou em Nassau, ficando prisioneiros os seus 3 aeronautas. Apenas Delamorre conseguiu evadir-se e regressar a Paris.

Le “*Richard Walloce*”, pilotado por Locage, perdeu-se no mar.

Obviamente que o desenvolvimento tecnológico não permitia aos aerostatos um voo inteiramente seguro e preciso, dependendo quase que inteiramente das condições meteorológicas, nem sempre favoráveis.

O Balão “*L’Archimède*”, com 220 Kg de correio, aterrou na Holanda. O “*La Ville d’Orléans*” com 250 Kg de correio aterrou na Noruega, etc. Um dos maiores perigos corridos pelos balões, ainda era de facto a fuzilaria prussiana, de tal modo que a partir de 18 de Novembro só poderiam ser lançados balões durante a noite e sem aviso prévio.

Que volume de correspondência terá sido transportado por este singular processo de transporte? Os registos feitos indicam-nos com bastante precisão esse volume. A título de mero exemplo respigamos alguns desses balões:

“*Le Neptune*”, 23 Set. levou consigo 103 kg.

“*L’Armand Barbès*”, dirigido por Trichet, apenas levou 10 Kg de correspondência. Todavia, transportou Gombetta e Spuller que saíram de Paris para assegurar a organização do exército na província livre.

“*Le Washington*” transportou 300 kg. “*Le Victor Hugo*”, 440 kg., finalmente “*Le Garibaldi*”, que bateu o record absoluto, transportando 550 Kg de correspondência.

O sucesso deste serviço excepcional fica demonstrado no aviso feito pela Administração Postal, indicando que as cartas fechadas, reservadas para serem transportadas pelos aeróstatos, deverão trazer sobre o endereço, a menção expressa: “Par ballons montés”.

No caso em que todas as cartas recolhidas, não possam ser expedidas pelo balão a sair, a preferência será dada às cartas mais leves...

Outra das preocupações levantadas pelo serviço de balões tripulados, dizia respeito ao investimento necessário de forma a cobrir as despesas que tal serviço implicaria necessariamente. Porém, contas feitas, somos forçados a concluir que a Administração terá até recebido benefícios apreciáveis.

Senão vejamos: o custo de um balão, já cheio e pronto a ser lançado, importava em 5 a 6.000 francos. Todavia, considerando a relação peso (2 gramas) - franquia (20 cêntimos), (art.º 2.º - do decreto *Rampon*), concluímos que 100 kg de correspondência equivaliam a cerca de 10.000 francos. Fácil nos é concluir sobre os lucros acrescidos para esta operação, sabendo que, em média, cada balão transportava entre 200 e 500 kg de correspondências...

Enquanto se resolvia deste modo o problema do transporte da correspondência saída de Paris, restava o problema, não menos importante, de como fazer para entrarem em Paris as mensagens provenientes do exterior. Utilizando os mesmos balões, estava fora de causa. Os ventos dominantes não permitiam um controlo rigoroso dos balões, que andavam muitas vezes à deriva, numa altura em que a tecnologia não possuía ainda os instrumentos que permitiriam um grande rigor para aterragens calculadas.

Mas urgia fazer chegar as notícias sobre o que passava no exterior, bem assim as missivas personalizadas em relação àqueles que a guerra separara.

Recorreu-se então à utilização dos pombos correios, que

levados para fora de Paris nos balões tripulados, trariam de retorno as mensagens sob a forma de suportes, que ficariam conhecidos como **"Pigeongrammes"**, que com alguma liberdade traduziremos por *"pombogramas"* ... Os primeiros pombos terão sido transportados pelo *"La Citta di Firenze"*, pilotado por *M. Mangin* e saído de Paris em 28 de Setembro, isto é, apenas uma semana depois do início do cerco.

Referiremos alguns dados técnicos sobre a forma de rentabilizar ao máximo o serviço entregue a esses magníficos voadores, que por alguma razão, constituem um dos símbolos do serviço de Correio. Por coincidência, ainda antes do cerco, *M. Ségalas* teve a ideia de propor a instalação de um grande pombal na Torre da Administração Geral dos Correios, à rua Grenelle, tendo sido então requisitados em toda a cidade um bom número de pombos. A verdade é que, de uma forma calculada ou não, quando *M. Steenachers* chegou a Tours, onde instalou o seu quartel general, faziam parte da sua bagagem algumas caixas contendo um bom número desses belos voadores. Foram esses pombos que levaram para Paris, as primeiras mensagens, escritas à mão, em letra o mais reduzido possível e, obviamente, sobre papeis de finíssima textura.

À sua chegada a Paris, as suas preciosas mensagens eram levadas ao Governador que, com o auxílio de lupas, as mandava ler e transcrever, remetendo-as posteriormente aos destinatários. Compreende-se que as mensagens nem sempre chegavam em condições ótimas. Muitas vezes tornavam-se mesmo ilegíveis, dado que os seus frágeis suportes chegavam amarrotados, rasgados, a escrita esborratada pela chuva, etc.

A partir desta constatação, pensou-se em sofisticar os processos de impressão das mensagens, de forma a obviar os inconvenientes apresentados.

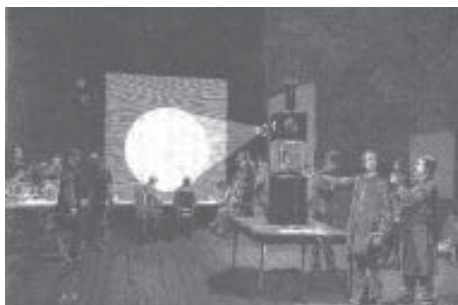
Entrou-se assim numa corrida tecnológica, em que terão sido propostos diversos sistemas, a partir sobretudo dos trabalhos fotográficos realizados pelo químico *Barreswil*. A organização de todo este processo, seria entregue a *M. De Lafolnye*, inspector das linhas telegráficas e que por acaso era, além de mais, um distinto fotógrafo amador.

De Lafolnye publicou, em 1871, uma memória de onde foi possível respigar todos os dados referentes a este processo.

Em resumo e sem nos preocuparmos demasiado com as



Dois exemplos de Pigeongrammes, leiloados por J. Robineau.



Leitura de mensagens recebidas com a utilização de pombos.

Fonte: Pascal BEHR e outros, *Timbres de France. Le Spécialisé 1849-1900* (Vol. 1). Paris, Yvert et Tellier.

subtilezas de ordem técnica que foram sendo ensaiadas, fixemo-nos sobretudo nas operações fotográficas realizadas por *M. Blaise* e que consistiam, no fundamental, em reduzir o tamanho e o peso dos suportes, ao mesmo tempo que se procurava aumentar a qualidade de informações. O processo húmido ordinário, utilizado em grande parte, consistia em estender uma preparação de colódio sobre uma placa de vidro, sensibilizá-la e desenvolvê-la enquanto a camada sensível se achava húmida. Mais tarde, *Blaise* teve a ideia de imprimir as mensagens, agora tipografadas e permitindo uma maior redução e uma maior precisão, não apenas sobre a face albuminada (brilhante), do papel fotográfico mas também sobre o verso, após este ter sido cilindrado fortemente. Obtinham-se assim suportes com 3 ou 4 centímetros, perfeitamente legíveis com o auxílio de uma simples lupa. Foi assim que entre 4 de Outubro de 1870 e 3 de Fevereiro de 1871 graças ao processo de microfotografia, milhares de mensagens sucintas, reproduzidas sobre películas de colódio entraram em Paris, onde eram projectadas sobre um écran, transcritas sobre impressos especiais e remetidas aos seus destinatários sob a forma de telegramas. Referiremos ainda as tentativas, excepcionais para a época, de aplicar um sistemas de micro-pontos, com cerca de 1 milímetro. Tornava-se porém necessário descodificá-los com o auxílio de um microscópio o que se revelou perfeitamente impraticável. O Museu Postal de Paris possui uma pequena amostragem desses ensaios, em tiragem positiva sobre película.

Foi porém o processo da redução fotográfica que foi seguido. As películas, após tratadas convenientemente eram enroladas e introduzidas no pequeno tubo cortado de uma pena, que era fixado com uma fita de seda às penas mais longas da cauda do pombo. Os balões saídos de Paris cada vez traziam mais pombos, muitas vezes os mesmos. É conhecido um deles a que deram o nome de *Gambetta*, que, segundo consta, realizou quatro viagens de ida e volta por sobre as linhas inimigas.

Não foi porém assim o destino de muito deles, ora extraviados por efeito das más condições meteorológicas, particularmente duras durante o inverno de 1870 - 1871, ora por terem sucumbido ao intenso fogo dos atiradores alemães. E não só. Em 27 de Novembro constava que o general Trochu recebera um falcão belga que segundo se dizia, teria devorado cinco pombos. Mas era conhecido o facto de os alemães terem povoado os arredores de Paris com vári-

as aves de rapina, que terão produzido enormes estragos. Segundo um relatório de *M. Blay*, terão sido largados 248 pombos, no decurso de 47 largadas. *Blay* afirma que apenas 59 terão chegado em condições. Todavia *M. De Lafolaye* expressa que de 10 de Novembro a 11 de Dezembro, as folhas microfotografadas por *M. Mamme* e *Blaise*, elevavam-se a 64, contendo cerca de 9.800 mensagens de 16 palavras cada uma. Nas preciosas notas deixadas por Maury, que viveu estes acontecimentos, diz-se: *“Creio poder afirmar sem medo de errar que o maior parte das mensagens trazidas por pombos, chegaram prontamente a Paris, onde causaram uma indifinível sensação”*.

O Serviço dos **“Pigeongrammes”** seria entretanto oficializado por Steenackers, que em 4 de Novembro por decreto publicado em Tours, dizia:

Art. 1.º - É permitido a toda a pessoa residente sobre o território da República, se corresponder com Paris por meio de pombos da Administração dos Correios, mediante uma franquia de 50 centimos por palavra, a perceber à partida e nos limites que serão determinados.

Art. 2.º - Os telegramas destinados a esta transmissão especial, serão recebidos nas estações de telégrafo e transmitidos quando as exigências do serviço o permitirem.

Art. 3.º - O Estado não assumirá qualquer responsabilidade em relação a este serviço especial. A franquia não será reembolsada em nenhum caso.

Terminamos estas notas, com a referência a um outro processo seguido no sentido de fazer chegar a Paris mensagens originais, expedidas do exterior. Trata-se dos **“Boules de Moulins”**, que consistia em lançar, a montante do Sena, fora do território ocupado pelos alemães, mas tão próximo quando possível, pequenas caixas cilíndricas, perfeitamente flutuantes, dentro das quais se metiam as correspondências, com um peso máximo de 4 gramas, levando a menção: *“Paris Par Moulins”*.

Este processo de penetração em Paris, cedo se revelou impraticável, devido em parte aos rigores da invernia que se fez sentir em 1870-1871.

Em outro lugar reflectiremos sobre a importância destes incidentes sobre a filatelia. Já que sobre a história a sua importância fica demonstrada.



Boule de Moulins
Exposto no Museu do Correio de Paris
Fonte: http://www.laposte.fr/musee/collperm/mu_collperm_f5.htm

Correio sobre os Limites

1. É durante os grandes períodos de guerra, quando o fenómeno da desorganização subverte todos os princípios e desagrega todas as instituições no seio de uma comunidade, que o correio se opera inapelavelmente, sobre os limites. Os exemplos históricos deste facto são inúmeros. Nesses momentos cruciais, a circulação postal, ou, do nosso particular ponto de vista, a filatelia, vocacionada, como admitimos, para a relha e coleccionamento documental dos incidentes ocorridos durante esse período, forçosamente se exerce sobre os limites. Tomarei agora para ilustrar este tema, a ocorrência da guerra franco-prussiana de 1870/71, bem assim o período em que ocorreu a Comuna de Paris, com suas perturbantes consequências.

É nesses exactos momentos que a filatelia se enriquece, decorrendo a par com os acontecimentos históricos que ela de certo modo protagoniza e ilustra.

Consideraremos agora, como principais factores de incidência, o facto não sei exactamente se confirmado, de as guerras serem responsáveis pelo aumento, por vezes caótico do volume de correspondência, ou pelo menos e disso já não tenho quaisquer dúvidas, da sua premência, motivada por óbvias razões psico-emocionais. O volume de correio transportado sob condições anómalas por balões tripulados durante o cerco de Paris, representou, na sua totalidade, 2 ou 3 vezes o volume admissível durante o mesmo período em condições normais.



No início de 1870 foram postos à venda selos em cêntimos impressos em Berlim. Aqui apresenta-se uma carta circulada com um desses selos de 20 c.

Fonte: Annette APAIRE e Outros, *Le Patrimoine du timbre-poste français*, Paris, Flohic. Pag. 87

O segundo factor perturbador da normalidade, fixa-se no facto de a desorganização dos serviços postais atingir a sua essência, sobretudo quando se verifica uma invasão, com a conseqüente ocupação física de um território nacional.

Ao invasor, e porque o selo representa e simboliza sempre a essência de uma nacionalidade, restará ocupar-se ele próprio dos serviços postais, modificando ou anulando os elementos normais que consensualmente protagonizam modificadas, etc. que testemunham essas circunstâncias históricas.

É desse modo que o invasor alemão em 1870 e demonstrando o seu alto grau de previsibilidade, acarretam consigo, a par do aparato da sua super-organização militar, os selos impressos que irão servir no território da Alsácia-Lorena, território que eles previam ocupar de forma definitiva. Irão aproveitar ainda do caos em que caiu o serviço postal francês, apesar dos bons esforços de Steenackers, ou da boa vontade dos agentes franceses. Gambetta, saído de Paris a bordo do balão "l'Armand Barbès" a 7 de outubro, emite ainda uma circular prescrevendo que o serviço postal deveria ser mantido a todo o custo, quer conservando os comboios que lhe estavam afectados, quer estabelecendo em comboios especiais, um serviço de ambulâncias. Mas a partir de Paris, de há muito que o caminho de ferro paralisara. A própria estação *du Nord* fora transformada num imenso estaleiro onde se fabricavam os balões tripulados, unica forma de fazer sair de Paris alguma correspondência.



Franquia dupla. Um selo francês e dois selos alemães.

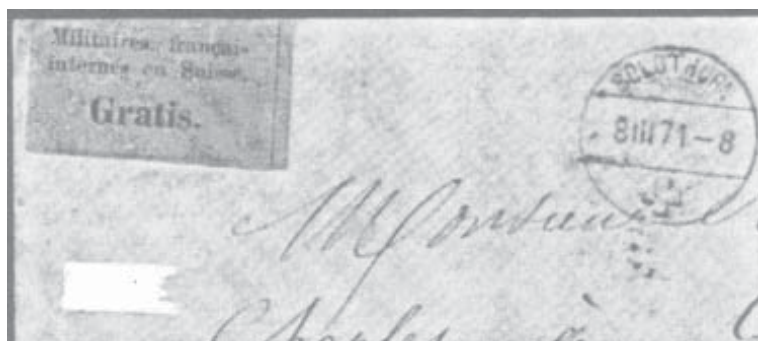
Fonte: Annette APAIRE e Outros, *Le Patrimoine du timbre-poste français*, Paris, Flohic. Pag. 87

Era pois impossível cumprir os termos propostos por Gambetta. Como sabemos, os desvios do caminho de ferro eram longos e complicados, pois para fugir ao cerco alemão, era-se obrigado a seguir itinerários alternativos, por Poitiers, Niort, Saint-Lô, Cherburgo, etc.

A troca de correspondência nos territórios invadidos, revestia-se igualmente de grandes dificuldades, tendo-se chegado a recorrer-se ao trânsito pela Bélgica e pela Suíça.

Um funcionário prussiano administrava o correio nos departamentos ocupados, chegando ele próprio a emitir regulamentos que exigiam por exemplo, que todas as cartas entregues ou recebidas, o fossem sempre abertas. O correio, devido a essas dificuldades, acumulava-se de tal modo em determinados pontos, que foi decidido devolver grande parte das cartas aos seus expedidores, contrariando assim, todos os princípios legais e morais que deve em todos casos presidir a um serviço postal.

A verdade é que cada corpo alemão de artilharia ou cavalaria, era sempre acompanhado nas suas deslocções por um verdadeiro posto de correio ambulante, munido de to-



Carta com marca Suíça e vinheta "Grátis" de militar francês



Correspondência pelo balão "Victor Hugo". Carta dirigida a um prisioneiro de guerra em Mogaburgo. Grande carimbo alemão: "Auswartiges AMT Des Nordentschen Bundes", Confederação da Alemanha do Norte.

dos os acessórios, compreendendo marcas de dia, carimbos e inclusivamente selos especiais em moeda francesa.

A 6 de Setembro 1870, Berlin emite um documento ordenando à administração dos correios de Nancy a emissão de selos tipografados com a designação de Postes e o valor em Centimes. Mas a 26 de Outubro, era já o governador Geral da Alsácia-Lorena alemã que emitia os valores complementares de 5 e 25 cêntimos, como forma de permitir aos alemães o confisco do rendimento do correio francês a seu favor, o que, como se sabe, atingiu um valor considerável. Durante a ocupação uma direcção Superior do correio alemão foi entretanto organizada, continuando a empregar selos alemães em moeda francesa. A 13 de Fevereiro 1871, os representantes das administrações francesa e alemã, estabeleciam um acordo, cujo primeiro artigo dispunha que as cartas simples de Paris para os territórios franceses ocupados pelas tropas alemãs e vice-versa, suportariam uma franquia de 40 cêntimos, percebendo cada uma das partes, 20 cêntimos, não dando nunca lugar a qualquer desconto pela troca de correspondência. Tal facto anormal na sua essência, ira ser traduzido filatelicamente pela existência de cartas contendo um selo francês de 20 C e um alemão de igual valor. Tal anormalidade terminaria em 16 de Setembro 1871, quando da libertação total dos territórios ocupados.

Em 23 de Janeiro de 1871, era estabelecido um armistício forçado, dado que nenhuma outra solução fora encontrada por Paris, após se terem esgotado todos os seus recursos e após os restos do exército francês terem sido obrigados a refugiar-se na Suíça, onde de resto lhes foi prestada toda a hospitalidade, inclusivamente a isenção de franquia dada aos soldados, através de um carimbo designando: militares franceses internados na Suíça.

A 26 de Fevereiro 1871, a França capitula, tendo sido forçada a entregar a Alsácia-Lorena e compelida ao pagamento inacreditável de 5 mil milhões de francos.

São ainda visíveis as marcas da guerra na sua tradução filatélica pela forma como são obliteradas as correspondências. Essas marcas assumem particular importância, na medida em que indicam o local e a data da sua expedição.

A verdade é que as autoridades alemãs exigiam sempre a entrega de todas as marcas obliterantes das estações que iam ocupando. Em contrapartida, os agentes franceses das

idades ainda abertas, destruíam sistematicamente todo o equipamento que não podiam pôr a salvo das mãos do inimigo. Os alemães, todavia, ao entrar nessas cidades, exigiam dos municípios a reinstalação dos postos de correio, onde não raro encontravam o material que fora escondido. É natural portanto encontrarmos oblitterações normais, tal como Soissons, Amiens, etc. Todavia os alemães no sentido de suprir essas dificuldades, tinham o cuidado de prover rapidamente as estações com marcas de dia alemãs, como Strassburg, Elsass, etc. Algumas dessas marcas assumiam o formato de uma ferradura com o nome da cidade em grandes caracteres.

Proximamente referiremos uma outra situação histórica em que o correio funcionou nos limites, referindo a Comuna de Paris, que, como sabemos ocorreu durante o mesmo período 1871.

Tanto mais não precisaríamos de referir para provar como a filatelia é tão prima da Historia.



Etiquetas usadas por diversas agências: Denole, Moreau e Lorin.

2. Por princípio admitiremos que o serviço do correio, sobretudo após a sua sistematização, foi sempre um monopólio do Estado. Chamemos-lhe “monopólio moral”, na medida em que a segurança, a confidencialidade e a eficácia, atributos exigidos a um serviço postal, caem por natureza sob a égide e autoridade do Estado, a quem confiamos as nossas missivas privadas ou a transferência de nossos bens e valores. É assente nesse compromisso, que por exemplo os acordos postais realizados sob diversas circunstâncias por diversas nações, sempre assumiram a categoria de acordos diplomáticos sob representação oficial dos estados envolvidos nesses acordos.

Admitiremos assim, como facto invulgar, que o serviço postal seja exercido por agentes ditos “incompetentes”, no sentido dado ao termo pela legislação original, isto é, por agen-



Sobrescrito da agência Moreau



Anúncio inserido em diversos jornais sobre o serviço postal da agência Moreau.



A parte superior foi retirada pela agência Lorin



Selos apresentando os valores de multa a pagar

tes que não podem ser considerados como tendo a sua competência sancionada por qualquer forma, para exercer esse serviço.

Quando isso ocorre, diremos que o correio se executa sobre os limites, sabendo que por detrás dessa ocorrência, algo de anormal, do ponto de vista político-institucional se passa, perturbando a ordem natural das coisas.

Vimos como isso se passou durante a guerra franco-prussiana, como exemplo de todas as situações históricas em que ocorreu invasão de território com usurpação de poderes, situação em que o Estado transfere as suas funções para o usurpador ou, obviamente, declina essa responsabilidade. O serviço postal surge-nos então entre o rol das funções superiores saídas da esfera da responsabilidade estatal, admitindo-se porém que alguém ou alguma instituição se encarregará desse serviço, sob a pressão que as populações exercem normalmente nessas situações limite.

Tal exemplo seria dado por Paris, quando em 1871, seguindo a dominação alemã, ocorreu um terrível levantamento insurreccional contra o governo central, instituindo esse período conhecido historicamente como a Comuna de Paris. Logo que a insurreição eclodiu, em 18 de Março 1871, o Sr. Thiers retirou para Versalhes o exército e as diversas administrações, deixando o tesouro público, a Banca, o pequeno recheio dos seus museus, etc. à disposição dos revoltosos. A Comuna entretanto institui-se em governo, nomeando o Sr. Theisz para a direcção geral dos Correios. A 20 de Março, Rampon cede-lhe a custo o seu lugar, não sem ter levado consigo para Versalhes, todo o material que lhe foi possível, aí incluindo o stock restante de selos do correio.

Paris ficava assim uma vez mais isolada, enquanto a população, os comerciantes, os industriais, sujeitos forçados à interrupção súbita das relações postais, acusavam Thiers, que nada podia fazer. Agora, apenas uma ou outra estação de correio funcionava no interior de Paris, utilizando os selos de 20 C azuis com a efigie da República, que assim substituíam os selos com a efigie do Imperador Napoleão III, incómodos e despropositados para os dirigentes da Comuna.

Em 4 de Maio, o jornal oficial da Comuna, expedia o seguinte comunicado: "A partir de 4 de Maio, todos os postos de tabaco deverão ser aprovisionados de selos de 1 a 20

C, e encontrar-se em condições de fornecê-los nas quantidades desejadas pela requisição dos interessados”. Todavia as exigências do comércio de Paris, fixava-se sobretudo nas relações com o exterior, apertadamente controladas, o que viria a dar origem à formação de agências intermediárias de correspondência, que assim instituirão a sua própria metodologia e os seus procedimentos particulares.

A primeira agência criada foi a da Praça da Bolsa, que anunciava que todas as cartas entregues na sua estação, em Paris, seriam transportadas nesse mesmo dia, para Saint Denis. Eram então fornecidos sobrescritos endereçados à sua própria morada, os quais deveriam ser inseridos nas cartas expedidas pelos parisienses, de modo a facilitar a entrada das respostas a essas cartas.

A comissão ordinária recebida por cada carta era de 0,50 Frs, o que permitiu à agência acumular enormes lucros. A concorrência, depressa estabelecida, faria baixar a comissão para 0,25, depois para 0,10, para as cartas simples.

Entravamos assim numa situação bastante irregular no que respeita ao serviço postal, não obstante a aceitação tácita de Rampon Ihe conferir um certo carácter oficial.

Mas o público sempre demonstrou a maior desconfiança pela forma como o serviço postal era executado, embora se encontrar dependente das inúmeras agências que foram sendo criadas: Messageries Meuret & Cie., Brunner & Cie., Paul Segon, Moreau & Osmond, Agence Générale des Courses, etc.

O procedimento seguido pelas agências consistia em colar no verso das cartas que Ihe eram confiadas, uma etiqueta gomada, onde era exigida a inclusão de 20 C como comissão, por cada carta. A Agência Moreau, fora entretanto autorizada a colocar as suas cartas nos postos de tabaco, vendendo à partida os sobrescritos à 15 C, recebendo assim a comissão antecipadamente. As cartas retiradas dos sobrescritos, eram depositadas no correio de Vincennes, indicando que para escrever para Paris, elas deveriam ser endereçadas à agência, após Moreau Ihe ter colado no dorso, uma etiqueta.

Moreau tornou-se de facto a agência que maior número de cartas recebeu, devido certamente às suas relações com os jornais da província e do estrangeiro, onde fazia imprimir um anúncio sobre a sua actividade.

Igual relevância obteve a agência fundada por Mr. Lorin,



Gravura de uma manifestação durante a Comuna, onde as mulheres também desempenharam um papel importante.

Considerando que a nossa fraqueza forja
As leis deles, que nos querem escravizar,
Recusaremos as leis de toda essa corja,
Considerando que a servidão vamos esmagar.
Considerando que vem deles a ameaça,
Com armas e canhões de todo o porte,
Decidimos: esta vida na desgraça
É mais de temer que a própria morte.

Considerando que nos fazem passar fome,
Se deixarmos que nos roubem os da alta,
Só os vidros das montras - é o seu nome -
Nos separam do pão que nos faz falta.
Considerando que vem deles a ameaça,
Com armas e canhões de todo o porte,
Decidimos: esta vida na desgraça
É mais de temer que a própria morte.

Considerando que há casas desocupadas
Enquanto eles nos deixam sem um tecto,
Decidimos que serão já habitadas,
Não queremos mais este viver infecto.
Considerando que vem deles a ameaça,
Com armas e canhões de todo o porte,
Decidimos: esta vida na desgraça
É mais de temer que a própria morte.

Considerando que abunda o carvão
E que sem ele ao frio morreremos,
Decidimos ao carvão lançar a mão,
Considerando que a ele nos aquecemos.
Considerando que vem deles a ameaça,
Com armas e canhões de todo o porte,
Decidimos: esta vida na desgraça
É mais de temer que a própria morte.

Considerando que vocês não são capazes
De nos pagar salários em condições,
Passam as fábricas pròs nossos rapazes
E sem vocês já não há preocupações.
Considerando que vem deles a ameaça,
Com armas e canhões de todo o porte,
Decidimos: esta vida na desgraça
É mais de temer que a própria morte.

Considerando que não devemos confiar
Nas promessas mentirosas dessa gente,
Decidimos nós próprios governar
A nossa vida melhor e bem diferente.
Considerando que só a fala do canhão
E não outra querereis escutar,
Só lucraremos com esta decisão:
Virá-lo contra vós e disparar.

(DeBertolt BRECHT, *Os Dias da Comuna*, Ed.
Editorial Caminho. "Resolução", pag. 54/56)

que aproveitando o facto de ser empregado na Gare du Nord, viajava duas vezes por dia entre Paris e Saint-Denis. Esta agência evidenciar-se-ia por uma outra razão, ligada estreitamente à filatelia, ou não fosse sócio da empresa, o reputado comerciante filatélico Mr. Maury. Com efeito, desenvolvendo a ideia posta em prática por uma "messengerie" da rua da Escola de Medicina no Boulevard Saint Michel, que colava nas cartas recebidas por seu intermédio, uma etiqueta sem impressão, sobre a qual era inscrita a importância a pagar pelo utente, Lorin pensou em fazer imprimir selos especiais que seriam apostos nas cartas da sua responsabilidade. Era, como vemos, uma metodologia de certo modo complicada e tudo leva a crer que a sua utilização tivesse sido bastante restrita. Os selos utilizados, tinham na parte superior, a indicação do valor, sendo separados por um picotado, de forma a permitir ao Sr. Lorin fazer a sua contabilidade em relação às cartas expedidas. As cartas continuavam assim a circular com os selos de correio ordinário, mas todas tinham que ter apostas as vinhetas da agência.

A própria direcção da Comuna exigia que se colasse um selo de 10 C sobre cada carta distribuída pelas agências. Todavia, este preceito era de tal modo incómodo para os utentes, que de uma forma geral estes o esqueciam, preferindo deixar a carta seguir como multada, caso em que lhe era aposto o respectivo selo, onde as taxas eram indicadas. Em 27 de Maio de 1871, Thiers, que como vimos se tinha provisoriamente instalado em Versalhes, impõe um cerco à cidade de Paris, e destitui o governo revolucionário. A Comuna extinguiu-se deste modo. Rampon volta de novo à direcção dos Correios, normalizando institucionalmente esse serviço.

Ficou-nos esse agitado período protagonizado pela Comuna, às voltas com um serviço postal prestado sobre os limites.

Breve Incursão Linguística sobre a Filatelia

Toda a ciência, como todo o ramo do conhecimento humano se estrutura num corpo lexicológico, isto é, assenta sobre um vocabulário que lhe é próprio, e através do qual exprime os seus conceitos e os seus princípios. A filatelia não poderia deste modo, escapar a esse fenómeno. Vencido o primeiro obstáculo, que consistia na criação do próprio nome (que Herpin lhe deu), logo tratou de criar o seu próprio corpo vocabular, enfrentando um duplo desafio.

O primeiro, assentando sobre a adopção dos termos e expressões derivados da tecnologia postal, anterior, como sabemos, à própria criação do selo, o segundo, assentando sobre a análise técnica da sua própria estrutura e consequente coleccionismo.

Fixamo-nos aqui sobre o primeiro conjunto de termos, alguns consagrados historicamente e dizendo respeito à estrutura orgânica da manipulação postal, que em termos filatélicos se fixaram no capítulo da marcofilia ou da História postal, onde essas marcas se tornaram mais evidentes. Obviamente que esse vocabulário deverá ter um equivalente linguístico em diferentes idiomas, fenómeno que se passa com muitas outras ciências, embora exceptuando-se o facto de se usarem por vezes os mesmos termos, que assim acabam por ser incluídos nos léxicos particulares de cada idioma, não tanto como um corpo estranho, mas antes como um factor de compreensão diferida. Os puristas lidam de perto com este fenómeno, enquanto constataam a invasão de inúmeros termos de origens linguísticas diferentes, que por arrastamento são trazidos pelas novas tecnologias. Também na filatelia se verificaram esses mesmos problemas, pese embora o facto de decorrerem das mesmas orientações e princípios, sobretudo após a adopção de um sistema universalizado, protagonizado pela Convenção de Genebra.

Ficam-nos, todavia as diferenças do ponto de vista linguístico, atendendo como sabemos a bases etimológicas próprias de cada grupo étnico ou área linguística.

Começemos pela palavra **selo**, que adoptamos a partir da tradição do **sigilus**, selo apostado ou gravado em cera, como forma de autenticar documentos oficiais.

Do **sigilus**, proveio o francês **seau**, que no século XIII passou a grafar-se **sceau** como forma de preservar o seu significado. O francês desprezou porém o termo **sceau** preferindo para designar o selo, o vocábulo **timbre**, que o Larousse define como “marca particular que cada estação de correio imprime sobre as cartas”. O Larousse refere aqui o que designamos como “carimbo” ou mais especificamente “marca de dia”, e os espanhóis conhecem curiosamente como “mata-selos”.

Deste modo, o Larousse adianta de seguida, **timbre-poste** para definir com precisão o selo postal, que por vezes referimos como **selo do correio**.

Noutra área, os anglo-saxónicos deram-lhe o termo **stamp** e assim surge na primeira brochura de Rowland Hill. Daqui vai nascer o verbo **to stamp** no sentido de selar, pôr selo em..., franquear. Franquear, provém da raiz “**franc**” pela via francesa (livre, no século XIII) e na acepção postal “livre de porte” como o Larousse define pela locução “lettres franches de port”, indicando cartas por cujo porte nada há a pagar, i.e. franqueadas.

Todavia, precisando melhor a acepção corrente de franquear/franqueado, os franceses dão-nos **affranchir** que no Larousse vemos “pagar antecipadamente o porte de uma carta, de um envio. De onde **affranchissement** - pagamento antecipado das despesas do porte respectivo. O português, refere o termo **franquear**, de origem muito antiga, que no século XIX se utilizou para exprimir “tornar franco, isentar de imposto” e que na nossa tecnologia postal significa “selar”, i.e “pagar antecipadamente o porte de uma carta”.

O termo franqueado, com a grafia franquiado (S. XIV) significava “livre, isento de imposto”. (...cada anno em essa villa fazedes feira ffranquiada”) (in: Chancelaria D. Diniz).

Os ingleses referem-no como **prepay**, precisamente no sentido de “estampilhar, pagar adiantadamente” e **prepaid** como porte pago, franco de porte.

Ainda decalcado da raiz **franc**, surge-nos a palavra **franchise** no sentido de imunidade, isenção. **Franchise postale** (Larousse) que traduzimos domo “isento de porte” “isenção postal” ou como refere Bordalo Sanches “isento de franquia”, assunto que este estudioso analisou à exaustão.

Depois, seguindo de perto os passos relativos à circulação das correspondências, surge-nos o vocábulo **Taxa**, deriva-

do regressivo de taxar, do latim *taxare* (pôr preço) que já no século XIV significava “preço certo por um serviço)(... da taxa de quanto ham de leuar de frete) (Cf. J.Pedro Machado).

No francês não houve grande desvio do mesmo étimo, na forma **Taxe** - que o Larousse define como “preço certo por um serviço, ou preço pago para regularizar o custo de um bem ou de um serviço, pelo seu total”.

Daí que advém o termo curioso *timbre-taxé*, definindo “vinheta ou marca aposta sobre as correspondências não, ou insuficientemente franqueadas”. O espanhol fixa para *Tasa* o “preço máximo ou mínimo a que por definição da autoridade, se pode valorizar uma coisa”. São maneiras de dizer. Nós reservamos, com efeito, este termo para significar as incidências processuais sobre as correspondências que exibam anomalias (inexistência ou insuficiência de franquia), i.e. que representem um déficit em relação ao preço total do serviço reclamado.

Taxar será portanto “completar por meio de selo ou marca adequada, a importância em déficit” de acordo com a legislação em vigor. Maior dificuldade tive eu em conseguir um termo equivalente do ponto de vistas linguístico, para a palavra **portear/porteado**.

A verdade é que, independentemente do significado ou acepção que lhe atribuímos hoje, como integrando o nosso vocabulário particular, não existe nenhum termo exactamente equivalente nos idiomas da nossa área linguística.

Portear, no nosso idioma, deriva de **porte** (Séc. XVI) “porteam o Mayo à porta, com mais versos ...” (Cf. Sá de Miranda) i.e. no sentido imediato de levar, transportar, etc. Os dicionários modernos, dar-nos-ão “franquear ou selar devidamente, carta ou objecto postal” (Cf. Cândido de Figueiredo/Torrinha). Deduzo portanto que a tecnologia postal admitiu o termo para indicar isso mesmo - i.e., “o pagamento do porte; do valor que corresponde ao preço do porte” O espanhol refere com efeito o termo *portear*, mas dando-lhe o sentido de “transportar coisas por conta de outrem”, que não coincide com o sentido que nós lhe damos. Mas se procurarmos o termo *portear* nos dicionários português-francês; português-italiano; português-inglês (socorremo-nos aqui de dicionários enciclopédicos), recolhemos como significados, respectivamente: *affranchir*, *affrancare*, *to stamp* ou *to prepay*, caindo assim curiosamente num ciclo vicioso linguístico.

É um facto que os dicionários nos dão os significados, não os significantes, de onde deduzo que o termo **portear/porteado** em português, é assim um pouco como a palavra saudade, ou seja, um termo exclusivo e irrepetível.

É também para evitar ambiguidades terminológicas que Bordalo Sanches admite **portear/porteado**, como um simples para-sinónimo de **taxar/taxado**, “Toda a correspondência que não é franqueada por meio de selos, será taxada (porteada) pela Estação de Correio que as expedir” (Cf. Bordalo Sanches. A Filatelia Portuguesa, Outubro 2000. Após ter advertido (ibidem pag. 11) “ser importante o pormenor de que o significado das designações “Franqueadas e Porteadas” no período pré adesivo, não tem a amplitude que posteriormente veio a ter no período filatélico ou Adesivo” .

Desta ambiguidade se escusaram, como vimos, os idiomas da nossa área linguística, onde o termo **porteado** se traduz supletivamente por franqueado.

Estes estudos linguísticos são sempre, reconheçamo-lo, enfadonhos, isto é, pouco atraentes. Também por meu lado não partilho da ideologia dos “famulli” que pretendiam resolver as questões e os problemas do mundo que nos rodeia, pela sua interpretação filológica, pese embora reconhecer como não podemos deixar de aludir a essa interpretação sempre que pomos o nosso real concreto em questão.

Daí que filatelistas/investigadores se tenham socorrido dos dicionários para apoiar as suas conclusões, ou tenham aludido à gramática para esse fim.

Só que neste caso, a questão não é propriamente de gramática, mas sim de linguística, e essa foi a minha preocupação objectiva.

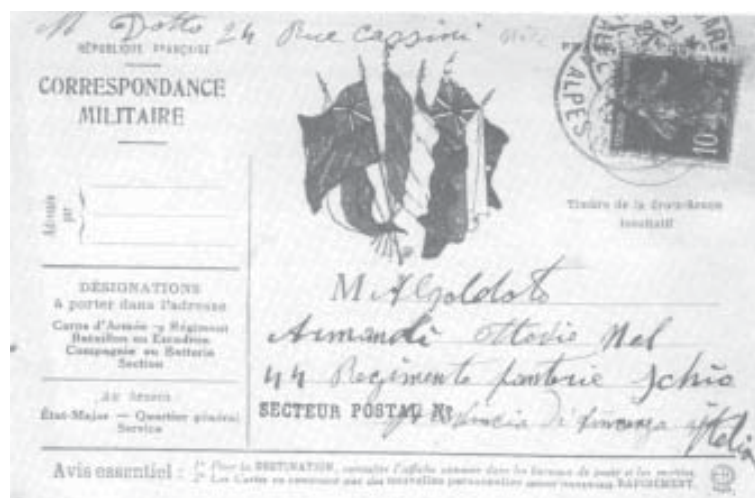
Caridade Filatélica

Dentro do conceito normalmente tomado para designar a filatelia, mesmo no seu sentido mais lato, não deixa de nos surpreender o facto, talvez anómalo, de a podermos associar a uma qualquer acção de caridade, ou de recolha de fundos para fins sociais diversos. Admitiríamos por princípio, que o selo, através do seu grafismo pudesse induzir ou sensibilizar para a pratica da beneficência, como de resto o fez ou tem feito, para a indução de ideias políticas ou de registos ideológicos diversos. Mas referir o selo associado



Selos de França da Cruz Vermelha. Apresentado em folha completa (aqui apresenta-se uma parte) em *Catálogo Leilão Afinsa: Colección 20 Aniversario*. Parte da descrição então apresentada: “1939. 90+35 ERRO DE COR azul ultramarino e vermelho em folha de 25 selos. Peça excepcional e UNICA.”

Correio de franquia militar. O selo a favor da Cruz Vermelha foi apostado voluntariamente, perdendo assim o seu valor postal



a uma pratica de índole fiscal é bem outro assunto que, todavia e após uma longa experiência, poderá ter criado as bases de um subtema consagrado à caridade filatélica. Explicável, pelo facto incontroverso da grande pressão exercida pela necessidade da comunicação interpessoal, que deu ao uso do selo postal, uma inquestionável força económica. Explicável, de outro modo, pela pressuposta ou real necessidade de angariar fundos extras para varias obras (convenhamos que nem sempre justificadamente de benemerência), complementarmente às rubricas orçamentais do Estado, sobretudo quando, por razões históricas diversas, ele enfrenta situações eventuais de calamidade.

Precisaremos neste ponto que se consideram autênticos selos de beneficência, aqueles que, sem possuírem qualquer valor postal, se acrescentam por determinadas ocasiões ou em determinados períodos, aos valores faciais do selo, e cujo montante total reverte a favor da obra proposta. Filatelicamente porém, consideramos sobretudo os selos postais autênticos, a cujo valor facial se acrescentou uma sobretaxa reservada para vários fins.

Temos assim, como primeiro exemplo clássico, os selos de Portugal de 1911 com sobrecarga **assistência** sobre os 10 e 20 reis D. Manuel que, embora perdendo o seu valor postal, constituíam uma franquia suplementar reservada a obras de assistência social. Em 1915, surge-nos outro exemplo, também clássico, também português: o selo de 1 C carmim, com legenda "**Para os pobres**", que são como sabemos, sempre em grande número e sempre carecidos de ajuda. Paralelamente fixaremos as grandes séries da Cruz Ver-



melha portuguesa Porte Franco, 1926/44, com diversos fins e utilizações. Os grandes exemplos filatélicos são-nos porém dados pelas séries em que as sobretaxas são expressas, constituindo formalmente um franqueio duplo, tal como foi seguido por grande número de Estados. Fixamos aqui as séries suíças de 1913 com legenda **Pro juventude**. Os selos de 1919 da Baviera, com sobrecarga “**Kriegschadigte**” que custa a ler e refere “a favor das vítimas da guerra”. Eram selos vendidos 5 p acima do valor facial. Em 1934 a Alemanha inaugura uma série para socorro de inverno, sobrecarga “**WINTERHILFE**”, exemplo logo seguido por grande número de países eventualmente sujeitos a invernos rigorosos. A Áustria 1936, a Bélgica 1941, aliás com as bonitas séries de circunstância, ilustradas com a figura de São Martinho.

Muitas outras séries saem no entanto do âmbito restrito da caridade pura. A Bélgica em 1939 emite selos a favor da reconstrução da abadia de Orval; a Espanha em 1928 emite as séries Toledo e S. Tiago, vendidas a favor da obras espanholas católicas, destinadas a subsidiar as escavações das catacumbas de D. Damásio e São Pretextat. Em 1928 Portugal dedica uma selo com sobretaxa obrigatória a favor da equipa portuguesa dos Jogos Olímpicos de Amesterdão.

Depois, temos os selos com sobretaxas propostas para a luta anti-tuberculosa, com grande divulgação, durante um período em que esta enfermidade constituía um enorme flagelo, protagonizados pela emissão belga de 1939 ou da Espanha 1942. Em 1965 a Dinamarca emitia uma série de apoio as sociedades de protecção a criança, no seguimento de muitos outros países, e em 1966, emitia uma série a favor dos refugiados.

Aludiremos neste ponto, aos dramáticos selos da URSS de 1921-22-23, a favor dos famintos do Volga, ou revertendo a favor dos trabalhadores indigentes. Selos com sobrecarga “**Golodaiotchim**” isto é, para os famintos, vendidos a 25 rublos, dos quais 5 revertiam a favor das famílias carenciadas. Foram emitidos em Rostov e eram apostos acima do valor ordinário de franquia. Ficaram-nos ainda, para uma alusão mais detalhada, as emissões de franqueio duplo para apoio à Cruz Vermelha, prática seguida por inúmeros países, mas de que talvez a França constitua um exemplo notável. A emissão de 10 de Setembro de 1914, inaugura com efeito esse tema magistral, sendo que a Fran-



Expressão dramática de uma situação de crise sob compromisso filatélico.



Alguns dos selos da série dedicada aos intelectuais desempregados.



Para salvar a raça. Assistência à criança com ajuda filatélica

ça faz gala desde então em emitir uma série anual dedicada a essa instituição internacional de socorro e beneficência.

Aliás a França utilizou exaustivamente esse recurso à via postal (diria filatélica) através de séries contemplando, por exemplo, os intelectuais desempregados, em séries normalmente muito belas, e ilustradas com os grandes vultos da sua cultura e não só. Em 1937 omite um selo com a lagema (**Pour sauver la race**) que nos deixa de certo modo intrigado quanto ao seu objectivo real, e em 1938 emite um selo de apoio aos repatriados de Espanha.

Temos a consciência de não termos sido exaustivos nos exemplos que apresentamos, mas temos a consciência, isso sim, de termos aludido a um tema filatélico com algum interesse.

Não conhecemos, nem foi possível obter informações precisas sobre os valores cobrados através das sobretaxas utilizadas neste ou naquele caso, nem da sua eficiência nos casos propostos. Todavia, suponho ser essa prática relativamente atraente, dado o seu uso tão exaustivamente seguido por inúmeros Estados, que o tornaram possível, pelo facto de os serviços postais constituírem em toda a sua plenitude, uma função de serviço público sob sua responsabilidade total.

Mas sejamos coerentes e usemos algum sentido científico para as nossas contas, que não darão obviamente um valor muito exacto, mas ainda assim fiável para servir de referência. Tomemos como exemplo a série “Pour les Chômeurs intellectuels”, que teve no seu conjunto uma tiragem de 3 milhões de copias. Multiplicando esse numero pelo valor da sobretaxa (90 C) dá-nos cerca de dois milhões e meio de francos, valor de 1939 e partindo do principio que a série se esgotou. O selo a favor dos repatriados de Espanha, (1938) teve uma tiragem de 717.800 copias, que multiplicadas por (60 C) dará aproximadamente meio milhão de francos em fundos utilizáveis. E assim por diante. Quero eu dizer que o processo em si, não é tão negligenciável como possamos pensar, representando, na maioria dos casos um valor económico apreciável.

O futuro ditara por certo outras vias. O desejável seria talvez já não haver necessidade de exercer caridade onde quer que seja. Mas qualquer reflexão sobre esse tema, sairia obviamente do puro âmbito filatélico.

O Correio do Futuro

De modo algum pretendo fazer reviver essa recente polémica em torno do futuro do correio, tal como o conhecemos, isto é, como o meio privilegiado para o intercâmbio das comunicações escritas. Obviamente referindo a sua implicação sobre o campo da filatelia, subsidiário natural do sistema e seu reflexo mais visível.

Isto apenas porque estou reflectindo ainda sobre as recentes declarações do novo “guru” da internet, que prevê que a rede de correio electrónico triplique nos próximos anos. Ninguém, ao que suponho, fez ainda as contas resultantes desse impacto. Em muitos casos, tais contas criariam um grande sentimento de frustração entre os filatelistas apaixonados, para não falar daqueles que, talvez um pouco como eu, sempre valorizaram o género epistolar como meio e poder da comunicação escrita tomado como o centro das relações inter-pessoais. A comunicação, hoje, obedece melhor ao critério da velocidade, ao estereotipado das fórmulas que prescinde daquelas expressões onde se reflectiam os nossos sentimentos, como vai prescindindo daqueles momentos protagonizados pelos diálogos que Pablo Neruda mantinha com o seu carteiro.

Perdeu-se a interferência humana nas comunicações pessoais, como já havíamos perdido quando da automatização do serviço telefónico, com a perda irremediável da omnipresença de uma telefonista que nos orientava.

Cada vez mais lidamos com máquinas. Máquinas que falam, que compreendem, que resolvem, que decidem. E cada vez mais dependemos delas. Claro que tudo tem um curso. A mudança é implacável. Não nos resta mais que nos adaptarmos às circunstâncias que ela nos vai criando, sob o risco de vivermos na angústia permanente dos inadaptados. Será então que amanhã, no mundo automático que estamos criando, prescindiremos de um serviço personalizado de correio, que nos vai permitindo perguntar ao carteiro se leva cartas para a nossa morada? ou isso se está tornando obsoleto?

Um mundo em que as pequenas vinhetas que documentavam o pagamento do porte deixaram de existir? Em que a filatelia se contentará com os “stocks” herdados dos bons velhos tempos? Em que a filatelia moderna envelhecerá com os últimos documentos escritos, escapados às memó-

rias electrónicas?

Estamos apenas no começo dessa era. Muitos estarão relutantes em aceitar estas conclusões tão drásticas, que não decorrem inteiramente do domínio virtual das especulações, mas antes assentes sobre a extrapolação de uma constatação da nossa realidade.

O que se perderá talvez, e disso não terei dúvidas, é a força histórica que o selo representou no passado (eventualmente ainda hoje representa) na medida em que o selo era tomado como um dos elementos estruturantes da afirmação simbólica de uma nacionalidade.

Tenho por varias vezes desenvolvido esta tese, que documentei com inúmeros exemplos históricos. É pois bem natural que o futuro globalizante que aí vem, em que grande parte dos elementos que sempre definiram e consagraram as nacionalidades, se vão adulterando, incluam o selo postal nesse rol de coisas dispensáveis. Restar-nos-á a alternativa proposta pelo Dr. Carlos Pimenta, organizando museus cibernéticos e colecções virtuais, sequências hipermodernas daquela velha actividade que nos aliviava do “stress” e nos alimentava os ócios.

